



KARTE

der bewohnten Grundstücke
 der Colonie Blumenau

Beilage zur Allgemeinen Auswanderungs-Zeitung Rudolstadt
Nr. 35 vom 27. August 1858

N^o 12

Pasta 4/3.

N^o 29

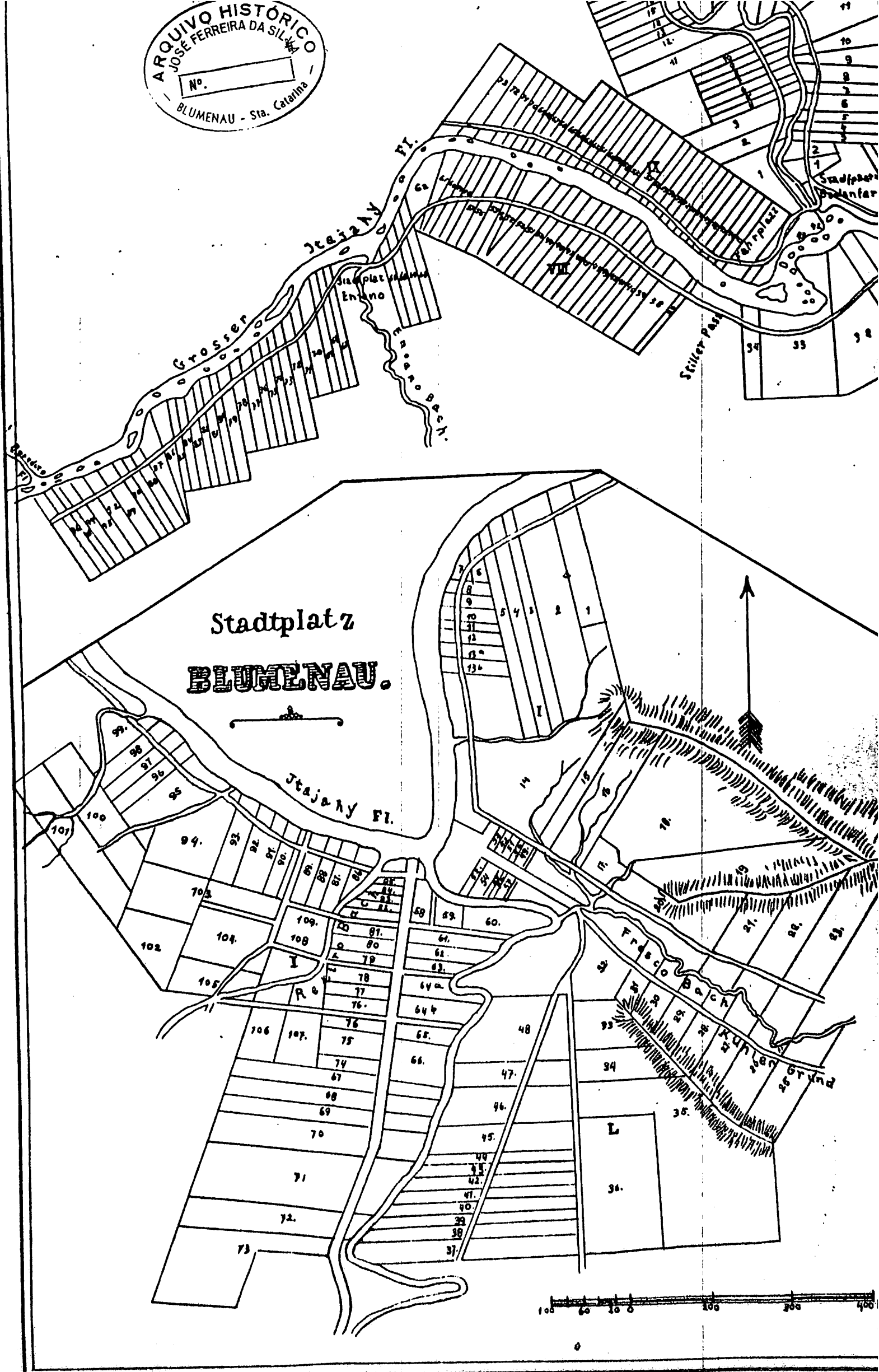
P. 02.11

111

P. 2.11

111

Teil "Blumenau au Corderus". Tomus IV pag. 110 unde se describe

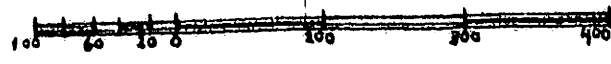


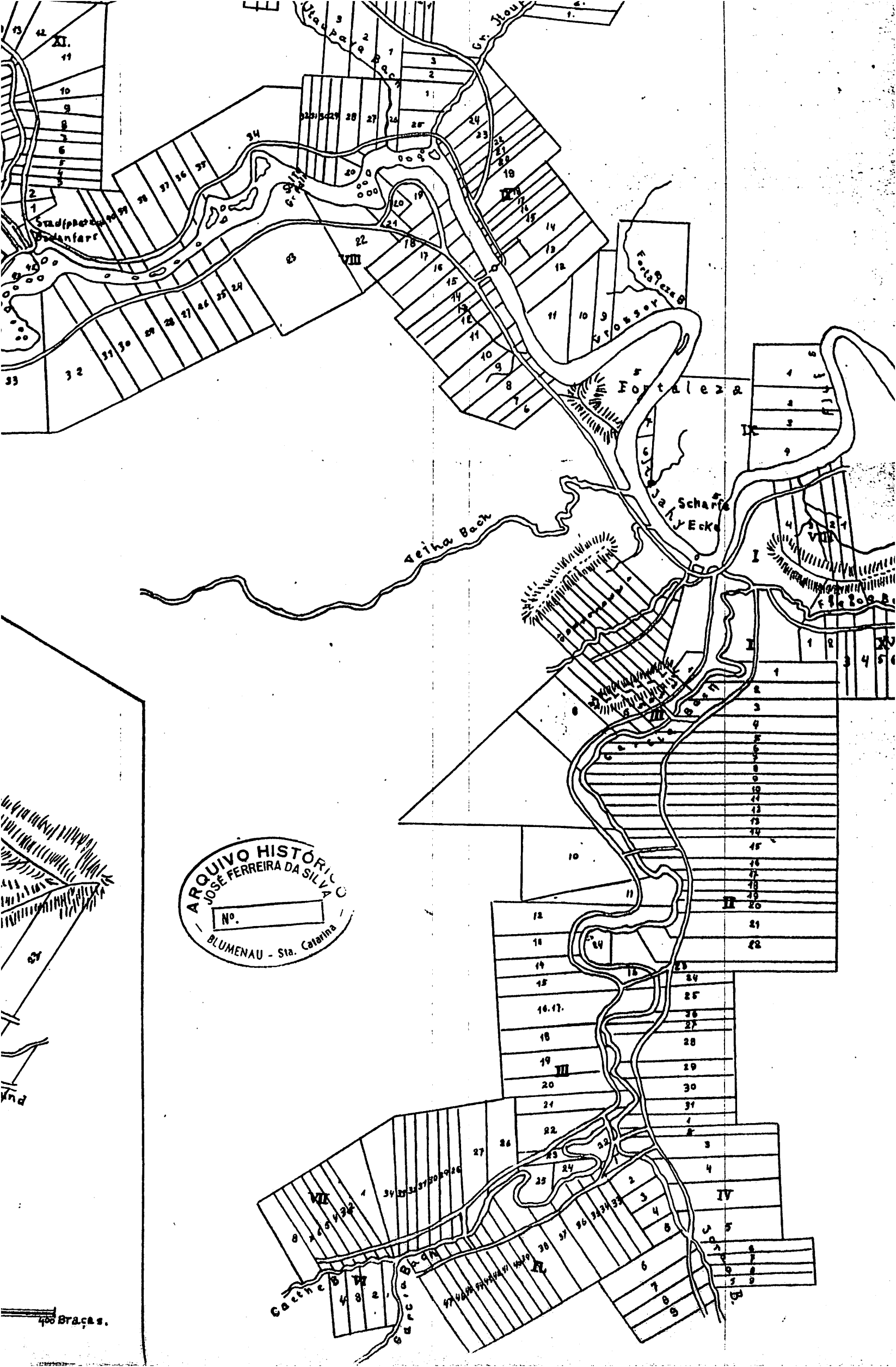
Stadtplatz
BLUMENAU.

Jtaiky Fl.

Frisco Bach

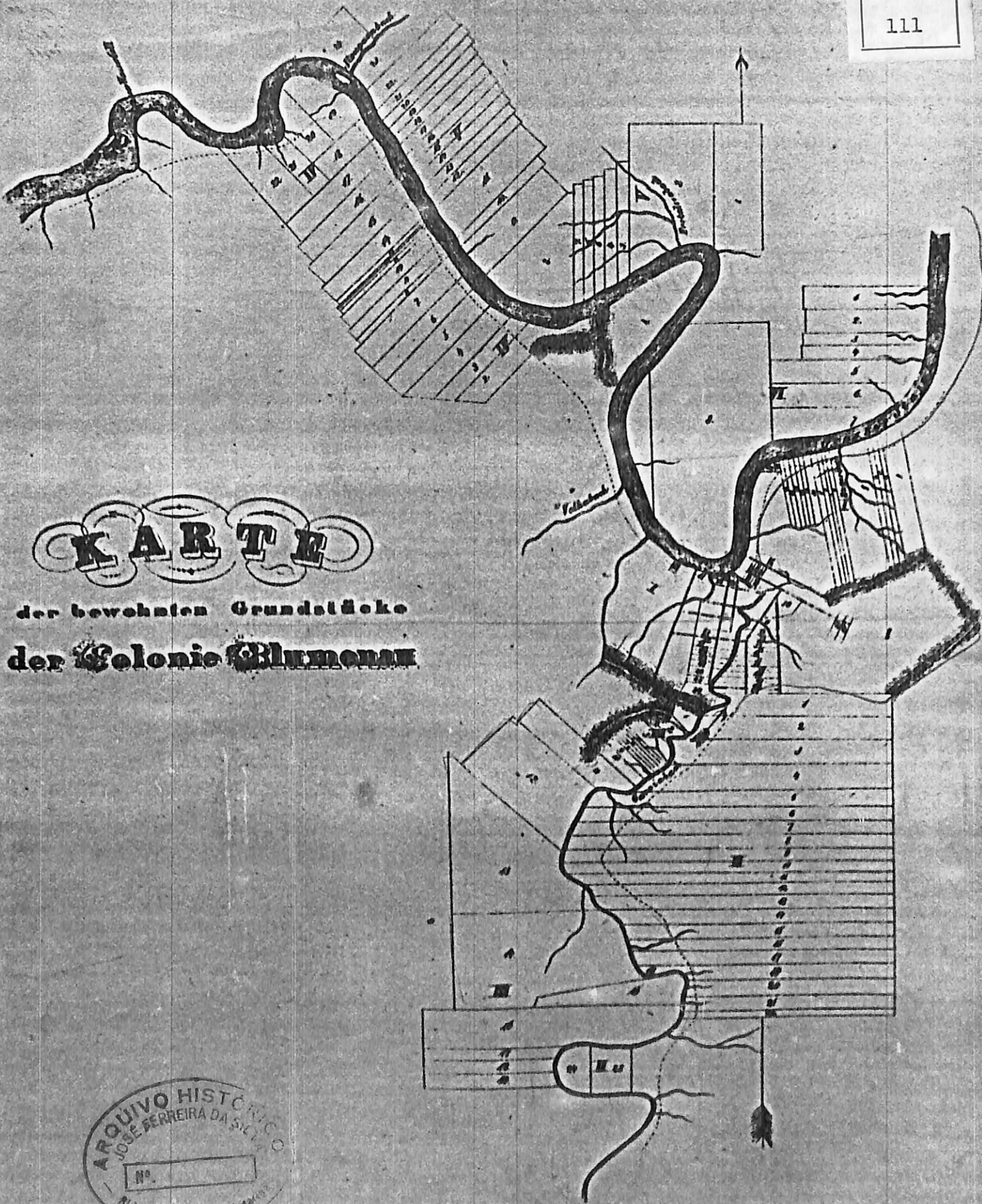
Kuhlengründ





ARQUIVO HISTÓRICO
 JOSÉ FERREIRA DA SILVA
 No.
 BLUMENAU - Sta. Catarina

400 Braç. S.



KARTE

der bewohnten Grundstücke
der Colonie Blumenau



Colônia Blumman

- Maio de 1857 -

PO2.11

112

(Cópia do doc. original, do proprio punho do fundador)

No meu relatório, que tive a honra de dirigir ao Exmo. Sr. Director Geral das terras publicas, expuz largamente os progressos e o estado da minha colonia no fim do anno p. p.

Impedido por continuos incommodos de saude e sobrecarregado de trabalho pela chegada de muitos colonos, e repetida doença do meu guarda livro, no principio do novo anno, não me foi possível concluir o antês de 10 de fevereiro e expedil-o senão em 17 ao Delegado do Exmo. Sr. Director Geral em S. Catharina, a cujas mãos chegara em 24 do mesmo mez. Apesar das minhas instancias, de mandal-o à repartição geral com a possível pressa, ficara porém fazendo na Secretaria do Governo de Santa Cath. por hum inqualificavel desleixo, até fins de março e não chegava à cõrte senão em 4 de abril, de maneira que se tornava quasi impossivel tirar hum extracto do mesmo relatório, pelo qual se podia conhecer o estado da colonia, avaliar os seus progressos, como as difficuldades com que lutei e ainda tenho a lutar, e enfim fazer-se hum juizo comparativo com diversas outras empresas coloniais. A falta de pormenores sobre a minha empresa no Relatório do Exmo. Sr. Director Geral seguramente que não me servirá de recommendação.

Que todavia não tenho a temer tal comparação até com a colonia D^a Fran^{ca}. que tanto foi favorecida e cujos emprehedores dispõem de tão grandes fundos pecuniarios e gozão de tanta influencia em mais de hum parte e região e ainda menos com outras ^{que} tais empresas; que sobretudo cuida em introduzir lavradores trabalhadores, favorecendo, animando o mais possivel a agricultura, se pode deduzir dos seguintes dados estatisticos. A colonia D. Francisca havia de introduzir no anno p. pas. 1.000 colonos e introduzio ef-

fectivamente 556 ou 55 6/10% d'aquelle numero; todos estes lhe são abonados na conta dos premios forhecidos pelo G. I. numa vez que forão embarcados do porto de Hamburgo para o porto de S. Francisco e neste desembarcados embora não entrem todos elles effectivamente na colonia, mas logo e até da cidade de S. Francisco se dirijão a outra parte. Eu devia introduzir 400 colonos e tendo effectivamente introduzido na colonia 290, a proporção he de 72 5/10% d'aquelle numero; se porem me fosse abonado na conta o numero total dos colonos, embarcados em Hamburgo com destino ao Itajahy e desembarcados na Provincia, mas que logo, em numero de 59 pessoas, logo se dirigião ou forão alliciados e angariados para outras partes, a proporção teria sido de 87%. A população da colonia D. Francisca foi de 1428, a da colonia Blumenau de 468 almas, e, juntando-se a esta a população allemã ao pé della, que de direito lhe devia pertencer, ou ser levada em conta, em numero de 81 almas, he de 549. N'aquella colonia existem 215 e nesta, incluidos 16 fogos allemães ao pé della, 110; e contando-se os fogos em construcção no fim do anno p.p. e actualmente acabados, 118 fogos. A proporção dos fogos á população he pois n'aquella colonia como 15 a 100, e na minha, contando-se exclusivamente a propria colonia com 468 almas e 94 fogos acabados, excluidos os que se achavão em construcção he de 20% e juntando-se-lhe a população allemã ao pé della e os fogos então em construcção e hoje acabados, he de 21%. Naquella colonia havia sobre 556 colonos introduzidos em 1856 hum accrescimo de 17 fogos ou 3%. Na minha sobre 290 hum dito de 40 fogos ou de 13 8/10%.

Segue-se dahi que estabeleci e introduzi numero de familias relativamente muito maior. Naquella colonia havia sobre 1428 almas, 79 animaes vaccums e 68 cavallares. na minha 76 vaccums e 11 cavallares e muares sobre 468 almas, o que quer dizer que nesta o util excede muito ao agradável. Naquella, que existe desde o anno de 1854 e sempre foi favorecida por huma consideravel e regular immigração, existem 30 engenheiros de farinha de mandioca, 9 de aguardente, 4 de arroz, 3 de moer milho e 2 de serrar madeiras. Na minha, que principiaava dous annos mais tarde com fraguissimos meios pecuniarios e diminuta immigração, em que no anno de 1853 entravão apenas 8 colonos e que em 1855 quasi na sua totalidade foi devastada por huma terrivel inundação, que destruiu 5/6 de todas as plantações e causou outros innumerables estragos e perdas, existem sempre 5 engenheiros de mandioca, 5 ditos d'assucar com um apparelho centrifugo para sugar-o, e 3 alambiques, dois de moer milho e 2 de serrar; e se não houvesse a desastrosa enchente, que tantas perdas e prejuizos causava a mim e tanto rechaçava a maior parte dos colonos na sua fortuna e prosperidade, este numero seria muito maior, augmentando-se todavia ainda no presente ao anno por alguns engenheiros.

É note-se ainda que segundo os calculos do antigo secretario da companhia da Col.ª D. Francisca, nesta entrava e foi empregado desde o seu principio até fins de 1855 uma somma maior de 700.000 Thalers de capital particular alem das consideraveis quantias que por conta da companhia foram dispendidas; acho esta somma muito exagerada, mas reduzindo-a até a 200.000 Thalers ou 260 contos de réis ou a $\frac{2}{7}$ da sua importancia constitue ainda sempre mais do decuplo do cabedal particular entrado na minha colonia, não havendo alem disso ~~mais~~ n'aquella tantas causas de perdas e destruição, enchentes, etc. como no Itajaly. O progresso d'aquella colonia comparado com o mesmo da minha prova, ^{pois} ser muito maior.

Exhibindo o referido, não he nem pode ser da minha intenção querer rebaixar a Col.ª D. Francisca e seus empregados e exaltar-me a mim ás suas custas; a florescencia de huma aproveita tambem a outra colonia e da prosperidade d'aquella depende o engrandecimento da minha ainda mais, do que o engrandecimento da Col.ª D. Francisca da prosperidade da minha, por ser esta a muito respeito a inferior. Alem disso dei bastantes provas do desinteresse aos proprios directores d'aquella colonia e todos os meus folhetos, publicados na Alemanha provão, que não trabalho em favor só da minha empresa mas da colonização brasileira - allemã em geral. Mas a indisposição com que parece, que em certas partes são contempla- dos a minha pessoa, meus esforços e minha empresa, me constrange a rehabilitar os factos e sua logica, afim de que a minha colonia que já lucha com tantas difficuldades, não fique ainda mais prejudicada por esquecimento ou influencias menos benevolas.

Tendo eu assim exposto no meu relatório o progresso e o estado actual da colonia, passei ás dif-

ficuldades que me rodeiam e aos obstaculos que achei para fazer tudo o que desejava e ainda mais do que effectivamente fiz e podia fazer. Mencionava os bugres gentios que tendo no anno p.p. assassinado dois colonos recém-chegados, pais de familia e no presente hum brasileiro estabelecido não muito distante da barra, andão sempre vagando naquella região e não me permitem de estabelecer os colonos como muitas vezes era preciso e conveniente, mas de maneira tal que cada nova habitação se ligue a huma casa e derrubada já existentes e destas possa ficar vigiada não podendo eu arriscar-me sem o maior perigo, a estabelecer hum colono no pleno matto, até quando a sua casa não ficasse da proxima habitação distante senão cem braças, porem fosse inteiramente cingida pelo matto. Reclamei, pois, visto que ás rondas dos doze pedestres existentes como guarda na colonia, não podem sempre prevenir e impedir hum sobresalto ou assassinato e tal funesto acontecimento grandemente havia de comprometter o futuro da colonisação no Itajahy, certas medidas e autorisações contra este mal e que me seja concedida huma pequena quantia, para poder fazer hum tratado com os bugres ou rechaçal-os por meio de entradas e represalias igualmente sanguinolentas como os sobresaltos dos bugres.

Fallei então sobre as differenças dos preços do trabalho, dos viveres, das commissões dos agentes e em fim de todas as mais despesas inherentes á minha empreza no tempo em que estabeleci os calculos, que serviam de base ao meu contracto com o G.I. e na epóca recém-passada ~~era de 2\$340, 3\$900 e quando muito de 5\$460 por colono adulto, entretanto que no anno passado paguei 13\$000 e hoje me pede 20\$000 por "cabeça" de adultos e 13\$666 de menores (ou 2/3 do premio que o G.I. paga aos emprehedores de colonias) ou 15\$000 por adulto, 20% do producto bruto da venda das minhas terras e, no fim de dez annos, 25% do valor da minha propriedade territorial. N'aquella epoca calculei as despesas da~~ e na actual e sobre os grandes e quasi insuperaveis embaraços em que fui posto pela mudança que desd'então se deo nos mesmos preços e despezas. Esta mudança foi em effeito tão enorme e tanto alem de todas as presupposições razoaveis que completamente e para grande prejuizo e animo meus destruiu todos os meus calculos anteriores. Tendo eu estabelecido os mesmos nos meados do anno de 1854, da maneira mais conscienciosa e segundo as minhas experiencias, colhidas desde annos não tomei e razoavelmente não podia tomar em conta hem as consideraveis perdas de capital que logo depois soffria directa e indirectamente por diversas causas alem do meu querer e poder e sobretudo pela feferida enchente e suas funestas consequencias e tão pouco podia prever hum augmento de todos os preços e despezas tal que fez subir geralmente á mais de dobro e até ao triplo e quadruplo a quantia, que a principio eu havia calculado como indispensavel e sufficiente. O meu ponto de mira foi a continuação, a prosperidade e o engrandecimento da minha empresa e não pedia della outros lucros, que não forem os precisos, para poder sustental-a com vigor e eu modestamente viver; foi a minha ambição e meu orgulho á risco e a todo o transe o meu contracto e assim evidenciar que, quem for guiado por experiencia e dotado de actividade, boa vontade e rectidão mesmo com diminutos meios possa fazer alguma e até muita cousa. Fiz pois calculos conscienciosos e razoaveis; dando-se logo hum pequeno desfalque, esperava poder cobril-o, diminuindo a hum minimo os meus gastos pessoases e sacrificando o modesto lucro, que julgava em parte poder e dever esperar. Não podia porem prever nem tomar em conta, que em vez de hum pequeno lucro, que estava disposto a sacrificar, se dessem infortunios extraordinarios e fora de qualquer probabilidade e em consequencia perdas e prejuizos bem consideraveis para as minhas circumstancias; e ainda menos podia prever o exorbitante augmento de todos e quaesquer preços e despezas. Em effeito a mesma quantia com que na epoca do estabelecimento dos meus calculos podia estabelecer e sustentar 300 colonos, hoje chega apenas para cem e quando muito para 130 até 150; n'aquelle tempo pagava-se ao agente engajador e expedidor de colonos a commissão de 2\$340, 3\$900 e quando muito de 5\$460 por colono adulto, entretanto que no anno passado paguei 13\$000 e hoje me pede 20\$000 por "cabeça" de adultos e 13\$666 de menores (ou 2/3 do premio que o G.I. paga aos emprehedores de colonias) ou 15\$000 por adulto, 20% do producto bruto da venda das minhas terras e, no fim de dez annos, 25% do valor da minha propriedade territorial. N'aquella epoca calculei as despesas da

factura da estrada da barra d'Itajahy até a colonia de huma extensão de pouca mais ou menos doze leguas em Rs.5:500\$000, hoje e depois da terrível enchente que levava a maior parte das pontes então existentes e deo huma lição dispendiosa porem instructiva, contra cuja repetição se deve tomar cautela não posso calcular essas despesas em menos de 15 contos, alem d'aquillo, que já gastei e o snr. Presidente da Provincia julga, que apenas 25 hão de chegar. O mesmo se deo e ainda se dá com as mais construcções para uso publico, que me obrigara fazer ás minhas custas; como com caminhos e edificios particulares, com a medição das terras e emfim com todo e qualquer trabalho e despeza que geral e regularmente he o dobro e muitas vezes o triplo e ainda mais d'aquillo, que faz 4 annos calculei e naquella epoca razoavelmente podia calcular. Chegando hum numero de colonos e calculando eu logo de hum lado a importancia das diversas commissões, gratificações e mais despesas directas do transporte á colonia, gratificação do empregado d'alfandega, que devo pagar á caixa desta, emfim a despeza geral com o respectivo transporte dos colonos até elles terem chegado á colonia, do outro lado a receita proveniente dos premios pagos pelo G. Imp. e da venda das terras, unicas fontes d'quella, sahio como resultado final, que desta receita deduzida a importancia das despesas por ora não me ficavão senão 30% e no decurso e fim de tres annos mais 15 a 20%, provinientes estes da venda das terras vendidas á praso. E com estes 30, respect. 45 e quando muito e muito 50% devo pois sustentar a empresa a todos os respeito, pagar guarda livros, agrimensor etc., medir terras, fazer caminhos na colonia etc. e emfim cumprir as obrigações a que me comprometti e sujeitei para com o G. I. He obvio que he isso huma absoluta impossibilidade.

Tendo assim no meu relatorio exposto este lado da minha empresa, a ponto de tantas e tão graves perdas pecuniarias e do enorme augmento das despesas, a posição desvantajosa e até critica, que para mim e a continuação da minha empresa, dahi resulta, tendo ligeiramente apontado, que as obrigações, com que fui carregado são infinitamente maiores e mais peizadas, as quaes são auxiliadas com consideraveis quantias para construirem egrejas, casas de escola, moradas de padres e fazerem pontes e estradas, entretanto que eu devo fazer tudo isso ás minhas proprias custas - passei ao outro lado da empresa e ás probabilidades de maior successo e progressivo desenvolvimento como ás bem fundadas esperanças, que neste respeito com razão posso nutrir.

Julguei-me com direito, de mencionar a continua e sempre crescente bõa reputação, de que a minha empresa goza na Allemanha; a critica benevola, com que a imprensa allemã acolheo o meu ultimo folheto e relatorio sobre o estado da colonia no momento actual e meu systema e minhas intenções para o futuro; a excellente maneira, com que em toda a parte tanto da dos governos como de particulares e empregados de influencia foi acolhido e favorecido o meu sobrinho, que como meu agente havia mandado á Allemanha sendo ainda nomeado por S. A. R. o Duque de Brunswick, soberano da minha antiga patria, seu consul na provincia de Santa Catharina; a apontar, quanto aquelle acolhimento e esta nomeação sejam honrosos para mim e proveitosos á minha empresa e seu progresso, não tendo tido até agora exemplo algum de que se tenha tratado a hum

agente de emigração com tanta consideração e condescendencia e não podendo isso deixar de favoravelmente influir sobre o animo d'aquelles que se preparam á emigração. Enfim explicava - eos dados estatísticos fornecidos affirmam esta exposição - que o estado actual da colonia é prospero e esperançoso, que ella progride visivelmente não obstante a mingua dos meus meios pecuniarios, pouco proporcionados a tal empreza; não obstante as perdas e que ainda co contribuirão para diminuil-as e a pezar dos desastres de que a colonia e os seus habitantes em geral foram affligidos pela terrivel enchente ou per lamentaveis consequencias ainda hoje se fazem sentir, he verdade, porem não podiam desanimar nem a mim, nem aos meus colonos. Conclui dizendo, que a minha empreza não tinha a temer a comparação com alguma outra desta natureza e que, tomando-se em conta de parte a parte e imparcialmente todas as circunstancias favoraveis e prejudiciaes, talvez haja de levar a palma a todas as mais.

Em seguida indiquei algumas necessidades da colonisação no Itajahy e, sobretudo, quanto era conveniente e necessario, que os vapores da linha intermediaria dos portos do sul tambem tocassem no Itajahy como o fazem em S. Francisco, offerecendo a barra do nosso bello rio entrada e sahida sempre franca e ancoradouro seguro para navios de 15 até 16½ palmos de calado d'agua. O accrescimo de despesas, que havia de resultar aos respectivos empresarios, he diminuto e muito e muito era a desejar, que no contracto delles, que ainda está pendente no Senado fossem obrigados, a tocarem com os seus vapores tambem no Itajahy.

Finalizando o meu relatório, não me podia abster de falar do máo estado da minha saúde e quanto elle, desde mais de hum semestre se havia empeiorado, difficiltando e até muitas vezes impedindo me nos meus trabalhos. Em effeito os meus padecimentos rheumaticos e gastrico-hemorrhoidaes repetida e periodicamente me impediam e impedem por inteiras semanas nos mais urgentes affazeres e delles e sobretudo de huma extrema irritabilidade nervosa que me atormenta, não tendo d'esperar alivio e confortação, senão por hum tratamento hydropathico n'um clima frio ou temperado, cujo tratamento em condições analogas já huma vez me restituira a saúde e vigor. Esta irritabilidade chegava infelizmente a hum ponto tal que huma forte incolerisação, scena ou afflicção, que infelizmente frequentemente se repetem, por dias me deita doente e torna incapaz a qualquer importante trabalho espiritual, o que não deixa de consid ravelmente prejudicar o andamento regular e propicio dos negocios da minha empreza. Não posso attribuir este estado senão aos muitos cuidados e afflicções, que me opprimem, á anciedade que continuadamente me atormenta como honrosamente poderei cumprir as minhas promessas e obrigações e sobretudo aos immensos desgostos que, quaes incessantes agulhadas desde mais de hum anno amargarão os meus dias e tornam in supportavel a minha actual existencia. Posso ufanar-me de ser dotado de alguma perseverança e de huma paciencia a toda a prova e deia disso bastantes provas; o que porem soffri no ultimo anno foi até além dessa paciencia, foi capaz de tornar louco o homem mais frio e pacato e arruinar a mais forte constituição physica. Sou muito acostumado a supportar fadigas, a combater e vencer difficuldades que hum fado pouco benigno me preparava na minha carreira; generosamente auxiliado procurei sempre tornar-me digno de tão benevola protecção e merecel-a realmente se assim podia resistir e resisti aos mais fortes golpes e não desanimei nas mais criticas conjuncturas. As mentiras, calumnias e malevolas insinuações, que na minha vizi-nhança e na capital da Provincia sobre mim foram espalhadas e as vezes profundamente me ferião, oppuz a consciencia de que sempre tenho obrado e estou obrando segundo os principios da mais rigorosa rectidão, segundo os dictames da benevolencia e de huma bem entendida da philantropia pratica, e de huma experiencia adquirida por longo tempo, que applico ás peculiaridades do momento. Posso á este respeito proporcionar as mais amplas informações e não tenho a temer a

mais rigorosa inquirição, uma vez, que seja justa e imparcial e tomo em consideração todas as circunstancias: os meus livros de conta estão em boa ordem, em dia e abertas a quem quizer examinal-os, a colonia está aberta a quem quer visital-a e os meus actos não são semelhantes ~~aos principios~~ como ~~o meu systema~~ e os meus principios na materia da colonisação.

E' uma triste porem imegavel verdade, que a plebe do paiz não quer colonisação livre e independente, que persegue aberta e occultamente a quem a promove e é condemnado viver na sua esphera, e que o G. Imp. demais a mais deve tomar a colonisação na sua propria mão e sob suas immediatas e vigorosa protecção, quando quer, que ella progrida e prospere; a "plebe" pertencem porem infelizmente tambem muitas pessoas, que receberam alguma educação e erudição, ou pelo menos pretendem tal-a recebida, que são capitães, maiores e coroneis da Guarda Nacional e ~~precisam~~ possuem, alem de algumas duzias de escravos, habitos da Rosa e do Christo e por isso gozam de influencia do seu circulo e fazem o papel de potentado de aldeia. Do outro lado os colonos são insaciaveis e tanto mais ingratos, quanto maiores os esforços, que se fazem seu beneficio, e ambas as partes não podem ou querem comprehender, que um homem possa haver outro motivo das suas acções que não for a cobiça, que possa aspirar a outra cousa, que não for amontoar riquezas. Fica alem do horizonte não só desta, mas até de muita outra boa gente, que tem a pretensão, de pertencer á classe intelligente e instruida, que um homem que está no pleno gozo de seu juizo posso arriscar, sacrificar e empregar tudo que possuia e possui de fortuna, devigor physico e intellectual, para conduzir ao fim uma obra ou um systema, que chama seu e ~~prova~~ provar as vantagens e a exequibilidade della; que tal homem se possa contentar com a consciencia, de fazer uma obra boa e bella e com o prazer e satisfacção, quando ella prospera e progride; que enfim procure no seu circulo providenciar e cuidar não só para o actual momento mas até para tempos remotos. Taes ideas não entram no cerebro de tal gente, que até se assenta na representação provincial, e emquanto huns me chamão um astuto, que se arranja e amontoa dinheiro às escondidas, outros me qualificam de tolo, que não sabe aproveitar a occasião e fazer a tempo a sua pechincha. A intriga, a estúpida e bem mal intendida inveja lavra a calunnia me conspurca e forte na minha consciencia e oppondo-lhes os meus actos, que são patentes; a minha vida privada, bem modesta e até austera, e algarismos que não admittem varia interpretação nem replica em minha defesa, posso desprezar e as desprezo apesar de muitos me profundamente offenderem. Quando porem a surda guerra, que me fazem, sobe e me preparo chicanagem em toda a parte, quando me criam difficuldades gratuitas; quando ~~assim~~ saciam a calunnia, insultos, desabrimentos e injurias em pleno publico e quando ainda entao ficam directa ou indirectamente protegidos por pessoas, que eu devo considerar como os meus superiores, quando enfim reclamo da minha parte debalde, não digo protecção, mas mera justiça e observação das leis - em tal situação até a minha perseverança e paciencia se exgottam e nem physica nem moralmente ~~soho~~ forças bastantes, para resistir a taes contrariedades e desgostes.

E isso é, o que me acontece desde mais de anno e meio. O actual Snr. Presidente de Santa Catharina, averso á immigração allemã em geral e especialmente quando for protestante, não parece muito gostar da minha empresa e ainda menos da minha pessoa e dos meus esforços. Tendo-me comportado para com S.E. com aquelle acatamento, que sua elevada posição me impõe e a educação que recebi me recommenda, desde mais de quatro annos estou pelo mesmo senhor tratado com notavel aspereza e ás vezes nem com aquella civilidade, que está de costume no Paiz e concedida por um cavalheiro ou homem de educação

a um outro; não posso ufanar-me, se fôr favorecido por uma palavra affavel ou animadora, quando opprimido e afflicto de difficuldade, pedia conselhos ou direcções a respeito dos negócios da minha empresa. A indisposição de S.E. para commigo e minha empresa é bastante notoria na Provincia e sobretudo no Itajahy, e influindo nas autoridades subalternas, me prepara desgostos e difficuldades, facilmente á arredar por algum aviso ou advertencia, até no proprio seio dos colonos. Vendo estas autoridades, em cujo immediato contacto me acho, que não estou nas boas graças da presidencia, nego-me justiça até nos mais flagrantes casos, não fazendo até grande caso das advertencias do juizo de direito, desmoralizam assim p povo e o acostumam ao quebrantamento das leis, julgando-se em seguida tambem parte dos colonos com o direito, de injuriar, chicanar e lograr-me. Tenho bastantes provas desta indisposição S.X. de S.E., sobretudo desde a época da conclusão do meu contracto com G.I. e passo a enumerar algumas. Vegetava, existindo em plena inacção e quasi sem fiscalisação e commando alguma, no arraial do Belchior, meia legua distante da colonia, uma guarda contra os bugres, composta de doze pedestres. Sendo no anno de 1852 pelos ditos gentios, que deixaram um morto no logar e levavam um ferido, assaltado a minha propria casa, pedia e instava a S.E., que a mesma guarda fique estacionada na colonia e posta so commando meu. Foi porem debalde, até que os bugres no principio do anno passado assassinaram dous colonos recenhegados e paés de familia, e até então S.E. não se prestava a conceder-me a guarda, absolutamente inutil no dito arraial, senao depois da expedição de extrictas ordens pela repartição geral das terras, á qual e havia derigido os meus clamores, visto que S.E. não lhes dava attenção alguma. Informei logo sobre o ruim estado das armas dos pedestres, que numa occasião ou ronda todas negavam a uma vez e expuz o perigo, que estes assim haviam de correr num serio encontro com os bugres, requerendo ao G.I. uma quantia de 300\$ a 400\$ para melhor armal-os com ~~espingardas~~ ^{espingardas} á dois canos, e comprar facões etc. para o seu uso; S.E. achava porem, que as velhas carabinas dos pedestres, que entre 5 tiros negavam 3 e 4, eram ainda bastante boas e me declarava que não possa apoiar o meu requerimento. O G.I. porem, melhor intencionado, concedeu a quantia re-querida e eu comprei muito boas espingardas á dois canos a um preço que é apenas um terço maior, do que aquelle pelo qual a nação pagava as miseraveis carabinas.

Na conclusão do meu contracto ficava pendente o negocio das minhas terras, em as quaes contudo a exequibilidade da empresa se baseia e apesar das minhas instancias e representações ao Exmo. Snr. ministro do imperio fiquei com o arranjo deste importante consignado ~~o~~ negocio ao Snr presidente, cujas indisposições já conhecia bastantemente. Á apesar das recommendações officiaes e particulares, que trouxe commigo, fui recebido com notavel friesa por ~~um~~ S.E., que de maneira bastante aspera (foi testemunha o Snr. Dr. Andrade Pinto, antigo empregado na repartição geral e hoje juiz de direito no Desterro) se negou a qualquer intervenção nesse negocio, a cujo arranjo lhe assistiram todas as faculdades tanto pela existente legislatura geral e provincial como pelos avisos do G.I. com que eu havia concluido o meu contracto. Não se tratava de tornar boa uma cousa ruim ou equivocada, mais sim illucidar e arredar algumas duvidas que

ainda existiam; e com alguma boa vontade o negocio podia ser acabado por S.E. em poucos dias e sem grandes e dispendiosas formalidades. Pela causa de S.E. o negocio ficou pendente até hoje e ainda o está a grande encommo meu e detrimento da colonia, e terei talvez de recorrer á Assembléa Provincial, levando assim immensa demora e ficando ainda incerto o resultado final, por haver nella bastante numero de membros que tambem n.º gostam dos herejes allemaes.

Nos primeiros dias de março pro.p. S.E. acompanhado do major de engenheiros Souza Mello e Alvin, Delegado do Exmo. Snr. Director Geral das Terras Publicas, em Santa Catharina, foi n'um vapor de guerra visitar o Itajahy, que subiu pela terça parte e deixando-n'o ahi veio honrar tambem a colonia por uma visita. Apezar das minhas instancias demorava-se porem apenas hora e meia nella, e, pedindo eu, que pelo menos examinasse um lado da colonia e que com isso n.º havia de despender mais de 2, e quanto muito 2 $1\frac{1}{2}$ horas, nem mais siquer para isso lhe sobrava o tempo e ainda menos, de ficar um dia, para enviar as minhas informações, examinar de proprios olhos o estado da colonia e depois sentenciar sobre mim e meus inimigos e detractores. Desde muito eu havia anhelado tal visita, havia muito á referir e explicar ^{o meu} se S.E. - o meu desapontamento foi pois grande e pouco agradavel, vendo frustradas as minhas esperanças pela apressada retirada de S.E. Na colonia D. Francisca havia se demorado mais de dois dias, a mim não concedia nem outras tantas horas. Não lhe podia offerecer, é verdade, lautos jantares, baile e passeio á torchas com arcos de flores etc, pois não fui de nada prevenido, mas sempre podia offerecer a S.E. ceia e almoço decentes e comquanto, que não lhe podia acomodar senão no próprio quarto e cama sempre não lhe teriam faltado commodos, se passasse a noite na colonia, Não podia apresentar sociedade de casaca e luvas de pellica, que não existe na minha colonia e, que eu não procuro, que para alli venha, mas nos olhos meus e dos colonos S.E. poderia ter advinhado o prazer e reconhecimento pela visita, com que nos honrava. Alem disso, não sendo nos

de nada prevenido e eu por S.E. surprehendido no meu jantar de carne secca e feijão á brasileira e em traje de roça, entretanto que os colonos foram occupados com os seus trabalhos, offereço-se-lhe a melhor occasiã e julgar os diversos boatos detractores, com que destes inimigos me procuram conspurcar, e conhecer de fundo o estado da colonia, que não sendo prevenida, não se lhe podia apresentar no traje de dia de festa, branqueada e enfeitada, mas como effectivamente foi e é. Dos meus livros de contas enfim S.E. se podia pessoalmente instruir, onde ficam e como eu emprego os fundos do G.I., como cujo feitos me considero e devo considerar, visto não possuir propriedade alguma, que não lhe seja empenhada e hypothecada por adiantamentos, cuja importancia talvez exceda muito o valor actual das minhas propriedades. Mas todas as minhas esperanças a tal respeito foram baldadas, S.E. fez apenas um insignificante passeio na povoação e se retirou depois de uma demora de apenas hora e meia e apesar dos meus instantes pedidos.

Qual foi agora o meu espanto, quando, chegado ha quinze dias, á capital da provincia, por pessoa muito fidedigna, respeitavel e ao mesmo tempo benevola, me foi participado, que se tenha espalhado boatos pouco li-songeiros e que não me possam recommendar, e que pareça que até autoridades, as quaes estou subordinado, lhes prestassem ouvidos e creditos. Um mau sujeito (antigo colono meu do anno de 1854, a quem eu em pública face e pleno publico havia chamado como mentiroso, velhaco e trapaceiro e interdicto a minha casa) que logo no dito anno se havia retirado da colonia e nunca mais voltava) e espalhara, que era bem bom para mim, que S.E. não fosse mais dentro da colonia, pois não teria nella visto mais cousa alguma boa e util. A má conducta deste sujeito é publica e notoria no Desterro e ha pouco foi judicialmente separado da sua mulher (de origem ingleza) pelo consul inglez, da mesma mulher, que o havia tirado da miseria, cuja consideravel fortuna havia dissipado, pagando-lhe enfim o seu amor, em pancadas e

grosseiras se/vicias,mas como mestre de piano e homem de algumas maneiras e educação entre nas familias e é procurado para saraus de bôa sociedade. A tal desprezível,mais doce hippocrita e adulator,que por causa da sua longa ausencia da colonia,nao pode saber cousa alguma do seu actual estado,as insinuações de tal miseravel se presta pois attenção,mais nem S.E.,nem ao Delegado do Exmo.Snr,Director Geral sobrara o tempo de examinarem de proprios olhos a colonia,quando alli foram. Note-se ainda,que dous colononos meus foram ha poucos mezes chamados ao Desterro como lentes de mathematica e latin no novo liceu da provincia,que ambos alli moraram por 5 e 3 annos,e ainda hoje ahi cada um possui terras que nao querem vender,por terem a intenção de mais tarde para alli voltarem,e que por isso deverão conhecer de fundo as circumstancias da colonia,meus actos e minha administração;amboá são conhecidos como homens instruidos integros e de character independente,ambos pois podiam pois fornecer informações dignas de credito-- mas nem ao um nem ao outro jámais se pedia informação ou sua oppinião sobre mim,meu systema e proceder,sobre o estado actual da colonia e a condição dos seus habitantes entretanto que se presta ouvido aos mexericos de um notorio mau sujeito.

A mais manifesta prova de indisposição de S.E.contra mim foi porem a seguinte,que me causava innumerous desgostos ~~mas~~ mais revoltantes scenas,que me prostituia nos olhos dos proprios colonos e me subtrahia inteiramente o fundamento moral,em que se apoiava a minha posição de emprehendedor e director de colonia,

Como em muitas cousas o objecto não havia quasi valor algum e tratava-se só do prencipio. Um colono solteiro a quem sempre havia tratado da maior benevolencia e até amizade e lhe prodigalisado favores que logo me retribuia,como muitos outros sujeitos,pela mais imunda ingratição,apossava-se e ursupava illegalmente,e apesar das minhas advertencias e protestos,um cantinho de terra devoluta de pouco valor,é ver-

dade, mais que eu, confiado no meu direito de preferencia, que a lei das terras me garantia, já havia promettido a um meu colono, o mais antigo e pae de familia, empenhando-lhe formalmente a minha palavra de que elle havia de ficar com o dito canto e pelo mesmo preço que eu tinha a pagar ao G.I.. Senão houvesse esta circumstancia de promessa formal, e a minha posição e autoridade moral na colonia não repousasse na minha veracidade e na fieldade com que cumpro as minhas promessas, não teria feito caso desse canto insignificante; mas uma vez feita a promessa, não podia retratal-a sem profundamente abalar o credito que os colonos têm na minha honradez e no meu conhecimento das leis do Pais. Se do outro lado houvesse ursupado, como logo fez o referido moço, este cantinho, ninguem teria feito caso disso, sabendo só poucas pessoas, que fosse devoluto; mas reconhecendo a minha melindrosa posição e não querendo infringir lei alguma esperava com paciencia pelo momentô da compra ao G.I. para logo transferir o terreno ao dito velho. Não achando eu nos meus protestos apoio algum do Sub-delegado a quem o negocio competia em primeiro lugar, apesar das mais claras disposições da lei e dos regulamentos, e desejando evitar um conflicto mais grave por amor da paz e harmonia, no consentimento do velho ajustava com o usurpador, que ~~ela~~ fique com uma e aquelle com outra metade do canto em questão. Tres vezes o usurpador dava formal promessa a tal respeito e tres vezes a rompia como um velhado ~~conspirando~~ conspirando e calumniando-me ainda em cima, sendo nisso acompanhado por seu mano, em toda a parte até na capital. Instigados por inimigos meus contavam com poderosa protecção e não se enganaram. O sub-delegado jogava commigo uma indigna farça, negando-me socca e abertamente, em favor de uns instigadores e do compadresco a justiça que me assistio. O negocio se tornou então tanto mais serio, quanto os meus inimigos se vangloriavam e os meus amigos principiavam desconfiar dos meus direitos e conhecimentos das leis, proclamando-me aquelles como chicanador, cubiçoso e ambicioso, que tudo queria comer só e dominar os mais etc. etc. Dirigi-me pois ao snr. Juiz

de Direito e em consequencia de suas ordens e das claras disposições das leis, que nem foram applicadas, e ás minhas instancias, no seu rigor um praso foi determinado aos usurpadores, para se retirarem do terreno questionavel. Passado tres mezes e não tendo ainda assim cumprido a ordem recebida, foi-lhes intimado, de se retirarem dentro de tres dias, pena de serem processados como desobedientes etc.etc. - Não fizeram caso disso, respondendo ao inspector de quarteirão com ameaças e resistencias armada e cobrindo-me a mim com injurias. Um delles foi-se ao Desterro dirigio-se ao ^{Snr.} Inspector das Medições e ao Exmo. Snr. Presidente, e obteve despacho, cuja vista eu nunca podia alcançar; á mim não se pedia porem informação alguma sobre o caso, apesar eu ser presente no lugar, entretanto que o Snr. Inspector não conhecia cousa alguma das terras sitas naquella parte, e foi medir terras no Itajahy mirim, distante mais de 15 leguas. O resultado foi, que o moço voltava victorioso e gloriando-se á si, entretanto que eu impunemente devia soffrer as mais grosseiras injurias e insultos da sua parte nesta occasião ^{homo} em toda a parte ficava conspurcado por calumnias; chegava isso á ponto tal, que até um meu proprio jornaleiro me lembrava que assim a minha honra e posição hajam de soffrer lesão. Os dois moços protestavam ao mesmo tempo, de quererem incendiar a morada do referido colono velho, que morava nas minhas proprias terras. A impunidade e escandalosa protecção, com que se favoreceo aos malfeitos e se me negava justiça em flagrante menosprezo da lei e dos princípios de direito e da policia, as injurias, calumnias e insultos, que eu devia soffrer, sem poder obter amparo, já principiavam de exercer funesta influencia sobre as mais colonos e ameação profundamente a minha posição, tornando-me em ludibrio e escarneo de qualquer velhacõ. Dirigi, pois, uma representação ao Exmo. Snr. Presidente, pedindo-lhe justiça e declarando-lhe ao mesmo tempo, que, se não fosse possivel, conceder-me a justiça, que pedia següdo as leis, a minha posição se haja de tornar insustentavel e eu deveria largal-a. Exaro alguns trechos desta representação, para melhor evidenciar o ^{caso} facto: " Como particular emfim o ultimo desfecho do negocio do T

Thieme (o usurpador) tornou a minha posição tal, que dora em diante honrosamente já não a posso sustentar. Como avancei nos sacrificios pecuniarios, nas indemnisações directas (concedidas aos colonos) nos pagamentos por contractos mal cumpridos, na remissão e diminuição de juros até um ponto, alem do qual já não posso ir sem privar-me dos meios de continuar a minha empresa, assim tambem aconteceu de um outro lado. Tudo quanto o homem mais paciente e pacato pode soffrer na materia da mais suja e negra ingratitude, seguida de desacatos e desabrimentos, na materia das mais maliciosas insinuações e interpretações sobre todo e qualquer meu acto das calumnias, invectivas e injurias directas eu o tenho soffrido desde annos e a melhor prova disso ainda é o negocio do Thieme. Um passo porem mais em diante nessa direcção ~~eu~~ vou ficar o ridiculo, o escarneo e ludibrio lauto dos meus colonos como dos meus amigos e inimigos." Em resultado final, porem o actual desfecho deste negocio encerra para mim a impossibilidade de ficar dora em diante na situação, em que me acho, que já agora é quasi insupportavel e ainda se ha de empeiorar de dia em dia. Com dignidade e honra já não posso continuar na minha missão, o que não poderá convir aos interesses do G.I. que tanto fez e tanto deseja o adiantamento e progresso desta empresa. Posso resignar e preparo-me a ceder o meu logar a quem o G.I. para tal fim designar, ~~saber~~ sair pobre como Job e abandonando tudo, que me favoreceu, da região que fertilisei com o meu suor e em que gastava a fortuna que herdei dos meus paes, aspirando a um bello ideal; preparo-me para ganhar o meu pão pelo resto da minha vida como caixeiro numa commercial ou feitor numa fabrica, mas não me acho com forças bastantes para no futuro resistir ás consequencias do golpe, que acabou de ^{destruir} resistir os fundamentos da minha posição. Padeçi muito e Deus me dava força, que não soccumbia, que conservava energia e perseverança; mas dora em diante a lucta se torna designal demais e nem V. Excia., nem o G.I. hão de querer que eu fique a mercê de qualquer valentão, que sirva de ludibrio e escarneo a qualquer miseravel grosseirão e malcriado."

Provei mais e documentei a S. Excia. que os usurpadores haviam infringido as leis das terras, tres repetidas vezes desobedecido ás intimações

da autoridade legal, feito ameaças e resistencias armada ao inspector de quartelão e de quererem incendiar a casa de um pacifico colono, que um dos usurpadores neste negocio se havia constituido em verdadeiro falsario - a resposta de S.Excia. foi vaga e indecisa não se dava satisfação alguma a justiça e ao direito e os malfeitores ficavam impunes gloriando-se a si e ultrajando-se e calumniando-me a mim em toda a parte. No entretanto teria bastado uma unica severa intimação ou reprehensão ao sub-delegado, emanada da presidencia, para satisfazer as exigencias das leis e da justiça. Algum tempo depois um supplente do antigo sub-delegado ficou com a vara e fez alguns passos em cumprimento á lei, obrigando o usurpador, d'assignar termo de desistencia e retirar-se do terreno usurpado, depois da visita de S.Excia. este se intallava ^{pois} depois de novo, dizendo, que ~~assas~~ assim lhe fosse permitido e que S.Excia. lhe havia perguntado, porque ou se não fosse no seu terreno. Não sei se assim é verdade e não havia animo bastante pedir esclarecimento directamente a S.Excia. Fallando-lhe, porem, na mesma occasião da sua visita sobre o caso e mostrando-lhe no mappa da colonia o canto em questão e sua insignificancia, podia perceber, que contrahido as sobancelhas e seu rosto se obscureceu e a tal signal faltava-me o animo de continuar e talvez offender a S.Excia. na minha propria morada, em que foi hospede. Numa conferencia porem, que havia com o snr. Chefe da Policia sobre o caso, não podia deixar, de lhe declarar, que eu não havia mais de soffrer impunemente injuria e insulto, e que se alguem injuriosamente me tocasse no corpo, haveria de desferrar-me do ultraje por um tiro ou facada, aconteça logo que quizer.

Finalizando menciono ainda que tendo eu no meu contracto me obrigado a conservar a estrada da barra, S.Excia. interpreta essa obrigação de maneira tal que os mais moradores até não tem ^{hem} a observar as leis e posturas municipaes, existentes a tal respeito, e fique unicamente a cargo meu conservar a estrada limpa devendo eu não os respectivos moradores remover os páos, que esses derrubem ou deixem cahir e roçar

Parti do Rio no dia 1º de julho, quando verifiquei que minhas opiniões junto ao atual Ministro seriam inúteis e eu gastaria dinheiro em vão. O velho Marques d'Olinda não é simpático a minha pessoa e não entende nada de colonização. Não foi possível mudar sua opinião.

Julio leu um trecho de sua carta enviada ao senhor para mim, na qual chama o velho de malandro, mas isto é injusto, pois o velho é um excelente estadista e muito respeitado em todo país. Mas infelizmente já é muito idoso, as coisas novas lhe são em grande parte desconhecidas. Além disto com todos os problemas do governo que ele tem que resolver, não quer se envolver com coisas delicadas como o das colonizações. Justamente por ser este problema tão delicado e exige grandes somas de dinheiro, nenhum homem do governo se quer envolver com ele, ninguém tem a coragem de enfrentá-lo e atacá-lo enérgicamente. O estudo do assunto em si já não é fácil, quando se quer realmente ficar ao par do mesmo. Desta maneira tudo continua sem solução até que apareça um homem no governo que tenha energia suficiente e coragem, como tempo e vontade para resolver este problema.

Recebi agora notícias a respeito de um homem que talvez esteja resolvido a solucionar este caso. Logo que ingressar no Ministério. Eu, no entanto, não vejo nenhuma solução, pois o atual Ministro não tem nenhum motivo de deixar o ministério a não ser que resolva aposentar-se.

Para mim, seria de grande valia se isto acontecesse, pois este homem entende muito do assunto e eu estou bem relacionado com o mesmo. Enquanto isto a situação atual está bem triste, porque nada consegui resolver no Rio com o atual ministro, o velho Olinda. Só com muita dificuldade consegui a liberação de 6.000 Thaler que não uma gota d'água no fogo, num empreendimento deste vulto. Antes eu havia recebido muitas promessas e já enviava minhas disposições a Hamburgo. Eu contava com pelo menos o dobro desta soma. Agora o senhor pode imaginar como eu me sinto. Tenho que me submeter a esperar, em outubro devo voltar ao Rio e saber o que realmente o governo pretende. Quero saber se o governo quer assumir a colônia e continuar a sua administração. Infelizmente não sou um francês tão ágil como Aubé de Dona Francisca, que sabe adular. Eu, ao contrário, falo claro e preciso as vezes até ser até um pouco grosso, quando se trata de meu empreendimento. Já anteriormente ataquei o próprio Imperador, não posso ser diferente, quando se trata de minha causa e sou sempre colocado em segundo plano, ou então nem ouvido e levado a sério. Por este motivo, como as vezes digo certas verdades aos ilustres senhores,

eles me respeitam e receiam atacar-me abertamente. Parece que sou bem ' quisto só em alguns lugares e somente poucos homens de alta posição reco-
nhecem meu trabalho, ajudaram apoiando-me. Eu já senti isto anteriormen-
te, quando o ministro deixou-me esperando tanto tempo, provavelmente que-
ria que passassemos necessidade e assim desistisse do meu projeto. De ' acordo com as declarações do Senhor Sallemant (?) que há pouco tempo es-
teve aqui, este era realmente o objetivo do senhor ministro. No entanto,
receiam ser muito diretos e desta forma desagradar a Alemanha e em seu
próprio prejuízo. Foi isto que Dr. Sallemant deu a entender, que seria ' um achado para Kerst e sua equipe, caso minha colônia passasse dificulda-
des e chegasse a ruína e eu saísse daqui completamente arruinado. Pois ' que eu realizei alguma coisa e muito sacrifiquei, nem meus inimigos e
opositores deixam de reconhecer, também que tenho um bom nome na Alemanha.
Mas igualmente fui muito difamado junto ao governo do Rio e somente ago-
ra encontrei o fio da meada. Estas intrigas principalmente partiram do
nosso presidente provincial, o mesmo que enfrentei, pois tratava meus di-
reitos com os pés. Estes também são tão evidentes, que suas ridículas ' acusações nem foram consideradas pelo governo. Eu afinal recebi reconhe-
cido meus direitos, apesar de não na forma como esperava, mas já me dei-
xam bem satisfeitos. O presidente aqui ficou ridicularizado e meus opo-
nentes igualmente. Tiveram os mesmos que reconhecer meus direitos e con-
tentar-se com uma reprimenda do governo. O delegado das terras de Green-
wall nesta província veio pessoalmente para fazer seus estudos e conhe-
cer as condições reais da colônia, talvez sua presença traga preocupações
para mim. Pelo menos ele deu a entender ao final de sua visita de 5 dias
de que o Ministro e Presidente fora mal informado sobre meu trabalho e
de que eu teria o maior número de colonos como meus inimigos pessoais; ' mas que ele esclareceria isto devidamente. Se ele o fará, veremos mais ' tarde, pois estas pessoas prometem muito e cumprem pouco. Que eu tenho o
apoio e simpatia da maioria dos colonos é uma realidade e me enche de
satisfação. Mesmo que estes mesmos me dificultassem muitas vezes a vida
com suas reclamações. Agora, no entanto, quando se diz que o governo me
quer expulsar daqui, vejo a certeza de que angari a simpatia da maioria
deles.

Quando Dr. Sallemant esteve aqui com um professor Burckhard (este último de Halle), vieram apesar do péssimo tempo um grande grupo de colonos, para homenagear-me, teriam prolongado esta manifestação de simpatia se eu não tivesse pedido que não o fizessem. Espalhara-se o boa

to que Dr. Sallemant viera para verificar as condições da colônia e que o governo queria expulsar-me daqui. Seu acompanhante Burckhard andou por tudo, intrigava e conspirava como parece e seu irmão Julio a cada momento envolvia-se em acirradas discussões com o mesmo. O Dr. Burckhard teve um péssimo comportamento de mal agradecido, pois era meu hóspede também. Eu lhes deixei plena liberdade para circular na colônia, falar com os moradores, ouvir a opinião destes, não queria influenciar os mesmos com minha presença. No entanto, sem-pre receiava que alguns colonos mais exaltados passassem a agredí-los. Também lhes permiti livre acesso a todos os livros de contabilidade. O comportamento do Dr. Saallemant foi pelo menos melhor, pois não intrigava e só procurava se por ao par da situação da colônia. Desta impressão negativa sobre minha pessoa, foi muito difícil ele livrar-se. Agora eu fui a 12,10 e 8 anos passados seu hóspede no Rio, mas eu sentia que não harmonizávamos bem, foi quando mais relacionei-me a sua esposa e cunhada (a primeira falecida e a segunda sua atual esposa), duas senhoras muito cultas e simpáticas; como alguns outros visitantes da casa. O Dr. e eu só chegamos a nos ~~conhecer~~ conhecer superficialmente, mas usávamos tons amigáveis. Aqui, no entanto, logo entramos em choque e isto por todo tempo que estive aqui. O seu orgulho é enorme, (ele muito fez pelas tripulações dos navios estrangeiros durante a epidemia da febre amarela em 1850). Também publicou alguns trabalhos sobre os quais as opiniões são divididas. É considerado por alguns, pois é médico particular de quase todos os cônsules e embaixadores. Sempre procurou colocar sua pessoa em evidência, como é costume aqui no Brasil, desta forma, conseguiu duas condecorações brasileiras e seis estrangeiras. Provavelmente esperou de minha parte mais consideração, mas eu o enfrentava quando se perdia em absurdas tolices, o que acontecia frequentemente. Ele falava muito e acontecia em um dia falar mais do que fazia normalmente em 2 ou 4 semanas. Depois de sua partida eu fiquei tres dias completamente esgotado, doente de tanto aborrecimento. Era difícil dialogar com ele, pois fazia duas ou tres perguntas de uma vez só e já as respondia, não esperando minhas respostas. Se não fosse meu hóspede eu o teria tratado muitas vezes bem mais rude, e se eu o encontrar novamente no Rio em presença de testemunhas, isto também vai acontecer. Além disto suas perguntas, as vezes pífidas, e irônicas, convidavam-me a responder asperamente. Prestei conta sobre como apliquei o dinheiro do governo em todos seus mínimos detalhes. Brigamos até o último dia de sua permanência aqui. Agora

fico na expectativa de seu relatório ao governo e já estou me preparando para uma verdadeira guerra de papel. O mesmo deve fazer seu relatório tanto ao governo do Rio como da Alemanha. Espero que ele analise, mais uma vez, tendo o que viu aqui, seja mais justo e também mais cuidadoso com seus relatórios. Como rígido ortodoxo na igreja como estado, que logo começou em criticar, as pessoas que eram por justiça, verdade, luz, alimentação e moradia, chamando o velho Pedro de peste, denominando os governantes de Braunschweig com títulos mais lisongeiros.

Com este logo comecei a entrar em choque e discutíamos de manhã a noite. Nossas discussões tornavam-se mais acirradas quando ele atacava meu sistema e fazer julgamentos precipitados sem entender nada de colonização.

Contra o visível bem estar dos moradores e em tão curto espaço de tempo ele não encontrou nenhum argumento negativo. Também reconheceu que lutei com muitas dificuldades e ainda luto, como viu que as condições financeiras são precárias e mesmo assim realizei muitas coisas.

Também teve que reconhecer que o Itajaí é um belo rio e a região um lindo pedaço de terras, que com o tempo se transformará numa próspera cidade. Igualmente o descontentamento reinante entre os colonos, que lhe fora dito em Desterro, ele não encontrou. Até hoje, só aqueles dois vagabundos me trouxeram dissabores durante 3 anos (agora felizmente desapareceram), o cunhado e uma mulher que foi amante de um nobre de Magdeburg e que recebia apelidos lisongeiros por suas vizinhas. Nestes boatos baseava-se Sallemant e geravam as maiores discussões. Dizia que eu recebera o dinheiro de graça do governo e deveria também passá-lo adiante gratuitamente. Em vão interrogava, porque deveria fazer tal coisa, pois já vendia as terras muito mais barato do que as de Dona Francisca. Eu vendia as terras a crédito com 15% de juros, enquanto lá se vendia por um preço bem mais alto e a vista, quando a crédito com 8% de juros e as terras eram péssimas. As pessoas aqui, por esta razão, encontravam-se em posição privilegiada, porque alcançavam uma certa independência financeira e bem estar. De nada adiantavam meus argumentos e nossas discussões continuavam. Era um verdadeiro Dom Quixote na área da prática e da vida, sempre mais retrocedia e em seu Rosinante de sua filantropia começou uma cavalgada com que eu perdi a paciência e lhe disse claramente que de colonização e meu trabalho, nada entendia. Minha perseverança e paciência com minha obra ele chamava de Monomania. Minha exigência por ordem e jus

tiça ele chamava de "atrobilaer" e mesquinho e assim em tom arrogante ' continuavam as nossas discussões. Só em pensar nelas ainda agora me irri-
to.

Eu realmente estou curioso em saber o que Sallemant irá es-
crever sobre a colônia, não só minha mas também das outras. Peço ao se-
nhor verificar se alguma coisa já está em circulação e enviar os artigos
para mim, principalmente o do "Leipziger Illustrierte".

Existem alguns artigos sobre madeira que ele publicou a al-
gum tempo, este naturalmente, é um campo para um entusiasta como ele, de-
seja que repouse em glórias. Mas pessoas como ele que muitas vezes colidi-
dem com o prático e as reais condições de vida, perdem a segurança, aca-
bando num julgamento errôneo e falso.

Sallemant é o homem que constrói palácios aos criminosos ,
converte chineses e ateus e denomina os proletários da Alemanha como va-
gabundos.

Mas quero finalizar, pois sempre mais eu me revolto e estes
comentários devem ser de pouco interesse para o senhor.

Curioso estou em saber se a "Allgemeine Augsburger" trará
um artigo sobre minha colônia. Gostaria que isto se ainda não aconteceu,
acontecesse logo. Mas os artigos terão que ser escritos de tal forma, que
aqui no Brasil ninguém se sinta ofendido.

Uma proposta para a regularização dos casamentos civis dos
protestantes foi apresentado pelo Ministro da Justiça ao Senado. Os deba-
tes sobre este assunto deverão ser acirradas e provavelmente não aceitos
este ano.

Aguardo em breve notícias suas e receba um abraço.

Dr. Blumenau.

Sehr verehrter Herr!

Unterm 12. April ds. Js. erlaubte ich mir, Ihnen einige Mittheilungen ueber mich und unsere Kolonie zu machen, nachdem ich vorher einige Aufschlusse ueber Julius Verhaeltnisse gegeben. Heute, wo er wieder schreibt, erlaube ich mir, einige Zeilen beizulegen und anzufragen, ob Sie den oben erwaehten Brief von mir sowie auch meinen Jahresbericht zugehandt erhalten haben. ---

Ueber seine eigenen Verhaeltnisse wird Ihnen Julius ohne Zweifel ausfuehrlich schreiben; es ist bisher ganz ertraeglich mit ihm gegangen, er hat besonnen und solide gewirtschaftet, nicht so toll und blind wie mancher Andere gepumpt und verpumpt, seine Bilanz ist gut, und so werden sich mit der Vermehrung der Geschaefte auch seine Vermoegensumstaende mehr und mehr heben. Die Lehrzeit und das Lehrgeld sind die schlimmsten Factoren in der Berechnung eines Einwanderers und diese hat Julius hinter sich. Wir stehen uns Beide, denke ich, ganz gut und helfe ich Julius mit Rath und That, wie ich kann, wogegen auch er wieder mir gefaellig ist.

Augenblicklich ist freilich eine schlimme Zeit fuer uns Alle und ganz besonders fuer mich; wenig Geld in der Kolonie, die Zuckererndte, welche solches erst schaffen soll, kaum begonnen und auch der Preis der Producte etwas abgeschlagen - ein Umstand, welcher fuer die neuen Ankoemmlinge allerdings sehr angenehm und erwuenscht ist, nicht aber fuer die ansaessigen Bauern, welche mit dem Ertrage der Erndte Schulden bezahlen sollen und wollen. Wir befinden uns daher Alle nicht in der besten Lage, da man nach aussen bezahlen muss und soll, von innen aber nichts einkommt. Am schlimmsten geht es dabei mir, da auf mich aller Augen warten und ihre Wuensche und Ansprueche zuletzt stets an meinen Geldbeutel gehen, dieser aber, ohnehin schon stark erschoeepft, den wiederholten Aderlass nicht lange meht aushalten wird, wenn nicht bald neue Saefte von aussen zufluessen. d.h. Geld von der Regierung einkommt. Ich sehe daher auch der naechsten Zeit bis Neujahr nicht ohne grosse Sorgen entgegen, hoffe doch aber, mich wenigstens so durchzuschlagen, dass es keinen wirklichen Scandal und offenen Bruch giebt und die Kolonisten selbst nicht dabei zu Schaden kommen. Wie es mir freilich schliesslich ergehen, ob man mich nicht noch obendrein zum Danke mit Koth bewerfen wird, ist freilich eine andere Frage. -

Von Rio reiste ich den 10. Juli ab, weil ich sah, dass bei den Ansichten des jetzigen Ministers jeder weitere Aufenthalt unnuetz sein und mich nur vergeblich Geld kosten wuerde. Der alte Marquez d'Olinda ist mir nun einmal nicht hold, versteht nichts von den Kolonisationsangelegenheiten und ist einmal oder war wenigstens nicht zu bessern Ansichten zu bekehren. Julius las mir einige Saetze aus seinem Briefe an Sie vor und nannte den Alten dabei einen Schurken, das ist sehr und viel zu stark, denn sonst ist derselbe ein tuechtiger Staatsmann, ist sehr respectirt im Lande und soll ein im Ganzen rechtlicher und wohlwollender Mann sein. Aber er ist eben alt und geizig, das Neue ist ihm theils unbekannt, theils widerwaertig, und er hat bei den vielen Geschaeften, die ihm sonst auf dem Halse liegen, nicht Zeit, sich in die so kitzlichen und so viele und sich widerstrebende Interessen beruerende Colonisationsfrage hineinzuarbeiten. Eben weil diese Frage so wichtig und kitzlich ist und soviel Geld in Anspruch nimmt, hat kein Staatsmann bis jetzt den Muth gehabt, sie energisch und von allen Seiten in Angriff zu nehmen, das Studium derselben ist auch nicht leicht, wenn man sich gruendlich unterrichten will, und so liegt denn die ganze Geschichte im Argen und wird darin liegen bleiben, bis ein Staatsmann ans Ruder kommt, der Energie genug besitzt und zugleich Lust und Zeit haette, die Frage allseitig vorher zu studiren; denn ist er erst am Ruder selbst, so hat er sonst soviel zu thun, dass er an das Studiren nicht mehr denken kann. Man schreibt mir jetzt wieder von einem solchen Staatsmanne und dass er nach Schluss der Kammern ins Ministerium treten werde; ich glaube indes nicht daran, da ich keinen Grund fuer den jetzigen Minister, auszutreten, absehe, wenn die Kammern geschlossen sind, ausgenommen das Beduerfnis nach Ruhe. Sonst waere es mir sehr lieb, da dieser Staatsmann die Sache versteht und ich ziemlich vertraut und freundschaftlich zu ihm stehe. - Unterdes siehts aber desto trauriger fuer mich aus, da ich in Rio leider nur sehr wenig ausge-

richtet habe bei dem jetzigen Minister, dem alten Olinda. Nur mit unendlicher Muehe habe ich 6000 Thr. cca. losgeeist, ein Tropfen auf einen heissen Stein fuer ein solches Unternehmen, trotzdem mir anfangs anstaendige Versprechungen gemacht waren und ich daraufhin meine Dispositionen nach Hamburg geschickt hatte; ich rechnete ueber das Doppelte, hatte auch Grund dazu und Sie moegen nun denken, wie ich mich jetzt durchwinden und wuergen muss. Diese Behandlung meiner ist allerdings eigentlich schmaehlich, aber was ist dagegen zu machen? Ich muss mich also fuegen, abwarten und werde im Octbr. oder Nvbr. wieder nach Rio gehen, zu sehen, was die Regierung eigentlich will und ob sie nicht die Colonie fuer sich selbst uebernimmt und forttreibt. Leider bin ich kein glatter laechelnder Franzose, wie Aubé von Da.Frca., der sich einzuschmeicheln weiss, sondern spreche ernst und frei und mitunter auch derbe fuer meine Sache, fuer Recht und Billigkeit und habe selbst nachdruecklich gegen den Kaiser selbst geredet - ich kann einmal nicht anders, da mir die Sachen zu sehr am Herzen liegen und ich meine Person stets in den Hintergrund gestellt oder garnicht hinein verflochten habe. Dadurch und weil ich den Herren oeffter Wahrheiten vorgehalten und sie ihnen mit Zahlen etc. so bewiesen habe, haben sie zwar im Ganzen einige Achtung vor mir bekommen und scheuen sich, mich offen anzugreifen, aber beliebt bin ich, wie es scheint, nur an wenigen Stellen, und nur einige wenige hochstehende Maenner, die mich und m/Arbeiten genau kennen, stuetzen mich und haben mir bei m/Arbeiten geholfen. Ich muthmasste schon frueher, als mich der Minister so sehr hinzog und drueckte, dass man mich aushungern und auf diese Manier wegtreiben wolle. Nach Aeusserungen des Dr. Sallemant (?), der kuerzlich hier war, scheint das denn auch wirklich Absicht gewesen und vielleicht noch zu sein, zugleich aber fuerchtet man, es zu direct zu treiben, dadurch in Deutschland Unwillen hervorzurufen und sich selbst bedeutend zu schaden. Wenigstens meinte Dr. Sallemant oder liess es sich in der Hitze entschluempfen, dass es in Deutschland fuer Kerst und Consorten ein gefundenes Fressen sein werde, wenn meine Colonie schlecht und ich selbst dabei zu Grunde ginge und Brasilien ruiniert verliesse. Denn dass ich viel geopfert und einiges geleistet, wagen selbst m/Feinde und Widersacher nicht zu bestreiten, und dass ich in Deutschland einis guten Rufes genieesse, ebenfalls. Uebrigens bin ich noch bei der Regierung und in Rio de Janeiro auf schaendliche Weise verleumdet worden, aber erst jetzt habe ich einigermassen den Faden gefunden; die Intriguen sind meist von unserem Provinz-Praesidenten ausgegangen, dem ich entgegengetreten war, weil er m/Rechte mit Fuessen trat. Diese sind dann auch so evident, die Klatschereien gegen mich so dumm und albern gewesen, dass auch selbst die Regierung beide als solche anerkennen musste; ich habe naemlich doch endlich mein Recht erhalten, swar nicht ganz so, wie es haette geschehen sollen und muessen, aber doch so, dass ich wenigstens einigermassen zufrieden sein kann. Der Praesident hat eine ziemliche Blame einstecken muessen, m/Widersacher hier, die mich so schmaehlich verklagt und verklatscht hatten, wussten keine Facta vorzubringen und standen dumm und blamirt da, und schliesslich mussten auch sie m/Recht anerkennen, still sein und den ihnen zukommenden Verweis einstecken. Der Delegado des Greenwellanddirectors in hiesiger Provinz, ein Ingenieurmajor, kam selbst, die Sache zu untersuchen und zu entscheiden und auch sonst den Zustand der Colonie zu untersuchen, und vielleicht bringt sein Besuch ihr und mir Sorgen. Wenigstens hatte er beim Abschiede, nachdem er 5 Tage hier gewesen, gemeint, der Minister und auch der Praesident seien bisher durch schmaehliche Luegen irre gefuehrt und der Ansicht gewesen, ich habe die bei weitem groesste Zahl der Colonisten gegen mich und lebe verfeindet mit ihnen; er werde darueber aber gehoerig berichten, dass gerade das Gegenteil statt finde - ob er es thut, wird sich ja finden, denn dergleich Leute versprechen leicht viel und halten wenig. Dass ich uebrigens die groesste Mehrzahl der Leute hier fuer mich habe, vielleicht oder noch mehr, und sie etwas auf mich und darauf halten, dass ich hier bleibe, ist eine Thatsache, die mir Freude macht und wohl auch etwas fuer mich spricht; die Leutchen haben mir das Leben oft herzlich sauer gemacht, selbst geschimpft und raessonirt, jetzt

aber, wo es zum Klappen kommt und es heisst, die Regierung wolle mich gern hier wegtreiben, zeigt sich doch, dass ich mir Liebe und Achtung erworben und selbst in grosserem Maasse, als ich selbst zu hoffen wagte. Als Dr. Sallemant mit einem Professor Burckhardt hier war (letzterer aus Halle), kam trotz miserabeln Wetters ein tüchtiger Trupp Kolonisten, Abends mir und dann erst hinterher den Gästen ein Hoch zu bringen, und die Demonstration wäre noch weiter gegangen den andern Tag, wenn ich nicht gebeten, sie bei Seite zu lassen. Es hatte sich nämlich das Gerücht verbreitet, Dr. Sallemant solle hier untersuchen und die Regierung wolle mich hinausdrücken, wobei jener Einfluss haben werde; sein Begleiter Burckhardt schnuffelte herum, hetzte und conspirirte wie es scheint, und Jul. Ihr Bruder, sass alle Augenblicke in dickstem Zank od. dies gut zusammen mit ihm; wie man mir nachher sagte, hatte B., ebenfalls mein Gast, sein Recht als solcher schmaehlich missbraucht, sei auch ein Paar mal angelassen und es habe nicht viel gefehlt, dass er von einigen Leuten, bei denen er auch minirte, fühlbare Beweise ihrer Missbilligung gegen ihn und Anhänglichkeit gegen mich bekommen habe. Es war dies um so empörender, als ich beide Herren stets allein in die verschiedenen Districte der Colonie gehen und sich ihre Begleiter selbst wählen liess, damit die Leute sich frei aussprechen konnten, sie hinterher noch bat, ein Paar Tage länger zu bleiben und die Colonie alleine durchzureiten, da sie nun die Wege kennen, um ganz allein mit den Leuten reden zu können und allen Sachen und etwaigen Klagen vollkommen auf den Grund zu kommen. Auch stellte ich ihnen alle meine Rechnungsbücher, Jahresberichte und Schriften zur Verfügung, sowie sonstige statistische Angaben; aber sie wollten sich hierauf nicht einlassen. Dr. Sallemant benahm sich wenigstens anständig insoweit, dass er nicht hetzte, sondern sich einfach zu unterrichten suchte, aber grosse Einseitigkeit, Voreingenommenheit gegen mich und grosse Oberflächlichkeit muss ich ihm doch vorwerfen. Schon in Desterro hatte er einem meiner Bekannten auf dessen freilich etwas zu starke Bemerkung, "bei mir hätten doch die Leute eine Zukunft, in Da. Francisca aber nicht" gemeint, er solle doch aber unter m/Leuten viele und grosse Unzufriedenheit herrschen - dieselbe Historie, welche man auch in Rio und beim Praesidenten gegen mich vorgebracht. Von solchem ersten unguenstigen Eindrucke und der folgenden Voreingenommenheit sich frei machen, ist sehr schwer und damit also kam Dr. S. her. Nun war ich vor 12, 10 und 8 Jahren fast taeglich in seiner Familie in Rio, da ich aber fühlte, dass wir nicht recht harmonirten, hielt ich mich an seine Frau und Schwaegerin, zwei kluge und gebildete Frauen (erstere gest., letztere seine jetzige Frau), und die sonstigen Besucher des Hauses, u. der Dr. und ich lernten uns nur sehr entfernt bei einigen Scharmuetzeln kennen, obgleich wir sonst sehr freundlich gegen einander waren. Hier dagegen klappten wir sofort aneinander, und so ging das auch die ganze Zeit fort, so honett ich ihn sonst als meinen Gast behandelte und respectirte. Bei seiner ganz ungemessenen Eitelkeit (er hat, als er sich 1850 beim gelben Fieber in Rio viel Muehe fuer die fremden Schiffsmannschaften gab, viel in die Welt hinein schrieb worueber die Urtheile getheilt sind, auch sich allerdings manche Verdienste erwarb und Hausarzt bei den meisten dortigen Consuln und Gesandten war, daneben sich die Muehe nicht verdriessen lassen, den Leuten es oft unter den Fuss zu geben, wie hier in Brasil. Sitte, damals 2 brasil. freilich etwas wohlfeile und 6 fremde Orden zusammengebracht und thut sich etwas darauf zu Gute) moechte er wohl etwas mehr Deferenz meinerseits fuer seine Ansichten erwartet haben und sich verletzt fuehlen, als ihm ihm nichts schuldig blieb, ihn ad absurdum fuehrte, wenn er Unsinn schwatzte, was oft passirte, da er einen Redeschwall besitzt, wie ich ihn selten gesehen, sodass ich damals an einem Tage mehr disputirte als sonst in 2 oder gar 4 Wochen, und derbe bediente, wenn er in Folge seiner Unkenntnis der Geschaefte und des practischen Lebens ungerecht wurde. Ich war nach seiner Abreise (er war 7 Tage hier) 3 Tage abgeschlagen und krank vor Aufregung und Aerger, da er die loebliche Gewohnheit hatte, einige Dutzend Fragen auf einmal zu thun und gleich selbst in seinem Sinne zu beantworten, mich mit einer Fluth von Vorwurfen und Anschuldigungen zu ueberhaeuften, und, kaum fing ich an zu antwortener mir die Gegenrede durch neuen Wortschwall abzuschneiden od. aufs Neue loszubrechen. Waere er nicht m/Gast gewesen, haette ich

ihn oft noch derber bedient, als so schon geschehen, und treffe ich ihn demnaechst in Rio auf neutralem Boden und vor hochstehenden Zeugen, so wirts auch noch geschehen. Nebenher war er auch ein wenig perfide in seinen Fragen, indem er sie ein Paar mal auf Ja und Nein stellte, ohne den Hergang und die Aecessorien in geringsten Betracht zu nehmen, und sich immer nur an der Oberflaeche hielt. Kurz, als Freund ist er nicht von mir geschieden, ich habe ihm nur mit halber Gewalt eine Auseinandersetzung dessen, was ich an Geld von der Regierung empfangen, wie ich es verausgabte, kurtz eine Art Rechenschaftsbericht, aufdringen koennen, bis auf den letzten Augenblick haben wir uns gestritten, und so bin ich in Erwartung dessen, was er ueber mich und die Kol. in Deutschland und Rio berichten wird, und gewaertig, in eine ernsthaftige Federfehde mit ihm zu gerathen, vorausgesetzt, dass er sich nicht die Sachen noch besser ueberdenkt, gerechter urtheilt als er hier gethan und schriftlich vorsichtiger ist, als hier mit seinen Worten. Als strenger Orthodoxe in Kirche und Staat, der sofort anfangt, auf die Leute zu schimpfen, welche fuer Wahrheit, Recht, Licht, Kost und Wohnung schrieben, den alten Petri (?) in Braunschweig eina Pest nannte, die braunschweiger Rationalisten aber mit andern Ehrentiteln benannte, lachte ich ihn erst aus, wie ein Arzt und Naturforscher an Wunder glauben koenne, was er zu thun schien und deren Glauben er vertheidigte, dann aber zankten wir immer heftiger aufeinander und so ging es die ganze Zeit fort und besonders heftig, wenn er anfangt, ueber Kolonisation zu salbadern, mich und m/System anzugreifen und Urtheile zu faellen, ohne von den betreffenden Verhaeltnissen etwas zu verstehen, noch auch meine eigenen Auseinandersetzungen anhoeren zu wollen. Gegen den sichtbaren und fuer die kurze Zeit bedeutenden Wohlstand der Leute konnte er freilich nichts einwenden, ebenso wenig, dass ich sehr grosse Schwierigkeiten zu ueberwinden gehabt und noch habe und mit kleinen Geldmitteln verhaelfnismaessig viel geleistet worden sei, mir also von dieser Seite nicht beikommen, da ich ihm gleich mit Namen, Zahlen, Daten und Thatsachen auf den Leib rueckte. Auch musste er zugeben und gab zu, dass der Itajahy ein schoener Fluss und die Gegend ein praechtiges Stueckchen Erde sei, aus der noch einmal etwas Tuechtiges und Grossartiges werden koenne, sie wenigstens alle Elemente dazu in sich truege. Auch die Unzufriedenheit, die man ihm in Desterro vorgelogen, fand sich nicht vor, soviel mir wenigstens kundgeworden, hatten nur die beiden Lumpen, mit denen ich mich schon 3 Jahre stritt und die jetzt endlich angelaufen sind, deren Schwager und eine Frau, welche frueher Maetresse eines mecklenburgischen Edelmannes gewesen sein soll und von ihren boesen Nachbarinnen eine H. genannt wird, Klagen vorgebracht, letzte, weil ich auf das nicht baar bezahlte Land 15% Zinsen p.a. rechnete. An diesen Khatzsch und anderen derartigen Kram und einzelne Phrasen klammerte sich L. (Lallemant) nun an und es gab drueber die heftigsten Scenen, die fast zu offenem Scandale gefuert haetten, weil ich ihm nichts schuldig blieb und nicht litt, dass er mich ohne Grund schlecht mache. Er berief sich darauf, dass ich mein Darlehn von der Regierung umsonst empfangen, und daher muesste ich das Geld auch wieder umsonst ausleihen. Umsonst fragte ich ihn, ob ich die Leute druecke, ob sie nicht vorwaerts kaemen und mehr wie ich, der immer tiefer in Schulden komme, umsonst, wie ich denn die vielen und schweren Verpflichtungen gegen die Regierung erfuellen solle, umsonst endlich hielt ich ihm vor, wenn ich m/gutes Land viel billiger als in Da. Francisca, und auf Credit mit 15% Zinsen p.a. verkaufe, waehrend man dort weit hoehere Preise gegen baar und, auf Credit, 8% p.a. auf diese hoeheren Preise fuer schlechtes Land nehme, sich die Leute bei mir doch noch besser staenden und, wie figura zeige, rascher zu Wohlstand gelangten - es half alles nicht und wir geriethen nur noch heftiger aneinander, da L. als ein wirklicher Don Quixote den Boden der Praxis und des Lebens immer mehr aufgab und die Rosinante seiner Philanthropie derart zu reiten anfangt, dass mir die Geduld ausging und ich ihm geradezu sagte, er verstehe von dem Allen auch gar nichts. Meine Ausdauer und Hingebung fuer m/Werk nannte er Monomanie, m/Dringen auf Ordnung und Gesetz und Recht nannte er "atrobiliaer" und kleinlich, und in diesem Style, oft auf verletzende, hochmuethige Art, ging es fort, sodass mir noch jetzt die Galle ueberlauft, wenn ich daran denke.

Ich bin in der That neugierig, was Lallemand berichten wird, nicht bloss ueber hier, sondern auch ueber die anderen Kolonien; schreibt er so, wie er hier z.Th. gesprochen und urtheilt ueber die anderen Kolonien in aehnlicher Weise, so wird es Schiefes und Flaches genug ergeben, und von hier und wohl auch anderen Orten remonstrirt werden. Ich bitte Sie, unzuhoeren, wenn seine Berichte erscheinen und mir Ihr Urtheil zu schreiben ueber dieselben. Ich habe fast nichts von ihm gelesen, aber gehoert, dass er huebsch und elegant schildern soll, was Natur und ihre Reize angeht, auch vor einiger Zeit in der Leipziger Illustrierten etwas veroeffentlicht haben soll ueber Madera; das ist allerdings ein Feld fuer Enthusiasten seiner Art und ich wuensche ihm viel Lorbeeren auf demselben. Kommen dergl. Leute aber auf dasjenige der practiisbhan und oft collidirenden Lebensverhaeltnisse, so lassen sie sich meist von dem ersten Eindrucke beherrschen oder sich hin- und herbeugen, wie die Eindruecke sich folgen, verlieren den Halt und urtheilen falsch. Auch ist es eigenthuemlich, dass die Frommen, die so viel von Erloesung, Offenbarung und Grade reden, dem Rechte und der strengen Gerechtigkeit so wenig Rechnung tragen, aber freilich nur gegen Andere, und sich selbst so viele Eckspruenge erlauben, oder es gehoert eigentlich zu ihrer Exklusivitaet. L. hat auch mit mir das so gemacht; er gab sich moeglichste Muehe, mich zu bekehren, Philanthropie in seinem Sinne, welche den Verbrechern Palaeste hauet und die Chinesen und Heiden bekehrt, die deutschen Proletarier aber in Deutschland Gesindel nennt, und Nachgiebigkeit war das dritte Wort, aber er verstand beides ganz schoen mit der groebsten Parteilichkeit und Ungerechtigkeit gegen mich zu einigen, und dieselben Leute, welche die Proleten in Deutschland scrophuloeses Gesindel nennen, falls sie nicht fromm in ihrem Sinn sind - hier stellen sie sie als Engel hin, deren Schwaechen, Fehler und Verbrechen, wenn sie saufen, sich pruegeln, Andere verletzen oder gar bestehlen, man entschuldigen muss, fuer die aber ein Unternehmer oder Director nicht genug thun kann, um sie f.d. Verlust der Heimath zu entschaedigen. Dass Mancher nur durch das Auswandern d. Zuchthause oder d. Hungertode entging und viele auch hier erst durch das groesste Elend zum Arbeiten sich bequemen, dann aber auch, aber auch erst dann, tuechtig emporkommen, das Alles stoert solche Beurtheiler nicht.

Doch ich will abbrechen, da ich mich nur in den Aerger hineinrede und diese Geschichten nur sehr untergeordnetes Interesse fuer Sie haben werden. Der Himmel moege mich aber vor dem Besuche solcher frommen Philanthropen bewahren fuer die Zukunft, denn sollte ich mich oefter mit solchen herumdisputiren muessen und mich angreifen lassen, wie es v.L. geschehen, wuerde ich entweder saugrob werden oder davonlaufen muessen, um den Herren klar zu machen, dass sie erst die Sachen studiren und sich nicht bloss an die Oberflaeche halten muessen, ehe sie ein Recht haben, zu urtheilen. Lallemand hat mir noch 1 Brief und Albumblatt geschrieben - wahre Pracht- und Musterstuecke, und komme ich nach Deutschland, werde ich sie Ihnen vorlegen.

~~Begierung~~ bin ich, ob Sie Zeit, Lust und Gelegenheit haben, etwas ueber m/Kolonie in die Allgemeine Augsburger zu bringen. Sollte es noch nicht geschehen sein, aber noch geschehen koennen, waere es mir natuerlich angenehm, besonders wenn es schnell geschaehe. Nur muesste es vorsichtig und in solcher Weise geschehen, dass die Brasil. sich dadurch nicht verletzt fuehlen koennen, sondern nur darauf hingewiesen werden, wie es wohl billig und selbst im Interesse der hiesigen Regierung waere, m/Kolonie durch staerkere Huelfe schneller als bisher zu groesserer Ausdehnung und Prosperitaet zu verhelfen.

Ein recht guter oder wenigstens vorlaeufig voellig genuegender Vorschlag zur Regulierung des Civilstandes d. protestantischen und gemischten Ehen ist vom Justizminister im Senate vorgelegt; die Debatten werden ziemlich heftig sein, und ich glaube kaum, dass der Vorschlag schon dieses Jahr durchgeht.

Erfreuen Sie mich bald mit einigen Zeilen und seien Sie herzlichst gegruesset von

Ihrem ergebenen

Blumenau.

Verzeichnis der auf Kolonie Blumenau ansässigen Grundbesitzer

I. Das Stadtgebiet

1. Ludwig Scheeffler aus Pommern
2. August Wolff aus Schlesien
3. Heinrich Koch aus Oldenburg
4. Johann Hönnicke aus Thüringen
5. Johann Wloch aus Schlesien
6. Karl Sasse aus dem Mannsfeldischen
7. Emil Odebrecht aus Pommern
8. Johann Witt aus Lübeck
9. Ludwig Pragst aus Hamburg
10. Friedrich von Lesecke aus Hannover
11. Heinrich Michel aus Schlesien
12. Wilhelm Kuchendahl aus Braunschweig
13. Ernst Schellenberg aus Thüringen
14. Franz Keiner aus Thüringen
15. Theodor Kleine aus Posen
16. Hermann Siebert aus Magdeburg
17. Wilhelm Schifter aus Berlin
18. Gottlieb Riediger aus Schlesien
19. Friedrich Lang aus Schlesien
20. Johann Behnke aus Holstein
21. Ludwig Sachtleben und Franz Meier aus dem Halberstädtischen
22. Karl Meier und August Spierling aus Mecklenburg
23. Julius Baumgarten aus Braunschweig
24. Wilhelm Friedenreich aus dem Mannsfeldischen
25. Heinrich Zwingmann aus dem Eichsfelde
26. Hermann Wendeburg aus Braunschweig
27. Reinhold Gärtner aus Braunschweig
28. Minna Görner aus der Lausitz
29. Marie Rosemann, Wwe., aus Schlesien
30. Die Pfarre und Schule
31. Johann Padaratz aus Mecklenburg
32. Friedrich Tiedt aus Pommern
33. Eduard Böttcher aus Lübeck
34. Christian Imroth aus Braunschweig
35. Johann Gieseler aus Mecklenburg
36. Johann Freilipper aus Thüringen
37. Hans Kreutzfeld aus Lübeck
38. Sophie Bähr, Wwe., aus Braunschweig
39. Johann Schack aus Thüringen
40. Johann Wagenknecht aus Thüringen
41. Johann Schreep aus Mecklenburg
42. Johann Hübers aus Mecklenburg
- 43a. Friedrich Lüders aus Mecklenburg
- 43b. Traugott Köhler aus Sachsen
44. Ludwig Wemuth aus Thüringen
45. Friedrich Jerga aus Holstein
46. Johann Richter aus Schlesien
47. Karl Külps aus Mecklenburg
48. Christian Möller aus Mecklenburg
49. Friedrich Gieseler aus Mecklenburg
50. Joachim Mastz aus Mecklenburg
51. Heinrich Schmidt aus Mecklenburg
52. Friedrich Schmidt aus Mecklenburg
53. Hans Esemann aus Mecklenburg
54. und 55. Theodor Schröder aus Berlin
56. Wilhelm Schumann aus Anhalt
57. Karl Kegel aus Thüringen
58. Karl Schneider aus Schlesien

II. Rechtes Garcia-Ufer

1. Ernst Weise aus Thüringen
2. Johann Knoch aus Thüringen
3. Heinrich Köhler aus Thüringen
4. Karl Hadlich aus Thüringen
5. Christian Heumann aus Bayreuth
6. Johann Knoch aus Thüringen
7. Johann Bawiahn aus Mecklenburg
8. David Seiler aus Provinz Sachsen
9. Wilhelm Schreiber aus Pommern
10. Heinrich Ehrhardt aus Thüringen
11. Karl Rechenberg aus Uckermark
12. Karoline Spies aus Thüringen
13. Bernhardt Weck aus Sachsen
14. Heinrich Lauthäuser aus Thüringen
15. Johann Gebien aus Mecklenburg
16. Wilhelm Holetz aus der Lausitz
17. Christian Passig aus Holstein
18. Emma Ostermann aus Eichsfeld
19. Richard Becker aus Pommern
20. Franz Matthias aus Pommern
21. Johann Busch aus Pommern
22. Alexander Bürger aus der Lausitz
23. Heinsich Seide aus Hannover
24. Wilhelm Schmidt aus der Rheinprovinz

III. Linkes Garcia-Ufer

1. Hans Baade aus Mecklenburg
2. Moritz Holetz aus der Lausitz
3. Andreas Grassmann aus der Rheinprovinz
4. Heinrich Koth aus Mecklenburg
5. Joachim Gramkow aus Mecklenburg
6. Catharina Berlieen, Wwe., aus Mecklenburg
7. Johann Koth aus Mecklenburg
8. Dettlef Krambeck aus Mecklenburg
9. Karl Lehmann aus Mecklenburg
10. Georg Kühl aus Holstein
11. Gottlieb Hadlich aus Thüringen
12. Heinrich Hadlich aus Thüringen
13. Wilhelm Schreiber und Heinrich Ehrhardt aus Thüringen
14. Johann Gebien und Aug. Jarchow aus Mecklenburg
15. Christoph Müller aus dem Eichsfeld
16. Heinrich Bichels aus Hamburg
17. Hugo Schultze aus Berlin
18. Ernst Lehmann aus Schlesien
19. Adolph Schurt aus Pommern

IV. Rechtes Itajshy-Ufer

1. August Prestien aus Lübeck
2. Ferdinand Ebert aus Halle
3. Hans Breithaupt aus Braunschweig
4. Hermann Wendeburg aus Braunschweig
5. Karl Peneder aus Spreewald
6. Eduard Romer aus Spreewald
7. August Persuhn aus Braunschweig
8. Christian Beck aus Braunschweig
9. Christian Spernau aus Provinz Sachsen
10. Theodor Thomsen aus Holstein

11. Witwe Heffter aus Schlesien
12. Heinrich Kühne aus dem Halberstädtischen
13. Wilhelm Friedenreich aus dem Mannsfeldischen
- 14a. Wilhelm Seeliger aus Braunschweig
- 14b. Johann Hinsching aus Magdeburg
15. Carl Engicht aus Lausitz
16. Wilhelm Schönau aus Gotha
17. Peter Müller aus Brasilien
18. Rudolph Rödel aus Thüringen
19. Ludwig Heimbrecht aus Braunschweig
20. Heinrich Matthes aus Provinz Brandenburg
21. Karl Matthes aus Provinz Brandenburg
22. Ludwig Sachtleben aus Quedlinburg

V. Linkes Itajahy-Ufer, oben

1. Ludwig Thieme und Johann Faust aus der Provinz Sachsen und Hessen
2. Heinrich Rodatz aus Hamburg
3. Heinrich Lüders aus Mecklenburg
4. Guido von Seckendorf aus Braunschweig
5. Ferdinand Starke aus Braunschweig
6. Ludwig Spengler aus Provinz Sachsen
7. Ferdinand Starke aus Braunschweig
- 8a. Heinrich Meyer aus Thüringen
- 8b. Friedrich Kegler aus Thüringen
9. Anton Härtel aus Sachsen
10. Eduard Stein aus Pommern
11. Disponible, kleine Grundstücke
12. Karl Müller aus dem Harz
13. Christoph Liesenberg aus dem Harz
14. August Reif aus Weiningen
15. Gustav Meuche aus Thüringen
16. Friedrich Hinkeldey aus Preussen
17. Ludwig Wegener aus dem Halberstädtischen
18. Joseph Kuonz aus der Schweiz
19. Wilhelm Meier aus Hannover
20. Paul Parasky aus Preussen
21. Karl Eggebrecht aus Pommern
22. Gebrüder Bickelmann aus Sachsen
23. Disponibel
24. Christian Rau aus Thüringen

VI. Linke Itajahy-Ufer, unten

1. Johann der Eich aus der Rheinprovinz
2. Julius Paupitz aus der Provinz Sachsen
3. Wilhelm Schönau aus Gotha
4. Carl Höring aus Weimar
5. Christian Böhme aus der Provinz Sachsen
6. Daniel Schneider aus der Rheinprovinz
7. Reserviert
8. Reinhold Gärtner aus Braunschweig

Verzeichnis der auf Kolonie Blumenau ansässigen Grundbesitzer

I. Das Stadtgebiet

1. Ludwig Scheeffler aus Pommern
2. August Wolff aus Schlesien
3. Heinrich Koch aus Oldenburg
4. Johann Hönnicke aus Thüringen
5. Johann Wloch aus Schlesien
6. Karl Sasse aus dem Mannsfeldischen
7. Emil Odebrecht aus Pommern
8. Johann Witt aus Lübeck
9. Ludwig Pragst aus Hamburg
10. Friedrich von Lesecke aus Hannover
11. Heinrich Michel aus Schlesien
12. Wilhelm Kuchendahl aus Braunschweig
13. Ernst Schellenberg aus Thüringen
14. Franz Keiner aus Thüringen
15. Theodor Kleine aus Posen
16. Hermann Siebert aus Magdeburg
17. Wilhelm Schifter aus Berlin
18. Gottlieb Riediger aus Schlesien
19. Friedrich Lang aus Schlesien
20. Johann Behnke aus Holstein
21. Ludwig Sachtleben und Franz Meier aus dem Halberstädtischen
22. Karl Meier und August Spierling aus Mecklenburg
23. Julius Baumgarten aus Braunschweig
24. Wilhelm Friedenreich aus dem Mannsfeldischen
25. Heinrich Zwingmann aus dem Eichsfelde
26. Hermann Wendeburg aus Braunschweig
27. Reinhold Gärtner aus Braunschweig
28. Minna Görner aus der Lausitz
29. Marie Rosemann, Wwe., aus Schlesien
30. Die Pfarre und Schule
31. Johann Padaratz aus Mecklenburg
32. Friedrich Tiedt aus Pommern
33. Eduard Böttcher aus Lübeck
34. Christian Imroth aus Braunschweig
35. Johann Gieseler aus Mecklenburg
36. Johann Preilipper aus Thüringen
37. Hans Kreutzfeld aus Lübeck
38. Sophie Böhr, Wwe., aus Braunschweig
39. Johann Schack aus Thüringen
40. Johann Wagenknecht aus Thüringen
41. Johann Schreep aus Mecklenburg
42. Johann Hübers aus Mecklenburg
- 43a. Friedrich Lüders aus Mecklenburg
- 43b. Traugott Köhler aus Sachsen
44. Ludwig Wemuth aus Thüringen
45. Friedrich Jerga aus Holstein
46. Johann Richter aus Schlesien
47. Karl Külps aus Mecklenburg
48. Christian Möller aus Mecklenburg
49. Friedrich Gieseler aus Mecklenburg
50. Joachim Mastz aus Mecklenburg
51. Heinrich Schmidt aus Mecklenburg
52. Friedrich Schmidt aus Mecklenburg
53. Hans Esemann aus Mecklenburg
54. und 55. Theodor Schröder aus Berlin
56. Wilhelm Schumann aus Anhalt
57. Karl Kegel aus Thüringen
58. Karl Schneider aus Schlesien

II. Rechtes Garcia-Ufer

1. Ernst Weise aus Thüringen
2. Johann Knoch aus Thüringen
3. Heinrich Köhler aus Thüringen
4. Karl Hadlich aus Thüringen
5. Christian Heumann aus Bayreuth
6. Johann Knoch aus Thüringen
7. Johann Bawiahn aus Mecklenburg
8. David Seiler aus Provinz Sachsen
9. Wilhelm Schreiber aus Pommern
10. Heinrich Ehrhardt aus Thüringen
11. Karl Rechenberg aus Uckermark
12. Karoline Spies aus Thüringen
13. Bernhardt Weck aus Sachsen
14. Heinrich Lauthäuser aus Thüringen
15. Johann Gebien aus Mecklenburg
16. Wilhelm Holetz aus der Lausitz
17. Christian Passig aus Holstein
18. Emma Ostermann aus Eichsfeld
19. Richard Becker aus Pommern
20. Franz Matthias aus Pommern
21. Johann Busch aus Pommern
22. Alexander Bürger aus der Lausitz
23. Heinsich Seide aus Hannover
24. Wilhelm Schmidt aus der Rheinprovinz

III. Linkes Garcia-Ufer

1. Hans Baade aus Mecklenburg
2. Moritz Holetz aus der Lausitz
3. Andreas Grassmann aus der Rheinprovinz
4. Heinrich Koth aus Mecklenburg
5. Joachim Gramkow aus Mecklenburg
6. Catharina Berlieen, Wwe., aus Mecklenburg
7. Johann Koth aus Mecklenburg
8. Dettlef Krambeck aus Mecklenburg
9. Karl Lehmann aus Mecklenburg
10. Georg Kühl aus Holstein
11. Gottlieb Hadlich aus Thüringen
12. Heinrich Hadlich aus Thüringen
13. Wilhelm Schreiber und Heinrich Ehrhardt aus Thüringen
14. Johann Gebien und Aug. Jarchow aus Mecklenburg
15. Christoph Müller aus dem Eichsfeld
16. Heinrich Bichels aus Hamburg
17. Hugo Schultze aus Berlin
18. Ernst Lehmann aus Schlesien
19. Adolph Schurt aus Pommern

IV. Rechtes Itajshy-Ufer

1. August Prestien aus Lübeck
2. Ferdinand Ebert aus Halle
3. Hans Breithaupt aus Braunschweig
4. Hermann Wendeburg aus Braunschweig
5. Karl Peneder aus Spreewald
6. Eduard Romer aus Spreewald
7. August Persuhn aus Braunschweig
8. Christian Beck aus Braunschweig
9. Christian Spersau aus Provinz Sachsen
10. Theodor Thomsen aus Holstein

11. Witwe Heffter aus Schlesien
12. Heinrich Kühne aus dem Halberstädtischen
13. Wilhelm Friedenreich aus dem Mannsfeldischen
- 14a. Wilhelm Seeliger aus Braunschweig
- 14b. Johann Hinsching aus Magdeburg
15. Carl Engicht aus Lausitz
16. Wilhelm Schönewald aus Gotha
17. Peter Müller aus Brasilien
18. Rudolph Rödel aus Thüringen
19. Ludwig Heimbrecht aus Braunschweig
20. Heinrich Matthes aus Provinz Brandenburg
21. Karl Matthes aus Provinz Brandenburg
22. Ludwig Sachtleben aus Quedlinburg

V. Linkes Itajahy-Ufer, oben

1. Ludwig Thieme und Johann Faust aus der Provinz Sachsen und Hessen
2. Heinrich Rodatz aus Hamburg
3. Heinrich Lüders aus Mecklenburg
4. Guido von Seckendorf aus Braunschweig
5. Ferdinand Starke aus Braunschweig
6. Ludwig Spengler aus Provinz Sachsen
7. Ferdinand Starke aus Braunschweig
- 8a. Heinrich Meyer aus Thüringen
- 8b. Friedrich Kegler aus Thüringen
9. Anton Härtel aus Sachsen
10. Eduard Stein aus Pommern
11. Disponible, kleine Grundstücke
12. Karl Müller aus dem Harz
13. Christoph Liesenberg aus dem Harz
14. August Reif aus Meiningen
15. Gustav Meuche aus Thüringen
16. Friedrich Hinkeldey aus Preussen
17. Ludwig Wegener aus dem Halberstädtischen
18. Joseph Kuonz aus der Schweiz
19. Wilhelm Meier aus Hannover
20. Paul Parasky aus Preussen
21. Karl Eggebrecht aus Pommern
22. Gebrüder Bickelmann aus Sachsen
23. Disponibel
24. Christian Rau aus Thüringen

VI. Linke Itajahy-Ufer, unten

1. Johann der Eich aus der Rheinprovinz
2. Julius Paupitz aus der Provinz Sachsen
3. Wilhelm Schönewald aus Gotha
4. Carl Höring aus Weimar
5. Christian Böhme aus der Provinz Sachsen
6. Daniel Schneider aus der Rheinprovinz
7. Reserviert
8. Reinhold Gärtner aus Braunschweig

Descrição Geral resumida do primeiro quarto/ de ter-
ritorio na Provincia de Santa Ca-/tharina

O terreno deste quarto de territorio é em parte var-/zeoso e em parte montanhoso, porem os morros tem/ pouca altura e declives suaves. Destes morros nas-/cem numerozissimos corregos e ribeirões; os que tem su-/as fontes do lado do sul entre a Base principal e/ sua primeira parallela, vertem suas agoas directa-/mente e com pequeno curso no rio Itajahy merim. / Os que tem suas nascentes nos mesmos morros, po-/rem do lado do norte, formão e engrossão o Bra-/ço Sul de um grande ribeirão chama-/do Guabiruba, / e são tambem a origem de dous ri beirões menos im-/portantes denominados = Primeiro Ribeirão das Mi-/nas e Segundo Ribeirão das Minas, ambos estes dous ri os tem uma direcção geral de Oeste para Les-/te e vão desagoar no Itajahy Merim.

O grande ribeirão da Guabiruba é principalmente/ formado pelo Braço Sul que acabo de citar e por/ outro Braço dito do Norte; ambos estes braços tem/ suas nascentes verdadeiras ao Oeste da sexta pa-/rallela á meridiana e por tanto fora do quarto de/ territorio medido. O Braço Sul vindo do Oeste ,/ atravessa a sexta parallela á meridiana a 600 bra-/ças ao Norte da Base principal, corre S. O. pouco/ mais ou menos 1700 braças, Leste talvez 1800 braças/ e então desemboca no ribeirão da Guabiruba, depois/ de um curso total e proxima mente de 3500 braças.

O Braço Norte penetra no quarto de territorio pe-/la sexta parallela á meridiana e na distancia/ de 2250 braças ao Norte da Base peincipal; corre/ o E. pouco mais ou menos 700 braças; S.O. 900 braças e com 700 braças mais// na direcção N. E. vem fazer sua junção com o/ Braço Sul, depois de um curso total de 5000/ braças. Estes dous Braços recebem as abundan-/tes agoas que vertem das montanhas ao Norte/ e ao Sul assim como as poucas dos morros situa-/dos entre os dous mesmos bra ços.

O importante ribeirão da Guabiruba, que principia no ponto de reunião dos dous rios que acima de descrever, segue 300 braças para N.O., 300/ para S.E, e com 250 braças mais e fazendo muitas voltas, atravessa á meridiana principal a/ 1500 braças ao Norte da Base principal. D'ahi/ indo sempre pouco mais ou menos para Leste e/ percorrendo varzeas ou terrenos pouco montanhosos,/ vem desagoar no Itajahy Merim talvez a 1000/ braças de distancia do ponto onde atravessa a/ meridiana.

Este ribeirão e os seus dous grandes Braços/ estão agora obstruidos pelos numerosos páos cahidos nos seus leitos, porem com a largura, altura d'agua e velocidade que tem, devem depois de/ limpos, dar excelente navegação para canoas.

Entre os numerosos corregos e ribeirões que irrigão este quarto de territorio, muitos tem volume d'agua e declives sufficientes para ser aproveitados para motores de grande forças. As/ mais extensas varzeas achão-se nas margens da / Guabiruba e dos seus dous braços; algumas, mas/ poucas, são pantanosas, o que provem do que/ no tempo das chuvas, estes ribeirões accustomed/ transbordar, e tenho ja visto em Abril proximo/ passado as mesmas vargens cobertas de 2 a 3 palmos d'agua até a distancia de 30 a 40 braças; porem estou convencido que depois de ter procedido ao alimpamento desses rios, não existindo mais/ a couza, devem cessar as inundações.

As terras deste quarto de territorio, pela sua/ altura acima do leito do Itajahy Merim, achão-se ao abrigo das grandes e frequentes inundações deste rio.

As secções as mais varzeosas são as 95, 96, 98,/ 97 , 120 e 119; formão um rectangulo de 1.500.000/ braças de superficie, sendo o seu lado N"S de 1500/ braças de comprimento, e o EO de 1000 braças.

Este terreno apresenta as mais favoraveis proporções para estabelecer uma grande povoação,/ tanto pela sua configuração como por ser a travessado pela Guabiruba que como sabemos é navegavel em canoas. A povoação que se for/

mar, neste lugar ficará muito proxima a me-/ridiana principal e querendo abrir estradas de/ carros para o interior, o mais ou menos os cursos/ d'agoa e principalmente os confluents da / Gahiruba que quasi sempre correm pelo meio/ de varzeas. Os futuros habitantes deste quar-/to de territorio, poderão transportar os seos pro-/ductos pelo Itajahy Merim que fica pouco dis-/tante ao Sul e ao Leste. Um dia é quanto/basta para descer o rio até a Freguezia de Ita-/jahy. A subida do mesmo rio é mais sieno-/sa, exige dous dias e meio ou tres dias de nave-/gação, porem não é um grave inconveniente po-/is que a exportação deve ^{ser} muito superior á/ importação. Alem disso do lugar que designei/ como proprio para estabelecer uma povoa-ção, mui facil será abrir uma boa estrada até a Freguezia; esta estrada talvez não venha a ter mais de cinco legoas de extensão. A configu-/ração do terreno apresenta todas as condições favoraveis para fazer esta obra, que apenas exige-/rá a construcção de cinco ou seis pontilhões so-//bre pequenos ri-beirões. Toda a superficie deste quarto de territorio é coberta de magnificos matos virgens. As madeiras de lei são abundantes; as principaes são: Laranjeira sil-/vestre, Camboatá, Cambiuna, Guamerim, Uru-/curana, Pindabuna, Oleo, Bagupary, Jacarandá/ vermelho, Peroba, Guaruba, Cangerana, Taju-/ba etc etc etc. Encontrão-se palmitos por milhares.

São poucos os lugares onde existem rochas. Estas rochas/ são geralmente granito composto/ de quartz opaco; reconheci tambem bastante Shis-/to micacco e gneirs. Estes terrenos me parecem/de primeira formação; porem as varzeas são ter-/ras de aluvião; na extremidade da Base e per-/to dos dous ri-beirões das Minas, achei uma/ arêa que me parece aurífera.

Nos valles da/ Gahiruba e dos seos confluents encontrei com / abundancia uma argilla arenosa, corada pelo oxido/ de ferro e que deve ser optima para fabricar te-/lhas, tijolos e louça ordinaria. As terras a-/presentão todos os signaes de ser mui produ-/ctivas; muitos morros cobertos de uma espessa ca-/mada de detritos vegetaes que deve sem duvi-/da contribuir á ferti-lidade. As agoas são/ puras, o clima é sadio; apesar do exces

sivo ca-/lor (26º centigrado) e das abundantes chuvas duran-/te os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, apenas/ houverão dous cazos de febres intermitentes entre/ os trabalhadores. A chei rastos frescos e vazios/ acampamentos dos Indios chama - dos Bugres/ que habitão estes sertões; parecem pouco numero-/sos; são de indole cruel: matão todos os prisio-/neiros que fazem; julgo que bem difficil seria// domestical-os, até agora não se atreverão a/ nos atacar.

Em resumo: o clima é sadio, as terras devem ser/ pro- ductivas; as agoas correntes são numerosas/ puras e a maior parte podem ser aproveitadas pa-/ra motores; tem uma bella si- tuação para formar/ uma povoação perto de um ribeirão navega- vel;/ é facil estradas para o interior e para á/ Freguezia; Os productos poderão ser transporta-/dos pelo Itajahy Merim em um dia até o por-/to de mar.

A variação da agulha foi calculada repetidas/ vezes pelo methodo das alturas correspondentes;/ sempre; sempre foi achada de tres grãos e me-/io para Leste com uma diferença de alguns/ minutos para mais; porem como esta differen-/ça é ina- preciavel com a Bussola e que mesmo/ é impossivel pôr a agu - lha na direcção de 3º/ 35', determinei de accordo com o Snr. Major/ Alvim que se seguisse a variação de 3º e 30' com/ a qual trabalhou o Capitão Freitas.

Calculei a latitude do vertice do angulo for-/mado pe- la interceccção da Meridiana prin-/cipal e da sexta pararella á Base: O methodo/ que segui foi o da observação da altura do/ Sol na sua passagem á meridiana; achei ter-/mo medio 27º 6' 15''.

Sommando as superficies das trinta e seis/ secções que compoem o primeiro quarto do terri-/torio achei 9:004:112 braças quadradas, que ven-/dida pelo preço da avaliação devem produzir/ a quantia de 17:632\$974.

Sta. Catharina em 5 de Setbrº de 1858.

C. Rivierry

Secção



Descrição geral resumida do primeiro quarto de território medido na Província de Santa Catharina.

O terreno deste quarto de território é em parte varcoso e em parte montanhoso; possuem os morros tem pouca altura e declives suaves. Destes morros nascem innumerabilissimos correios e ribeirãoes os que tem suas fontes do lado do Sul, entre a Base principal e sua primeira parallela, vertem suas aguas directamente e com pequeno curso no rio Itajahy meridional. Os que tem suas nascentes nos mesmos morros, porém do lado do Norte, formão e engrasão o Braço Sul de um grande ribeirão chamado Gabiluba, e são também a origem de dous ribeirãoes menos importantes denominados = Primeiro Ribeirão das Minas e segundo Ribeirão das Minas, ambos estes dous rios tem uma direcção geral de Oeste para Leste e vão desaguão no Itajahy meridional.

O grande ribeirão da Gabiluba é principalmente formado pelo Braço Sul que acaba de citar e por outro Braço dito do Norte, ambos estes braços tem suas nascentes verdadeiras no Oeste da sexta parallela á meridiana e por tanto fora do quarto de território medido. O Braço Sul vindo do Oeste atravessa a sexta parallela á meridiana a 200 braças ao Norte da Base principal, com 50 braças mais ou menos 1700 braças, Leste talvez 1800 braças e então desemboca no ribeirão da Gabiluba, depois de um curso total e proximo a norte de 3500 braças.

O Braço Norte penetra no quarto de território pela sexta parallela á meridiana e na distancia de 2250 braças ao Norte da Base principal, com 60 braças mais ou menos 700 braças, S. O. 800 braças e N. O. 800 braças, S. O. 900 braças e com 700 braças mais

na direcção N.E. sem fazer sua junção com o
Braço Sul, depois de um curso total de 500
braças. Estes dois Braços recebem as abundan-
tes águas que vertem das montanhas ao Norte
e ao Sul assim como as poucas dos rios situa-
dos entre os dois mesmos braços.

O importante ribeirão da Cabiruba, que prin-
cipia no ponto de reunião dos dois rios que acas-
so se descrever, segue 300 braças para N.O., 300
para S.E. e com 250 braças mais e fazendo mu-
ltas voltas, atravessa a meridiana principal a
1500 braças ao Norte da Base principal. Dahi
indo sempre pouco mais ou menos para Leste e
percorrendo sarreias ou terrenos pouco montanhosos
sem desagoar no Itajahy merim, títos a 1000
braças de distancia do ponto onde atravessa a
meridiana.

Este ribeirão e os seus dois grandes Braços
estão agora obstruídos pelos numerosos piões ca-
hidos nos seus leitos, porém com a largura, alte-
za d'água e velocidade que tem, devem depois de
limpos, dar excellente navegação para canoas.

Entre os numerosos correjos e ribeirões que orri-
gão este quarto de território, muitos tem volu-
me d'água e declives sufficientes para ser a pro-
veitables para motores de grande força. As
mais extensas sarreias achão-se nas margens da
Cabiruba e dos seus dois braços; algumas, mais
poucas, são pantanosas, o que florem do que
no tempo das chovas, estes ribeirões accostumão
transbordar, e tenho já visto em Abril proximo
passado as mesmas margens cobertas de 2 a 3 pal-
mos d'água até a distancia de 30 a 40 braças; po-
rém estou convencido que depois de ter procedido
ao alinhamento desses rios, não existindo mais
a causa, devem cessar as inundações.



As terras deste quarto de território, pela sua
altura, ficam do lado do Itajahy, ficando as
chão-se ao abrigo das grandes e frequentes inun-
dações deste rio.

As secções as mais vastosas são as 95, 96, 98,
97, 120 e 119; formam um rectângulo de 1.500.000
braças de superficie, sendo o lado N. E. de 1500
braças de comprimento, e o S. O. de 1000 braças.

Este terreno apresenta as mais favoráveis pro-
porções para estabelecer uma grande povoação,
tanto pela sua configuração como por ser a tra-
zejado pela Gubiruba que como sabemos é uma
região em camião. A povoação que se for
fazer, neste lugar ficará muito próxima a me-
ridiana principal, e querendo abrir estradas de
carros para o interior, o mais natural será ac-
companhar pouco mais ou menos os cursos
de água e principalmente os confluentes da
Gubiruba que quasi sempre correm pelo meio
de várzea. Os futuros habitantes deste qua-
to de território, poderão transportar os seus pro-
ductos pelo Itajahy superior que fica pouco dis-
tante ao Sul e ao Leste. Não é a quanto
basta para descer rio até a Freguesia de Itajahy.
A subida do mesmo rio é mais fiavel.
só, exige dois dias e meio ou tres dias de nave-
gação; porém não é um grave inconveniente po-
is que a exportação deve ser muito superior a
importação. Além disso do lugar que designar
como proprio para estabelecer uma povoação,
não é facil será abrir uma boa estrada até a
Freguesia; esta estrada talvez não tenha a ter-
meira de cinco legoas de extensão. A configura-
ção do terreno apresenta todas as condições fa-
voráveis para fazer esta obra, que a pouco exigi-
rá a construção de cinco ou seis pontilhões so-

bre frequencias ribeirões. Toda a superficie
deste ponto de territorio é coberta de magni-
ficos matos virgens. As madeiras de lei são
abundantes; as principais são: Larangeira sil-
vestre, Camboutá, Cambriuna, Guandirim, M. u-
curuma, Turubama, Oleo, Macupari, Cedro, Lou-
ro (bom para mastros) salsafra, Guaranatá,
vermelho, Peroba, Guatubá, Catingueira, Tuxi-
ba & & &. Encontram-se palmeiras por allures.
São poucos os lugares onde existem rochas.
Estas rochas são geralmente granito composto
de quartz, mica e feldspath, algumas poucas
contem amfibol. Nos ribeirões achou-se muito
quartz e feldspath; reconheci tambem bastante Shis-
to micáceo e gneiss. Estes terrenos me pareceram
de primeira formação; porém as terras são ter-
ras de alluvias; na extremidade da Base e per-
to dos dois ribeirões das Minas, achei uma
areia que me parece aurifera. Nos ralles dos
Cachimba e dos seus confluente encontrei com
abundancia uma argilla arenosa, corada pelo
óxido de ferro e que deve ser optima para fabricar te-
lhas, tijolos e louca ordinaria. As terras em
presentão todos os signaes de ser muito pro-
ductivas; muitos muros cobertos de uma espessa cas-
cada de detritus vegetaes que deve ser de utili-
dad contribuir á fertilidade. As aguas são
puras, o clima é saudio; apenas do excessivo cal-
or (20.º centigrado) e das abundantes chuvas duran-
te os meses de Janeiro, Fevereiro e Março, apenas
houverão alguns casos de febres intermitentes entre
os trabalhadores. Achei rastos frescos e varios
acompanhamentos dos Indios chamados Bugres
que habitam estes sertões; parecem pouco numero-
sos; são de indole cruel; matam todos os prisio-
neiros que farão; julgo que bem difficil seria

domesticall-os; ate agora nao se atterrao a
nos atacar.



Com respeito ao clima é sadio; as terras devem ser
productivas; As aguas correntes são numerosas,
puras e a maior parte podem ser aproveitadas para
os motores; tem uma bella situação para formar
uma povoação perto de um ribeirão maregareiro
é facil abrir estradas para o interior e para a
Freguesia; Os productos poderão ser transportados
pelo Stajahy mirim em um dia até o por-
to de mar.

A variação da agulha foi calculada repetida-
mente pelo methodo das alturas correspondentes
sempre; sempre foi achada de tres graus e mi-
nuto para Leste com uma differença de alguns
minutos para mais; porém como esta differença
é indapreciavel com a Bussola e que mesmo
é impossivel pôr a agulha na direcção de 3°
 $36'$ determinei de accordo com o Sr. Major
Abreu que se seguisse a variação de 3° $36'$ com
a qual trabalhou o Capitão Freitas.

Calculei a latitude do vertice do angulo for-
mado pela intersecção da Meridiana prin-
cipal e da sexta parallella á Base. O methodo
do que se seguiu foi o da observação da altura do
Sol na sua passagem á meridiana; achei ter-
mo medio $24^{\circ} 6' 15''$.

Sommando as superficies das trinta e seis
seccões que compoem o primeiro quarto do terri-
torio achei $9.054.112$ braças quadradas, que se-
didas pelo preço da avaliação devem produzir
a quantia de $17.032.974$.

St. Catharina em 5 de Setembro de 1858

L. Christy

Os originais acham-se arquivados na seção de Documentação
Histórica, na Caixa 1152 A - Luah Cyrino Verbeuren, Chefe da
Seção. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1992 -
Suzelma A. Paiva de Oliveira
Chefe do Serviço de Documentação Escrita

Caixa 1152 A

no 4710-581

ARQUIVO
S. O.
SEÇÃO A.

Repartição Geral das Terras Públicas

N.º 42

N.º 1550 - C - 18 de Setembro - 1858.

Off.º Ex.º Sr.º

J. P.



Sup.º de Chef.
de Terras

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.º
o incluso officio do Delegado do Inspector
Geral das Terras Públicas, e mappa no mes-
mo mencionado a cerca da verificação da
medida dos dois pedacos de terreno no Al-
jâhij vendidos ao Doutor Plummerau.

Des. Guarde a V. Ex.º
Palacio do Governo de Santa Catharina
em 10 de Setembro de 1858.

Off.º Ex.º Sr.º Conselheiro d'Estado Marquez d'Almeida
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio

João José Loureiro

Repartição Geral das Terras Publicas

Nº 42

Illmº e Exmº Snr.

T. P.

Infe. Sr. Chefe
da 1ª Secção

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exa/
o incluso officio do Delegado do Inspector/
Geral das terras Publicas, e mappa no mes-/
mo mencionado a cerca da verificação da/
me dição dos dous pedaços de terreno no Ita-/
jahy vendidos ao Doutor Blumenau.

Deos Guarde a V. Exa./

Palacio do Governo de Santa Catharina/ em
10 de Setembro de 1858.

Illmº Exmº Snr. Conselheiro d'Estado Marquez d'Olinda
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio

João Jose Coutinho

no 4710-581

ARQUIVO
S. O.
SEÇÃO A.

Repartição Geral das Terras Públicas

N.º 42

N.º 1550 - C - 18 de Setembro - 1858.

Off.º Ex.º Sr.º

J. P.



Sup.º de Chef.
de Terras

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.º
o incluso officio do Delegado do Inspector
Geral das Terras Públicas, e mappa no mes-
mo mencionado a cerca da verificação da
medida dos dois pedacos de terreno no Al-
jâhij vendidos ao Doutor Plummerau.

Des. Guarde a V. Ex.º
Palacio do Governo de Santa Catharina
em 10 de Setembro de 1858.

Off.º Ex.º Sr.º Conselheiro d'Estado Marquez d'Almeida
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio

João José Loureiro

Repartição Geral das Terras Publicas

Nº 42

Illmº e Exmº Snr.

T. P.

Infe. Sr. Chefe
da 1ª Secção

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exa/
o incluso officio do Delegado do Inspector/
Geral das terras Publicas, e mappa no mes-/
mo mencionado a cerca da verificação da/
medição dos dous pedaços de terreno no Ita-/
jahy vendidos ao Doutor Blumenau.

Deos Guarde a V. Exa./

Palacio do Governo de Santa Catharina/ em
10 de Setembro de 1858.

Illmº Exmº Snr. Conselheiro d'Estado Marquez d'Olinda
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio

João Jose Coutinho

BH Cad. v. 4 - An. 1980 - Tomo XX

Mmo Sr. Dr. Blumenau

P02.11

119

Com a de S. S. datada de 9 de Janeiro pro-
ximo passado me foram entregues
duas galinhas e um gaulo da raça
conchinchin, que muito lhe agradeço.

Nesta occasião lhe officio em respos-
sa ao seu officio de 14 de Janeiro, assim
como acerca do deferimento dos requere-
rimento que varios colonos fizeram a
S. M. o Imperador pedindo dispensa
do lapso dos dois annos para obterem
o titulo de Cidadãos Brasileiros

A dispensa do lapso de tempo não
dispensa de fazer a declaração perante
o Juiz de Paz de quem se Cidadão
Brasileiro, e do juramento de fidelida-
de ao Imperador e Leis do Imperio.

Os contantes da relação assignarão
a petição que dirigirão a S. M. I.,
mas como ainda não me remittirão
as certidões da declaração não lhes
pode mandar passar os titulos.

Diga-lhes pois que que fação as
declarações e juramentos, e que me man-
dem as certidões para passarem-n os

titu-

ben.

Aproveito a occasião para retribuir
a V. S. os meus protestos de estima, e
consideração com que sou

Q. V. S.

M^{te} att^o Sr. S. J.

Outubro 12 de
Fev. de 1858

João José Lourenço

C. S.

Dezjando formar o districto de Bar de
maneira que tenha uma boa divisaõ,
e que comprehenda todos os quasi
todos os Alencas V. S. me indicará
se o districto deve principiar no
Betchior, ou se convem vir mais
abaixo. Um rio que tenha nome
conhecido será a melhor divisa, tanto
por uma margem, como por outra
co Grande Itajahy.

Fundo de proci =

titulos.

Quanto che 23 certidões cuyas assignaturas não combinão com as assignaturas do requerimento, que me enviou com o seu Officio de 16 de Janeiro. Taca outro requerimento, e os donos das certidões, que assignem esse requerimento de maneira que a assignatura do requerimento combine com a assignatura que se acha nos requerimentos. Os que não souberem escrever devem pedir a outros que por elle assignem. Pode mesmo uma só pessoa assignar por todos os que não sabem escrever, mas devem isto mesmo declarar: por exemplos.

Atypos da Andre Graßmann

" " João Sarchow

" " Hugo Schulte

" " João Roth

" " Carlos Victor Frederico Gueth. Sulger

— João Augusto Goffrier

Estimo que tenha passado

Logo que vier o Decreto a nomea-
ção do Subdelegado, e dos supplen-
tes P.S. me remetterá uma lista
de pessoas escolhidas dos mais
intelligentes, de reconhecida pruden-
cia e moralidade, pondo os no-
mes dos melhores em primeiro
lugar. Se for possível combinar
a intelligencia, prudencia, e morali-
dade com a riqueza, ou independen-
cia pelos meios de bom estabeleci-
mento de lavoura melhor será.

Stokina
182

Wm. J. Dr. Blumman

Com a de V. S. datada de 9 de Janeiro pro-
ximo passado me foram entregues
duas galinhas e um galo da raça
conchinchin, que muito lhe agradeço.

Nesta occasião lhe officio em respos-
sa ao seu officio de 14 de Janeiro, affirm-
como acerca do deferimento do requere-
rimento que varios colonos fizeram a
V. M. o Imperador pedindo dispensa
do lapso dos dois annos para obterem
o titulo de Cidadãos Brazileiros

A dispensa do lapso de tempo não
dispensa de fazer a declaracão perante
o Juiz de Par de quem ser Cidadão
Brazileiro, e do juramento de fidelida-
de ao Imperador e Lis do Imperio.

Os constantes da relacão assignarão
a peticão que dirigirá a V. M. S.,
mas como ainda não me remittirão
as certidões da declaracão não lhes
propo mandar passar os titulos.

Diga-lhe pois que que faça as
declaracões e juramentos, e que me man-
dem as certidões para passarem - u os

titu-

titulos.

Devolve-me 23 certidões cuyas assignaturas não combinão com as assignaturas do requerimento, que me envieu com o seu Officio de 14 de Janeiro. Faça outro requerimento, e os donos das certidões, que assignem esse requerimento de maneira que a assignatura do requerimento combine com a assignatura que se acha nos requerimentos. Os que não souberem escrever devem pedir a outros que por elles assignem. Pode mesmo uma só pessoa assignar por todos os que não sabem escrever, mas devem elles mesmo declarar... por exemplos.

Stroy de Andrei Grossmann

" " João Sarchow

" " Hugo Schulte

" " João Koth

" " Carlos Victor Frederico Guinh. Sulger

— João Augusto Goffrier

Estimo que tenha passado

bem.

Aprovado a occazião para reverter
a V. S. os meus projectos de extensa, e
consideraçãõ com que sou

De V. S.

M^{to} att^o do Sr. S. J.

Desterro 12 de
Fev^o de 1858

João José Gonçalves

B. S.

Dizjando formar o districto de Bar de
maneira que tenha uma boa divisãõ,
e que comprehenda todos os quasi
todos os Aldeas V. S. me indicará
se o districto deve principiar no
Bulchior, ou se convem vir mais
abaixo. Um rio que tenha nome
conhecido será a melhor divisãõ, tanto
por uma margem, como por outra
do Grande Itajahy. Sendo de proci-

Mmo Sr. Dr. Blumenau

P02.11

119

Com a de S. M. datada de 9 de Janeiro pro-
ximo passado me foram entregues
duas galinhas e um gaulo da raça
conchinchin, que muito lhe agradeço.

Nesta occasião lhe officio em respos-
sa ao seu officio de 14 de Janeiro, assim
como acerca do deferimento dos requere-
rimento que varios colonos fizeram a
S. M. o Imperador pedindo dispensa
do lapso dos dois annos para obterem
o titulo de Cidadãos Brasileiros

A dispensa do lapso de tempo não
dispensa de fazer a declaração perante
o Juiz de Paz de quem se Cidadão
Brasileiro, e do juramento de fidelida-
de ao Imperador e Leis do Imperio.

Os contantes da relação assignarão
a petição que dirigirão a S. M. I.,
mas como ainda não me remittirão
as certidões da declaração não lhes
pode mandar passar os titulos.

Diga-lhes pois que que fação as
declarações e juramentos, e que me man-
dem as certidões para passarem-n os

titu-

ben.

Aproveito a occasião para retribuir
a V. S. os meus protestos de estima, e
consideração com que sou

Q. V. S.

M^{te} att^o Sr. S. J.

Outubro 12 de
Fev. de 1858

João José Lourenço

C. S.

Dejando formar o districto de Bar de
maneira que tenha uma boa divisaõ,
e que comprehenda todos os quasi
todos os Alencas V. S. me indicará
se o districto deve principiar no
Betchior, ou se convem vir mais
abaixo. Um rio que tenha nome
conhecido será a melhor divisa, tanto
por uma margem, como por outra
co Grande Itajahy.

Fundo de proci =

titulos.

Quanto che 23 certidões cuyas assignaturas não combinão com as assignaturas do requerimento, que me enviou com o seu Officio de 16 de Janeiro. Taca outro requerimento, e os donos das certidões, que assignem esse requerimento de maneira que a assignatura do requerimento combine com a assignatura que se acha nos requerimentos. Os que não souberem escrever devem pedir a outros que por elle assignem. Pode mesmo uma só pessoa assignar por todos os que não sabem escrever, mas devem elles mesmos declarar: por exemplos.

Atypos da Andre Graßmann

" " João Sarchow

" " Hugo Schuler

" " João Roth

" " Carlos Victor Frederico Gueth. Sulger

— João Augusto Goffrier

Estimo que tenha passado

Logo que vier o Decreto a nomea-
ção do Subdelegado, e dos supple-
tes P.S. me remetterá uma lista
de pessoas escolhidas dos mais
intelligentes, de reconhecida pruden-
cia e moralidade, pondo os no-
mes dos melhores em primeiro
lugar. Se for possível combinar
a intelligencia, prudencia, e morali-
dade com a riqueza, ou independen-
cia pelos meios de bom estabeleci-
mento de lavoura melhor será.

Stokera
182

Wm. S. Dr. Blumman

Com a de V. S. datada de 9 de Janeiro pro-
ximo passado me foram entregues
duas galinhas e um galo da raça
conchinchin, que muito lhe agradeço.

Nesta occasião lhe officio em respos-
sa ao seu officio de 14 de Janeiro, affirm
como acerca do deferimento do requere-
rimento que varios colonos fizeram a
V. M. o Imperador pedindo dispensa
do lapso dos dois annos para obterem
o titulo de Cidadãos Brasileiros

A dispensa do lapso de tempo não
dispensa de fazer a declaração perante
o Juiz de Paz de quem se Cidadão
Brasileiro, e do juramento de fidelida-
de ao Imperador e Reis do Imperio.

Os constantes da relação assignarão
a petição que dirigirá a V. M. S.,
mas como ainda não me remittirão
as certidões da declaração não lhe
propo mandar passar os titulos.

Diga-lhe pois que que faça as
declarações e juramentos, e que me man-
dem as certidões para passarem - u os

titu-

titulos.

Devolve-me 23 certidões cuyas assignaturas não combinão com as assignaturas do requerimento, que me envieu com o seu Officio de 14 de Janeiro. Faça outro requerimento, e os donos das certidões, que assignem esse requerimento de maneira que a assignatura do requerimento combine com a assignatura que se acha nos requerimentos. Os que não souberem escrever devem pedir a outros que por elles assignem. Pode mesmo uma só pessoa assignar por todos os que não sabem escrever, mas devem elles mesmo declarar... por exemplo.

Stroy de Andrei Grossmann

" " João Sarchow

" " Hugo Schulte

" " João Koth

" " Carlos Victor Frederico Guinh. Sulger

— João Augusto Goffrier

Estimo que tenha passado

bem.

Aprovado a occazião para reverter
a V. S. os meus projectos de extensa, e
consideraçãõ com que sou

De V. S.


M^{to} att^o do Sr. S. J.

Desterro 12 de
Fev^o de 1858

João José Lourenço

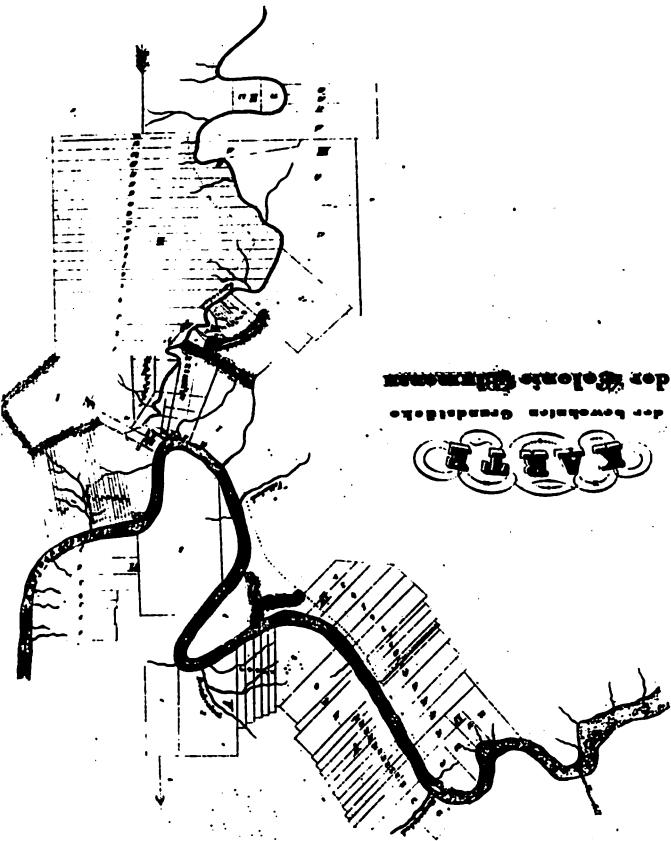
B. S.

Dizjando formar o districto de Bar de
maneira que tenha uma boa divisãõ,
e que comprehenda todos os quasi
todos os Alencas V. S. me indicará
se o districto deve principiar no
Bulchior, ou se convem vir mais
abaixo. Um rio que tenha nome
conhecido será a melhor divisãõ, tanto
por uma margem, como por outra
do Grande Itajahy. Sendo de proci-



KARTE

der bewohnten Grundstücke
der Colonie Blumenau



Карта
для проектирования

KARTE

Auszug aus dem Buche "Reise durch Sued Brasilien"

im Jahre 1858.

v. Dr. Robert Avé Lallemand.

P02.11
120

Am 17 Juli morgens ganz frueh hatte Adam unseren Reitzug schon in Ordnung und wir trabten in der besten Laune davon. Der Weg trennte sich vom Meere und bietet eine huedsche Partie von Flachland und Gebirgsabhaengen, sodass der Ritt dazwischen, wenn auch der Weg selbst nicht eben zu loben ist, viel Manigfaltiges und Interessantes darbietet. Nach einigen Stunden kaommt man an die offene Bucht von Porto Bello, an deren Suedrand die kleine, sehr unbedeutende Stadt gleichen Namens liegt. Die Gegend ist malerisch schoen und bietet huedsche Prospective von Seebrandungen gegen schroffe Waldhoehen und Vorgebirge, aber auch einen hoechst muehevollen Gebirgsweg, welcher einen Teil der Hoeehen gegen Osten hin liegen laesst. Dann kommt man zu einem kleinen romantisch gelegenen Kirchdoerfchen Bom Successo, wo ein huedscher breiter Fluss, der Cambiriu-Aqu, zu passieren ist. Der Ort ist pffenbar nur aermlich. Bei einer freundlichen brasilianischen Familie machte ich mit Burkart, der dort bekannt war, einen kleinen Mittagshalt, waehrend Adam die Tiere und das Gepaeck uebersetzte. Die Toechter von Hause waren in Desterro erzogen worden und machten den allerangenehmsten Eindruck, erregten in mir aber auch ein gewisses Bedauern. Die Maedchen waren schoen, das eine selbst auffallend schoen. Und nun leben sie in Bom Successo am Cambiriu-Aqu wie in einer Verbannung, wie Ovid zu Tomi bei den sauromatischen Scythen, woraus sie im besten Fall einmal von einem ungeschliffenem Manne erloest werden. Es dunkelte schon, als wir wieder an eine ziemlich eingeschlossene Meeresbucht kamen. Wir waren an der Barre des Itajahy und befanden uns somit in einer Gegend der Provinz, die in neueren Zeiten wegen der dorthin soch richtende n deutschen Einwanderung classisch geworden ist. Kaum konnten wir den ganz belebten kleinen Verkehrsort an der Barre des Flusses uebersehen. Wir ritten eine kleine halbe Stunde laengst des Flusses landeinwaerts bis zu einer kleinen Ansiedlung, die mich aufs angenehmste ueberrachte. 2 freundliche Wohnhaeuser bilden diese kleine Ansiedlung. In dem ersten wohnt ein fleissiger, wackerer Tischlermeister Hahn aus Meklenburg, im zweiten sein Schwager Sallentien, ein Geschaeftsmann, beide mit einer lieben Familie von Gott gesegnet. Denn wenn etwas ein Segen von Gott ist, so ist es gewoss eine sät-tige deutsche Hausfrau und Biebe Kinder, gerade so wie man sie in jener Ansiedlung trifft, dazu ein wohlgebautes, huedsches Wohnhaus mit sauberer Anordnung und Einrichtung des inneren Haushaltes, so nett, so sauber, wie ich das noch nirgends bis dahin bei deutschen Auswanderern auf dem Lande getroffen hatte. Was mich nun aber ganz besonders erfreute, war der Umstand, dass ich bei Herrn Sallentien meinen alten Freund Dr. Blumenau, den Gruender der Itajahykolonie gleichen Namens, vorfand. Er war eben von Rio de Janeiro, wo er bei der Landesregierung neues Interesse fuer seine Kolonie anzuragen versucht hatte, zurueckgekehrt und wollte am folgenden Tage den Fluss hinaufzugehen. Doch war an diesem folgenden Tage, einen Sonntage kein Canoe zu bekommen und wir mussten schon einen Tag Gedult haben. Es war mir aber kein verlorener Sonntag. Kaum war der Tag angebrochen, als ich vor das Haus an den Itajahy trat. Ein herrlicher, herrlicher Strom. Fast so breit wie der Uruguay bei Sta. Borja, fliest er ruhig in ueberreicher Wasserfuelle daher und traegt sicher

die aus der See einlaufenden Handelsschiffe bis weit hinauf, ja kleinere Seeschiffe koennen bis zur Kolonie selbst gegangen, ein Vorteil, der fuer die Anbauer von unbereichenbaren Nutzen ist. Gleich neben Sallentien's Grund und Boden nimmt er seinen Nebenfluss, den kleinen Itajahy auf, an dessen Ufer sich ebenfalls koestliche, bis jetzt erst wenig ausgebeutete Landesstrecken befinden und grosse Entwicklung verheissen. Der fluechtigste Blick selbst ist hinreichend um Kolonietreiben am Ufer des herrlichen Stromes das gluecklichste Prognostikon zu stellen. Nichts destoweniger war mein alter Freund Dr. Blumenau diesmal nicht so begeistert von seinem Kolonieunternehmen, als ich ihn wohl sonst in Rio de Janeiro gesehen habe. Er teilte mir eine Menge von Schwierigkeiten mit, deren Wegraeumen nicht in seiner Macht und seinen Kraeften allein liegen und zu weit aus dem Bereich seines Willens hianausgehen der ganz gewiss der allerbeste ist.

Ich kann hier meinen Lesern keine Geschichte von der Gruendung und Entwicklung der deutschen Kolonie am Itajahy geben. Dr. Blumenau har das schon hinlaenglich getan in seinem Buechlein "Deutsche Kolonie Blumenau u. s. w." 1856. Ich kann mich aber nur auf meinem Besuch jener Kolonie beschraenken und unbefangen meine Ansicht ueber das Unternehmen, wie ich es eben ueberschauen kann, abgeben. Am 19 Juli lag ein Canoe bereit, um das deutsche gelehrte Trifolium, die Doctoren Blumenau, Burkart und Avé-Lallemant den Itajahy hinaufzufahren. Das war aber hoechst humoristisch. Das Canoe war recht alt, schmutzig und geflickt; einige Lecke waren mit Lappen verstopft und erregten in mir die lebhafteste Ueberzeugung, dass ein Kolonieunternehmen nicht immer im trockenen sitzt. Wir sassen alle drei auf den Boden des Canoes, weil soch ein Ding, wenn ~~man~~ man nicht alles Gewicht auf den Boden legt, umschlaegt. Anfangs aergerte ich mich ueber die ganze Einschiffung. Ich sass dem Dr. Blumenau dos-a-dos, Buckart sass ihm gerade gegenueber, eine eigentliche Conversation war unmoeglich, denn man darf sich im Conoe nicht ruehren. Dazu leidet der Dr. an einer hoechst traurigen Harthoerigkeit. Da mussten wir denn, um un zu verstaendigen, nach den verschiedensten Richtungen hin aus aller Macht schreien, was bei den Echo zwischen den Waldungen der Ufer einen wunderlichen Effect machte und alles Tierleben von dort verscheuchte.

Neben den schreienden deutschen Gelehrten machte der brasilianische Waldstrom einen herrlichen Kontrast. In langem Zuge, breit, tief, maechtig und meistens ganz lautlos floss die schoene Wassermasse dahin. Wonniiger Urwald spielte aus der Tiefe der Wasser wider, schlanke Palmen hingen weit hinueber ueber die dunkle Flut und schwankten leise hin und her. Aber neben dem Bilde des tiefsten Friedens lag auch oft das Bild wilder Zerstoerung. An manchen Stelle sind die Waende (Barancos) des Flusses mit dem auf ihnen wuchernden Urwald eingestuerzt. Dieselben gewaltigen Kronen, die hoch hinaufragen gen Himmel sind jaehlings hinabgestuerzt in das reissende Element und liegen nun dort fest im Grunde umbraust vom schaeumenden Waaser, bis sie entweder verfault sind, oder follends sich im Sande vergraben. Selbst die Baumleichen zeigen noch das Bild wilder Zerstoerung. Wer kennt nicht aus Burmeister's Urwaldsschilderung den veruchten Cipo matados, jenen maechtigen Schlingpflanzenstamm, der sich an dicken Waldstaemmen in die Hoehe schleicht, seine sehnigen Klammern in dieselben hineintreibt und sae so erwuergt? So sah ich sie beide den Moerder und der Ermordeten, fest ineinander geklammert und haerabgestuerzt von dem Barranco des Flusses, im Wasser als Leichen liegen.

Je weiter man den Fluss hinauffaehrt, desto mehr stellt sich der Anbau auf beiden Ufern heraus. Vor etwa 2 Decennien fasste ein talentvoller belgischer Ingenieur, van Leede, den Plan, am Itajahy eine Kolonie anzulegen. Die Anlage als eine Gesamtkolonie mislang, jedoch gediehen die einzelnen belgischen Anbaue, die noch dort ihre kleinen Niederlassungen bewohnen, recht gut, und der Name des Gruenders muss immer mit Achtung genannt werden. Zufriedene Menschen, die sich durch ihren Fleiss ueberreichlich ernaehren koennen, bewohnen in ihren kleinen grauen Haeusern den Hochrand des Flusses, und die kleinen flaemischen Kinder, die sich im Drecke zwischen den Pisangs und dem Zuckerrohr herumwuehlen, sehen ganz lustig aus, wenn man bei ihnen vorbeifaehrt. Auch einige deutsche Anwohner sind in der Naehede der sogenannten belgischen Kolonie hingeraten, besonders da, wo der Belgier Nikolaus Dechamp seinen Wohnsitz hat. Wahrhaft klassisch ist hier die Familie Schramm geworden, welche dem Itajahy in der Gegend bewohnt, wo der Rio Gaspar sich in denselben ergiesst, und wo wir, da wir Blumenau in einem Tag nicht erreichen konnten und ich keineswegs Lust hatte, eine Nacht schreiend und in einer wirklichen Straeflingslage im Canoe zuzubringen, gegen Abend halt machten. Schramm's am Itajahy bilden eine Familiengruppe, an die ich immer mit Herzensfreude und Erbauung zurueckdenken werde. Den Hauptstamm bildet ein altes, fromm katholisches Ehepaar, welches vor Jahren nach Brasilien aus wanderte und das ungeheure Kapital des "Ora et labora" mit sich brachte und die Zinsen davon zum Kapital schlaegt bis ins Alter hinein. Eine Reihe wackerer, gediegener Soehne und Toechter ist um die Alten emporgewachsen, und Gott weiss, wie viele kleine flachskoepfige Enkel durch das Haus rennen. Das Herz lacht einem im Leibe, wenn man die biedereren Menschen sieht, und unter ihrem wohnlichen Dache als einer der Ihrigen empfangen wird ohne dass die selbst eine gewisse Zeremonie annaehern. Alles geht vielmehr seinen einfachen Gang weiter, die Arbeit wird getan bis zu Ende am gemeinsamen Familientische sitz der Gremde neben den Aeltern, den Kindern, den Enkeln und das Gespraech wird gefuehrt zwischen Leuten, die sich nie vorher gesehen, als ob sie immer zusammengelebt haetten. Eine alte Gastfreundschaftslegende aus dem Orient kann nicht ruehrender und erbaulicher klingen, als hier die Wirklichkeit sich gestaltet. oder ist es nicht ruehrend, und erbauend, Richter's lieber Dorfholzschnitte umherwandeln zu sehen: eine liebe alte Mutter, die fuer die eben angekommenen Fremden sich bemueht und von den stattlichen Toechtern und Schwiegertoechtern nimmermehr zur Ruhe verwiesen werden kann, bis sie sich endlich doch mit einem Seufzer die Liebe der Kinder gefallen lassen muss? Und sieht man die einzelnen an, sind sie nicht all eben jene Richterschen Figuren? Ist nicht die siebzehnjaehrige Tochter jenes koestliches Maedchen aus der Spinnstube, die sich vor dem kleinen Spiegel ihrer Dachstube das Haar kaemmt? Es war Abends spaet geworden. Den Gaesten wurden im Wohnzimmer die Betten zurecht gemacht. 3 improvisierte Fremde setzten da nocht in Verlegenheit, wo ihrer oft 8-10 kommen. Ich hatte meine Freude an dem sauberen Leinenzeug meines Bettes; man haette es auf eine Industrieausstellung schicken koennen.

Am naechsten Morgen weckte mich ein eignes Kraehen. Die Scheidewaende des Hauses gehen, wie das meistens auf dem Lande der Fall ist, nicht ganz bis oben hinauf, sodass man leicht durch das Haus hindurch jedes Geraeusche hoert. Vergebens bemuehte sich eine junge Mutter, im Nebengemach ihr Kindlein, welches ganz glueckselig kraechte, mit allen Kunststuecken der Mutterliebe zur Ruhe zu bringen. Auf halbe Minuten schwieg der kleine Balg, um unmittelbar hell aufzujachzen, denn es nahm die ganze Beruhigungsmethode fuer einen Scherz und kraechte nur dankbarer der jungen Mutter entgegen.

Bald war denn auch wirklich das ganze Haus wach gekraecht, und als ich mich angekleidet hatte, war jeder schon bei der Arbeit. Die fleissigen Maenner hatten bereits die Zuckermuehle in Bewegung gesetzt und der Destillirapparat war schon in vollem Ganze. Vor dem warmen Ofenfeuer sasssen 4 Enkelchen des alten Schramm und freuten sich der Naeh des ~~KUCHEN~~ Feuers, des Grossvaters und des Vaters, im Grunde lauerten sie wohl auf den Zuckersaft, der aus der Muehle herausfloss. Denn sowie sie einmal officiell die Erlaubniss erhalten hatten, den Saft zu kosten, steckten sie die kleinen Zeigefinger hinein und schmeckten ihn mit Genuss. Dann rannten die kleinen Zuckerlecker davon, um ihr Wesen mit Huehnern und Enten zu treiben. Wir fruehstueckten und schieden von der wackeren Familie, die ihresgleichen kaum irgendwo finden mag. Der Itajahy floss racher und rauschte an manchen Stellen ziemlich heftig, sodass unsere beiden Bootsmaenner recht tuechtig arbeiten mussten. Doch laesst sich sein Stom mit einem Dampfboot ueberall besiegen. Furchtbar muss der Fluss sein, wenn er, wie dies manchmal geschied, heftig anschwillt. In Schramm's Hause sah ich die Marke der Wasserhoehe vom November 1855 die aber auch ueber alles Mass hinausging. Der Fluss muss gewiss um 40 Fuss geschwollen gewesen sein, ja man moechte kaum daran glauben, dass die Flut sich so weit erstreckt habe, wie sie bezeichnet wird. Kaum hatten die Anwohner Zeit gehabt, sich aus den Haeusern auf nahe Waldhoehen zu fluechten und so ihr Leben zu retten. Im selben Verhaelt-niss, wie der Lauf des Flusses schneller wird, wird auch der Wald an den Ufern gewoelbter. Herrliche Waldkuppen treten an einzelnen Stellen bis dicht an den Stom und gewahren wundervolle Aussichten. Eher als man es erwartet, legt das Canoe an, man steigt den Barranco des Flusses hinauf und steht vor der Stadt Blumenau.

Da muss ich aber vor allen Dingen eine Anmerkung machen, um meine Leser nicht zu taeuschen. Es geht mit manchen Dingen u. Namen wie es mit jenem Loeven im Sommernachtstraum geht: er ist kein rechter Loeve und das Publikum braucht nicht vor ihm zu erschrecken. Und so ist manche Wand keine wirkliche Wand, und hundermal ersetzt eine Laterne auf der Buehne des Lebens den Mondschein. Von Stimmung und guten Willen haengt zuletzt alles ab. Kaum brauche ich an Heine's ~~KUCHEN~~ Brockenjuengling zu erinnern, der die gelbe lederne Hose im Glas-schrank als umnebelten Mond apostrophiert und in einen Ossianischen Hymnus ausbricht.

Stadt Blumenau. Geneigter Leser. Wenn du, wie ich, einige Stunden des Morgens auf den ganzen vorhergehenden Tag im Prokustesbett eines Itajahycanoes eingezwaengt gewesen waerest, du wuerdest mit unendlicher Liebe und Nachsicht dem vor dir liegenden Etablissement die Qualitaet einer Stadt und der Stadt den Namen Blumenau von Herzen geschenkt haben. Die Stadt Blumenau hat den besten Willen eine Stadt zu werden. Vorlaeufig fehlt ihr aber alles, was eine Stadt konstituirt. Von Kirche, Administrationshaeuser und sonstigen oeffentlichen Bauten icht noch keine Spur zu sehen auch stehen so wenig Haauser am Wege, dass man unwillkuerlich fragt: Wo ist nun aber die Stadt?

Ein Empfangeschuppen gleich links ist in seiner einen Haelfte fertig, die andere ist ein von Pfeilern getragenes Dach. In der ersten Haelfte ist ein Raum fuer eine provisorische Schule und fuer einen provisorischen Betsaal, und einige Abteilungen fuer etwaige Neuankom-mende, welche unbedingt nicht freundlich impressionirt werden. Sehr huebsch ist dagegen das Wirtshaus des Herrn Friedenreich, wo Dr. Blumenau wohnt und wir uns ebenfalls einquartierten. Herr Friedenreich ist ein mit sehr guten Kenntnissen ausgeruesteter und vollkommener wohlerzogener Veterinaer, dessen freundliche, gutgesinnte junge Frau ihr Haus wohl regiert;

gewährte Religionsfreiheit u.s.w.- Mit Bezug auf die Urbarmachung des Pflanzlandes, der verschiedenen Kulturen von Bodenerzeugnissen, Anlagen von Viehweiden u.s.w. so erschien die Kolonisation in der der Provinz Rio Grande do Sul im Vergleich zu dem, was bisher in der Provinz Sta. Catharina gesehen leichter und ertragreicher zu sein. Ein endgültiges Urteil ueber die wirklichen Vorzuege der einen oder der anderen Provinz Suedamerikas fuer die Ansiedlung deutscher Einwanderer behielt sich Dr. Blumenau bis nach der Erforschung der ausgedehnten Flusstaeiler der Provinz Sta. Catharinas Itajahy - Itapocú - Tijucas, u.s.w. vor.

Am 17 Juli 1847 kehrte Dr. Blumenau von Rio Grande kommend nach kurzer Vorsprache in Desterro nach Rio de Janeiro zurueck. Hier beschaeftigte er sich damit ausfuehrliche Informationen ueber die Laendereien der Provinz Sta. Catharinas, deren Erwerb fuer groessere Kolonisationsunternehmen, Unterstuetzung der Einwanderung, Verkehrsbauten u.s.w. seitens der Regierung Brasiliens zu erhalten. Er erstattete wiederholt ausfuehrliche Berichte ueber seine Beobachtungen, Erfahrungen u.s.w., die Ansiedlung deutscher Einwanderer und Fortsetzung derselben betreffend, an den Hamburger Verein, konat jedoch seither keinen festen Vorschlag machen ein Landgebiet zur Kolonisierung mit einer groesseren Zahl deutscher Auswanderer zu erwerben.

Ende des Jahres 1847 bereitete sich Dr. Blumenau zu einer Erkundungsreise in das grosse Itajahyflusstal vor. Sein Freund Ferdinand Hackradt erklarte sich zur Teilnahme der Expedition bereit und reiste bereits am 26 Oktober 1847 von Rio de Janeiro nach Desterro ab, um dort die noetigen Vorbereitungen fuer die Forschungsreise fertig zu stellen. Am 21 Dezember 1847 reiste Dr. Blumenau von Rio de Janeiro ab, und traf bereits am 25 Dezember mit Hackradt in Desterro zusammen. Vor der Abreise von Rio erhielt Dr. Blumenau von dem Hamburger Verein Nachrichten die andeutungsweise die Aufloesung des Hamburger Vereins zum Schutze deutscher Auswanderer nach Brasilien in Aussicht stellten. Da diese Nachrichten keine bestimmten Weisungen enthielten, so nahm Blumenau keinen Abstand, die von ihm vorbereitete Durchforschungsreise des Itajahyflusstales zu beginnen.

Erste Erkundungsreise Dr. Blumenaus im Itajahyflusstale und Entschluss zur Gruendung einer Kolonie mit deutschen Einwanderern, 1848.

Die fuer die Flussreise erforderlichen Begleitmannschaften Boote, Lebensmittel, Waffen, Munition, Geraeete u.s.w. wurden in Itajahy besorgt resp. vervollstaendigt. Ein Fluss- und Waldkundiger Brasilianer, Angelo Dias wurden als Fuehrer fuer die Reise angeworben. Die Reise ab Itajahy begann in den ersten Tagen des Jahre 1848. Die Uferlaendereien des grossen Itajahyflusses, waren seit Jahren bis zu der Muendung des Nebenflusses Gaspar am rechten Ufer gelegen, und der Muendung des Nebenflusses Belchior, am linken Ufer in Besitz von fazendeiros (Grossgrundbesitzer), und der Koloniebezirke: "Belga" u. Belchior-Pocinho" (Itajahy). Die Kolonie Belga war im Jahre 1845 von dem belgischen Ingenieur Carlos van Leede mit belgischen Einwanderern (90 Personen) auf einem vom Fazendeiro Major Henrique Flores gekauften 1 1/4 Quadratmeile umfassenden Landgebietes gruendet.

Die Kolonie Belchior-Pocinho (Itajahy) wurde von der Provinzialregierung im Jahre 1836 mit deutschen Einwanderern, die von der Kolonie S. Pedro de Alcantara uebergesiedelt waren und mit einigen Brasilianern gegruendet. Indianerueberraele und fortgesetzte Bedrohungen der Ansiedler durch Indianer, vertrieben die Ansiedler zunaechst, dann sandte die Regierung 1839 eine Abteilung Fusssoldaten zum Schutze der Ansiedler, sodass die Kolonisation weiter fortgesetzt wurde. Einige Jahre vor der Reise Dr. Blumenaus hatten einige Kolonisten, die die Kolonie S. Pedro de Alcantara verlassen hatten oberhalb der Muendungen Gaspar und Belchior, Grundstuecke erworben, und dort angesiedelt.

Die noch unbewohnten, der Regierung gehoerenden (devoluten) ausgedehnten Laendereien des Flusstales Itajahy-Assú begannen oberhalb der Muendungen der Nebenfluesse Garcia und Velha (rechtes Ufer) und der Nebenfluesse Fortaleza und Itoupava (linkes Ufer).

Die Entfernung vom Hafen Itajahy bis zu den Muendungen der Nebenfluesse Velha und Garcia wurden den Landweg benuetzend auf einige 50km geschaezt, die Entfernung auf dem Flusswege betrug in Folge der grossen Kruemmungen des Flussbettes fast 80km.

Die Ausreise Dr. Blumenau flussaufwärts begann derselbe in Anfang Januar 1848 von der Muendung des Nebenflusses Velha, ~~MMH KKKKK~~ Von dort bis zu der Ueberwindung des grossen Wasserfalles (Salto) des Itajahystromes einer Entfernung von 7km, begleitete ihn Fernando Hackradt, um dann, dem Uebereinkommen gemuess zurueck zubleiben zur Erforschung der Nebenflusstaeiler der Zufluesse Itoupava, Rio do Testo, Velha u.s.w.

Dr. Blumenau von dem Brasilianer Angelo Dias als Fuehrer begleitet, fuhr zunaechst bis zur Muendung des Nebenflusses Rio ~~KKKKKKK~~ Beniditto (25km v. der Velha) und folgte dem Laufe desselben bis zur Muendung des bedeutenten Cudroflusses (8km Entfernung). Quer haette Dr. Blumenau das Tal des Zuflusses des Rio Beniditto in seinem Laufe verfolgt, jedoch erklarte ihm sein Begleiter dass er ohne Genuss von Cachaça (Zuckerrohrbranntwein) dessen mitgenommener Vorrat konsumiert war, nicht weiter reisen koenne. Die Reise ging zurueck bis der sonst tuechtige und fast unentbehrliche Begleiter Angelo Dias durch Beschaffung neuen Vorrates von Cachaça befriedigt war. Die dann fortgesetzte Flussreise liess Dr. Blumenau flussaufwärts bis zur Muendung des Zuflusses Subida und in die Naeh der oberhalb beginnenden starken Stromschnellen des Itajahystromes gelangen (67km von der Velha). Hier begann der Aufstieg zu dem ersten Gebigszuges "Serra do Mar" an dessen Fusse die Vereinigung der Nordarme mit dem Hauptstrome Itajahy-Assú erfolgt.

Dr. Blumenau kehrte von der Muendung des Nebenflusses Subida mit seinem Begleiter den Flussweg zurueck und traf seinen Freund Hackradt verabredeter massen an der Velhamuendung. Hier tauschten die beiden Reisenden ihre Beobachtungen und Eindruecke der Reise aus. Hackradt, dem die leichtere Aufgabe zugefallen traf in der Naeh der Velhamuendung im Garciatale und an der scharfen Ecke bis zur Muendung der Itoupava u.s.w. groessere und kleinere Grundstuecke teils bewohnt, in Besitze von Brasilianer und frueher eingewanderten deutschen und Belgier, die ihm Auskunft ueber Fruchtbarkeit, Pflanzungsmethoden, Verwertung der Produkte bereitwillig erteilten, auch ihren Besitz zum Kauf anboten.

Dr. Blumenau, auf den die reichen nutzbaren Holzbestände und die Fruchtbarkeit des Bodens, wie das Klima, der Fischreichtum der Flusse die Wildbestände in den Urwald der vielen grossen und kleinen Flusstäler, grossen Eindruck machten und der die grossen Vorteile des schiffbaren Flusses Itajahy Assú fuer den Absatz der Kolonierzeugnisse und dem Bezug von Waren u. s. w. erkannte, entschloss sich ohne Zeitverlust mit der Provinzialregierung in Verbindung zu treten, um von dieser die Bewilligung eines grosseren Landgebietes im Itajahytale und die Erlaubnis fuer die Einfuhr deutscher Einwanderer und deren Ansiedlung zu erhalten.

Bereits am 16 Maerz 1848 ueberreichte Dr. Blumenau, als Bevollmaechteter der Hamburger Gesellschaft zum Schutze deutscher Auswanderer nach Brasilien, persoendlich das Nachfolgende in brasilianischer Sprache verfasste (hier in deutscher Sprache uebersetzt) Gesuch an den derzeitigen Praesidenten der Provinz Sra. Catharina-Antero José Ferreira de Brito fuer die Assamblea geral (Versammlung der Gesetzgebenden Koerperschaft der Provinz).
Ueberstzung des Gesuches.

Meine Herren Abgeordnete.

Der Endesunterzeichnete Dr. Hermann Blumenau bevollmaechteter Agent der in der freien Hansastadt Hamburg in Deutschland bestehender Gesellschaft zum Schutze der deutschen Auswanderung nach Brasilien hat die hohe Ehre der Versammlung das nachfolgende Kolonisationsprojekt zu ueberreichen und schmeichelt sich die Gesellschaft dem schoenen fortschrittlichen Staate mit der Durchfuehrung des Projektes einige Vorteile bieten zu koennen. Die genannte Gesellschaft ist in Hamburg von 24 angesehensten, kapitalkraeftigem deutschen Handelshaeusern, von denen einige auch in Brasilien den besten Ruf geniessen und wohlbekannt sind, mit einem Kapital von einer Million Mark banco (derzeitiger Muenze der freien Stadt Hamburg) gegrueudet, wie soches durch die von mir im August 1846 dem hohem, kaiserlichen Ministerium in Rio de Janeiro uebergebenen, von dem Geschawftstraeger der kaiserlich brasilianischen Regierung Brasiliens in Hamburg beglaubigten Dokumente, bestaetigt ist.

Von dem Wunsche beseelt, an den Erfordernissen des ausgedehnten Landes mitzuhelfen und die seit Jahren bestehenden freundschaftlichen, gegenseitigen Handelsverhaeltnisse zu festigen und zu erweitern, beabsichtigt die Gesellschaft deutscher Auswanderer nach Suedbrasilien einzufuehren und anzusiedeln; besonders Ackerbauer usw. In diesem Sinne wendet sich der Unterzeichnete an Sie, die Vertreter der Interessen der Provinz, mit der Unterbreitung der in der Anlage naeher ausgefuehrten Vorschlaege des in Aussicht stehenden Unternehmens, zur genehmigten Pruefung und Beschlussfassung.

Die Kolonisationsgesellschaft betrachtet ihr Unternehmen nicht als ein rein philanthropisches Werk, obwohl dieselbe in erster Linie beabsichtigt, den vielen in Deutschland lebenden rechtschaffenden, aber durch unverschuldete Verhaeltnisse in Not und bedraengter Lage betroffenen Personen und Familien eine bessere Zukunft zu verschaffen; sie verwirft aber auch die Verdaechtigung einer Spekulation auf Geldgewinne gerichtete Absicht die auf Kosten des Kaiserreiches und der Auswanderer verwirklicht werden soll und wird, entsprechend ihren Vorschlaegen das Siedlungsprogramm gewissenhaft und Reel erfuellen und die uebernommenen Verpflichtungen genau innehalten.

Obwohl die Gesellschaft nicht in der Lage ist jeden Nutzen ihres Unternehmens zu verzichten und die Umkosten, der mit der Einwanderung der Ansiedlung und die damit verbundenen Arbeiten verursachen, so ist dennoch nicht beabsichtigt die Ansiedlung den

Erwerb der Koloniegrundstuecke durch Ansprueche an die Ansiedler zu erschweren und wird denselben ein angemessenes Ziel zur Abzuehlung ihrer Landschulden u.s.w. gewaehrt werden. Die Gesellschaft mit ihrem Unternehmen die Forderung der beiderseitigen Interessen dauernd und lohnend zu beguenstigen und es erscheint ueberfluessig hiernoch die Vorzuege zu eroerdern da die Anlage nach einer genauen Pruefung der Grundartikel fuer die Anlage der Kolonie, zu der Ueberzeugung fuehren wird, das die Gesellschaft sich bemuehed, unparteiisch die Pflichten und Rechte dauernd zu verteilen, dass eine freundschaftliche Zusammenarbeit im Interesse beider Laender und der Ansiedler ermoeeglicht wird.

Nochweniger erscheint es notwendig an dieser Stelle zu erwaechnen, wie wichtig es fuer ein so grosses noch wenig bevoelkertes Land die Kolonisation der fruchtbaren Laendereien ist, da er durch die bestehenden Gesetze und Beschluesse des betreffenden Landes der Regierung, befoerdern die Notwendigkeit, wie die grosse Bedeutung anerkannt ist.

Der Endesunterzeichnete beschraenkt sich deshalb darauf, die hohe Versammlung zu bitten, diesem Gesuche ihr Wohlwollen zu schenken und durch den Beschluss an dem Philomtropischen Werke beider Laender zu einer Fortschrittlichen Entwicklung beizutragen.

E.R.M.

Dr. Hermann Blumenau

Desterro, den 16 Maerz 1848.

UEBERSETZUNG des von Dr. BLUMENAU
der ASSAMBLEA provincial in DESTERRA
mit dem vorstehenden REQUERIMENTOS
uebergebenen GRUNDARTIKEL fuer die
ANLAGE von KOLONIEN mit deutscher
EINWANDERUNG in der PROVINZ Sta. CATHA-
RINA durch KOLONISATION SUNTERNEHME
Artikel Nr. 1.

Der Gesellschaft zum Schutze deutscher Auswanderung nach Brasilien in der freien Hansastadt Hamburg mit einem Betriebskapital von 1 Million Mark Banco (635 bis 645 Contos, bras. Muenze) organisiert werden 2 Gebietsdewoluten Laendereien, jedes mehr oder weniger 5 qmeilen umfassend und zusammen haengen und von dem bevollmaechtigten Agenten der Gesellschaft ausgewaehlt worden sind, von der Provinzialregierung fuer Kolonisations Zwecke und der Garantie des sicheren und unantastbaren Besitz der Gesellschaft und der angesiedelten Kolonisten bewilligt, sodass die Regierung niemals Anspruch oder Rechtsklage dagegen erheben kann,

Artikel Nr. 2. Die Gesellschaft erhaelt die Erlaubnis, zur Entwicklung der Kolonisation geeignete Privatlaendereien anzukaufen und werden diese Ankaeufe von der Zahlung der Verkaufs. resp. Uebertragungssteuer (siza) befreit, ebenso die Verkaeufe der Gesellschaft an die Kolonisten.

Artikel Nr. 3. Die Reste von Lebensmittel der Tranzportschiffe von Einwanderer nach Beendigung der Reise, wie Vorracte der Einwanderer fuer die ersten Monate der Ansiedlung, Gebrauchsgegenstaende, Moebel, Saemereien, Rassetiere fuer die Viehzucht, u.s.w. sin von der Einfuhrsteuer befreit.

Die Ausschiffung der Einwanderer hat an dem der Kolonie naechstliegenden Ankerplatze zu erfolgen und verpflichtet sich r die Regierung zu den Massnahmen die sie zur Fiscalisierung der Ausschiffung notwendig crachtet.

Artikel 4.

Die nationalen oder fremden Schiffe die mehr als 50 Einwanderer fuer die Gesellschaft an Land bringen, werden von der Hafensteuer befreit.

Artikel Nr. 5. Die Kolonisten sind sobald sie in den Besitz eines Grundstuecks treten, das ihnen von der Gesellschaft uebertragen ist, als Buerger Brasiliens zu naturalisieren.

Artikel Nr. 6. Kolonisten die kein eigenes Grundstueck besitzen koennen ihre Naturalisation erlangen wenn sie nach 2 monatlichen Aufenthalt im Lande, eine diesbezugliche Eingabe an den Friedensrichter ihres Distriktes ueberreichen.

Die Umkosten der Naturalisationsbescheinigung duerfen nicht mehr als 500 rs betragen.

Artikel Nr. 7. Die naturalisierten Kolonisten geniessen alle von der Verfassung bewilligten Rechte und sind alles Verpflichtungen als Buerger Brasiliens unterstellt, sie bleiben in den ersten zwei Jahre ihrer Ansiedlung von jeder direkten Steuerzahlung befreit, ebenso von der Rekrutierung zum Dienste im Heer und Marine und vom Dienste in Guarda Nacional ausserhalb des Koloniegebietes.

Die in Brasilien geborenen Kinder und Erwachsene werden in jeder Beziehung als geborene Brasilianer betrachtet und den Brasilianer gleichgestellt.

Artikel Nr. 8. Die Gesellschaft und Kolonisten unter sich, koennen Kirchen und Schulgebäude im Gebiete der Kolonie errichten wo es am geeig-
nesten erscheint, jedoch muessen die Landesgesetze respektiert werden, der die Ausuebung der Piligion des Einzelnen wie der Gesamtheit schuetzt und jede Freiheit zum Abschluss von Heiratsvertraegen der An-
gehoerigen verschiedenen Glaubensbekenntnisses entsprechend den Ge-
setzen welche die Erbschaftsangelegenheiten regelt.

Artikel Nr. 9. Die Reisepaesse der Auswanderer fuer die Hamburger Gesell-
schaft sind von der diplomatischen Vertretung des Kaiserreichs Brasi-
liens in Hamburg kostenlos auszustellen jedoch ist die Vertretung
berechtigt, die Reisepaesse fuer Auswanderer zu verweigern die als Ver-
brecher, Vagebunten u. s. w., bekannt sind.

Artikel Nr. 10. Die Gesellschaft resp. deren Agent wird ermächtigt die-
jenigen Kolonisten und Personen aus dem Koloniegebiete auszuweisen,
die durch notorische unmoralitaet Streitsuechtigkeit, u. s. w. den innere
Frieden der Kolonie stoeren und die guten Sitten der gefaerden.

Artikel Nr. 11. Die Korrespondenz (Briefe, u. s. w.) fuer und von den Kolo-
nisten fuer Deutschland und von dort koennen kostenlos mit den Ein-
wandererschiffen durch Vermittlung der Gesellschaftsbehoerden befoer-
dert werden.

Artikel Nr. 12. Verboten ist und bleibt im Koloniegebiet, auch im Falle
groesserer Erweiterung deshalb die Haltung die Beschaeftigung von
Sklaven.

Artikel Nr. 13. Im Interesse der Aufrechterhaltung der Bestimmung des
Art. Nr. 12, erlaesst die Provinzialregierung ein Gesetz die den unver-
meidlichen Aufenthalt von Sklaven, die als Begleiter von fremden Be-
suchern, Geschaeftsleuten, u. s. w. in die Kolonie kommen, bestimmen und
die Strafe in Ueberschreitungsfall feststellt.

Artikel Nr. 14. Das Ergebnis der Stragelder wird von der Koloniebehoer-
de verwendet.

Artikel Nr. 15. Der Prozess der Strafaufuerlegung der Strafe ist der
gleiche, wie ihn das Kriminalgesetz Art. 205-210 vorschreibt.

Artikel Nr. 16. Das im Art. Nr. 13 vorgesehene Regulament trifft solange
provisorisch in Kraft, bis es von der Provinzial Assamblea genehmigt
oder modifiziert ist.

Artikel Nr. 17. Die Kolonisten waehlen unter sich einen Bezirksvorste-
her, der die Interessen derselben bei den Behoerden vertritt und die

Ordnung in den Bezirken, gemäss den bestehenden Gesetzen beauf-
sichtigt und vertritt.

Artikel Nr. 18. Als Beitrag zu den Umkosten der projektierten Ko-
lonisation gewährt die kaiserliche Regierung Brasiliens, eine jähr-
liche Zahlung von 2\$000, während eines Zeitraumes von 10 Jahren,
berechnet vom Tage der ersten -andung des Kolonisten in der neuen
Kolonie fuer jeden eingewanderten Kolonisten jedweden Alters.

Artikel Nr. 19. Die von der Kolonisationsgesellschaft abgeschlossene
Kontrakte mit dem Kolonisten, sind gemäss den Vorschriften des
Provinzialgesetzes Nr. 49. vom 15. Juni 1886, soweit solche nicht durch
das jetzt getroffene Abkommen geändert ist, abgefasst ~~XXXXXXXXXX~~
und gueltig.

Artikel Nr. 20. Die Kolonisten koennen nach ihren Eintreffen in der
Provinz entscheiden, ob sie die Vorschlaege der Gesellschaft zur He-
ranziehung zur Arbeit im Interesse der Gessellschaft Vegebautern, usw.
akzeptieren oder nicht.-

Artikel Nr. 21. Niemand darf sich pohne Bewilligung der Kolonialge-
sellschaft oder dessen Vertreters auf einen Koloniegrundstueck der
Gessellschaft oder eines Kolonisten, das unbewohnt oder bewohnt ist
niederlassen. Geschied es dennoch, so kann er jederzeit von dem Grund-
stueck vertrieben werden, ohne Anspruch auf Entschaedigung fuer ge-
machte Einrichtungen und Arbeiten zu haben.

Artikel Nr. 22. Die Hamburger Gessellschaft hat Anspruch auf alle von
der Regierung an andere Kolonisationsunternehmen in der Provinz
Sta. Catharina bewilligten oder in Zukunft bewilligt werdenden Vor-
teile oder Beguenstigungen, solange sie alle uebernommenen Verpflich-
tungen erfuehlt.

Die Provinzialregierung verpflichtet sich keine Landbewill-
igungen an andere Kolonisationsgesellschaften oder Unternehmer zu er-
teilen und denselben die Haltung und Beschaeftigung (Art. Nr. 12)
von Sklaven zu verbieten und denselben die gleichen Bedingungen wie
der Hamburgergesellschaft auferlegt, zu stellen.

Artikel Nr. 23. Als Gegenleistung der ihr gewaerten Vorteile verpflich-
tet sich die Hamburger Gessellschaft zur strengen Innehaltung der de
Schlussartikel Nr. 24. folgenden Bedingungen (Nr. 1-14).

Artikel Nr. 24. Im Falle eintretender Missverstaendnisse resp. Zweifel
ueber die Auslegung der vorstehenden Artikel, sollen dieselben unter
einander geordnet werden. Der Besitz eines Koloniegrundstueckes wird
durch Ausstellung eines Besitztitels fuer alle Zeiten gewaehrleistet
Stadt Desterro, August 1848. gez. Dr. Hermann Blumenau.

Entwurf der Vorschlaege der Hamburg
Gessellschaft als Gegenleistung fuer
die von der Provinzialregierung, Sta.
Catharina zu gewaehren in den vorste-
henden Grundartikeln (Nr. 1-24) detailli-
ten Vorteile fuer die Anlage einer
Kolonie.

Nr. 1. Die Hamburger Gessellschaft laesst in Hamburg durch den Ge-
schaeftsfuehrer Brasiliens die Bestaetigung des vornandenen Betrieb-
kapitals zur Gruendung und Fortfuehrung einer neuen Kolonie im Tale
des grossen Itajahy Flusses im Betrage von 500 000 Mark banco voll-
ziehen.

Nr. 2. Die Gessellschaft verpflichtet sich innerhalb 4 Monate nach d
finitiven gegenseitigen Uebereinkommen Ingenieuro und Verwaltungs-
beamte zum Beginn der Vorarbeiten fuer die Ansiedlung anzustellen.

Nr.3. Die Gessellschaft verpflichtet sich jaehrlich an die Provinzialregierung den Betrag von 60\$ jede bewilligte Quadratmeile dewolutes Land zu zahlen und die gleiche Summe fortlaufend waehrend eines Zeitraumes von 15 Jahren jaehrlich zu zahlen. Es koennen von dieser Zahlung die im Art.15 festgestellten Entschaedigungsbetraege fuer die Umkosten der Kolonisation in Abrechnung gebracht werden. Die Gessellschaft kann die jaehrlichen Verpflichtungen auch durch die Amortisationskasse durch Hinterlegung von zinstragenden Wertpapieren begleichen. Die Gessellschaft erhaelt bei der Innehaltung der uebernommenen Verpflichtungen freies Verkaufsrecht von ihren Koloniegrundstuecken.

Nr.4. Die Einteilung und Markierung von 200 Koloniegrundstuecke muss innerhalb 12 Monate, nach definitiver Besitzuebertragung der devoluten Laendereien an der Gessellschaft beendet sein.

Nr.5. Die Gessellschaft verpflichtet sich in den ersten 2 Jahren nach dem Kolonisationsbeginn 500 Kolonisten (Personen) einzufuehren resp. anzusiedeln und in den folgenden 8 Jahren je 1000 Personen, zusammen in 10 Jahren 10 000 kolonisten einzufuehren.

Nr.6. Die Gessellschaft verspricht die Einwanderung derart zu regeln, dass moeglichst der groessere Teil der Einwanderer mit Vermoegen nach hier kommt und aus praktischen Landarbeitern, Handwerkern, u. s. w. besteht.

Nr.7. Die Befoerderung der Kolonisten soll ~~an~~ nach ihrer Landung baldmoeglichst nach ihren Siedlungsstellen erfolgen, erhalten dieselben zunaechst Unterkunft, Verpflegung und wenn es erforderlich Handwerkszeuge fuer den Beginn der Vorarbeiten ihrer Niederlassung.

Nr.8. Die Verpflegung mittelloser Einwanderer waehrend der ersten Zeit ihrer Niederlassung uebernimmt die Gessellschaft, wogegen die arbeitsfaehigen Maenner zu den Arbeiten fuer die Strassenbauten, mit ruecksicht auf ihre eigene Einrichtung, herangezogen.

In Krankheitsfaellen erhalten die Einwanderer waehrend der ersten 2 Jahre ihrer Ansiedlung unentgeltlich Behandlung und Pflege in ihren Wohnungen oder im Krankenhause.

Nr.9. Ausarbeitung von Bestimmungen, mit Ruecksicht auf den bestehenden Gesetze und Vorschriften zur Ein- und Ausschiffung der Auswanderer, deren Behandlung an Bord der Transportschiffe des Betrages nach ihrer Ankunft ihres Aufenthalt in der Kolonie.

Nr.10. Zulassung und Aufnahme von Bewohnern der Provinz resp. anderen Kolonien u. s. w. Brasiliens in den neuen Koloniegebiete wird der Verwaltungsbehoerde freigestellt;

Nr.11. Die Gessellschaft wird sich bemuehen, die Heranziehung von Geistlichen, Lehrern, Aerzte, Apotheker zu beschleunigen und Grundstuecke fuer Schul- und Kirchengebueden, Verwaltungshaeuser kostenlos zur Verfuehung zu stellen.

Nr.12. Die Herstellung von Verkehrs- und Verbindungsstrassen wird die besondere Aufgabe der Gessellschaft unter Mithilfe der Regierung sein.

Nr.13. Fuer den Fall einer groesseren Einwanderzahl als vorgesehe bewilligt die Regierung fuer je 50 mehr eingewanderte Personen (200 Personen) im Laufe eines Jahres ein neues Kolonisationsterrai 1 Q. Meile umfassend unter den gleichen Bedingungen wie bereits festgestellt, mit Ausnahme des Art.18.

Nr.14. Die vorstehenden Bedingungen sind nur auf die Dauer von 15 Jahre gueltig. Im Falle die Gessellschaft durch unvorhergesehene Umstaende verhindert wird, die uebernommenen Verpflichtungen zu erfuellen, wie solche im Art.5 der Vorschlaege bestimmt sind (10 000 Kolonisten in 10 J. einzufuehren wird das Ziel auf 2 J. versetzt.

Stadt Desterro im Maez 1848 gez. Dr. Blumenau.

.....

Die Deputiertenversammlung der Provinz Sta. Catharina ernannte zur Begutachtung und Berichterstattung eine Kommission der Depudierten die nach eingehender Pruefung der Eingabe des bevollmaechtigten der Hamburger Gessellschaft zum Schutze deutscher Auswanderer nach Brasilien Dr. Hermann Blumenau das Nachfolgende Gutachten(1848)ueberreichen.

(Uebersetzung.)

Gutachten der mit der Pruefung und Begutachtung des Kolonisationsprojektes der Hamburger Gesellschaft, durch Dr. Blumenau vorgelegt, beauftragten Kommission der Assambla provincial:

"In anbetracht, das in der Provinz Sta. Catharina die wenigsten Sklaven als Arbeitskraefte in Verhaeltnis zu der freien weissen Bevoelkerung (statistisch 1 Sklave, :6 Weisse.) leben und in anbetracht das diese Provinz bisher unter einer starken Rekrutierung arbeitsfaehiger Maenner fuer den Dienst im Heere und Marine stark gelitten hat, trotz wiederholter Reklametionen dieser Depudierten Versammlung an die Federalregierung haelt die Kommission es fuer geboten im Interesse der Provinz freie Arbeiter einzufuehren und ihnen Gelegenheit zu geben sich anzusiedeln.

Nach Kenntnissnahme des Kolonisationsprojektes des Dr. Blumenau und der darauf bezueglichen Vorschlaege der gegenseitigen Verpflichtungen, erachtet die Kommission das Projektirte Unternehmen, als vorteilhaft und wichtig fuer die Provinz, welche durch das Fehlen notwendiger Arbeitskraefte besonders fuer die Entwicklung der Landortschaft, Viehzucht, Gewerbe und Handel, in der allgemeinen Fortschrittsbestrebung gehindert und benachteiligt ist.

Die beabsichtigte Gruendung einer Kolonie wird nach absehbarer Zeit die gegenwaertige Zahl der Bewohner der Provinz vermehren, die an und fuersich abnehmende Zahl der Sklaven, ersetzen und so die notwendige Aufhebung des Sklavenbesitzes beguenstigen; es werden durch die Kultivierung grosser Urwaldgebiete die dortlebenden Indianer zurueckgetrieben und zur Zivilisation gezwungen werden. Die Bodenerzeugnisse werden vermehrt und somit die bessere Versorgung der groesseren Konsumplaetze erzieht.

Die Begrueendungen und Verpflichtungen erscheinen mit geringen Ausnahmen annehmbar, vorteilhaft und empfiehlt die Kommission der gesetzgebenden Koerperschaft der Provinz Sta. Catharina die Annahme des Anerbietens und die Legaliesierung des erforderlichen Gesetzes und der Beachtung der Machtbefugnisse der gesetzgebenden Koerperschaft des Kaiserreichs in Rio/de Janeiro.

Paço da Assambla
Prov. Sta. Catharina
18 April 1848.

gez. Severa Annonus de Valhe
Praesident

.....

Aufloesung der Hamburgergesellschaft zum Schutze der deutschen Auswanderung nach Brasilien und Entschluss Dr. Hermann Blumenaus in Gemeinschaft, Ferdinand Hackradts eine Privatkolonie im Sinne der an die Provinzialregierung gemachten Vorschlaege als der Hamburger Gesellschaft.

Wie bereits erwahnt, waren Dr. Blumenau vor seiner Abreise von Rio de Janeiro am 21. Dez. 1847 zur Erforschung des Itajahytales Nachrichten geworden, die die Aufloesung der Hamburger Gesellschaften erwarten liessen; als Begruendung der Aufloesung vermutete Dr. Blumenau die Uneinigkeit und Unentschlossenheit einzelner Gesellschaftsmitglieder in Folge der politischen Wirren, Aufstaende u. s. w. im Jahre 1848 das erneutes Elend ueber Deutschland brachte; Die definite Nachricht der Aufloesung der Gesellschaft wie die Mitteilung seiner Entlassung als Bevollmaechtigter der Gesellschaft traf Dr. Blumenau Mitte des Jahres 1848 nachdem er bereits die Grundlagen der Gruendung Landbewilligung und Ansiedlung deutscher Auswanderer unter nicht unguenstigen Bedingungen errichtet hatte. Jetzt bewaehrte sich die Willenskraft Dr. Blumenaus zur Durchfuehrung gefasster und als ehrenhaft geachtete Plaene. Er folgte seiner festen Ueberzeugung dass das ausgedehnte fruchtbare Gebiet des Itajahyflusses fuer die Ansiedlung deutscher Auswanderer vorzueglich geeignet sein wuerde und entschloss sich nach Ruecksprache mit seinem Freunde Ferdinand Hackradt, der sich zur Teilnahme bereit erklart hatte, das Projekt der Koloniegruendung auf eigene Rechnung zu uebernehmen und zu verwirklichen. Beide Unternehmer verfuegten ueber ein eigenes nicht unbedeutendes fluessiges Kapital und rechneten mit der Unterstuetzung der brasilianischen Regierung, wohl auch mit der Unterstuetzung der deutschen groesseren Staaten (Preussen, u. s. w.). Dr. Blumenau unternahm als zunaechst bei der Provinzialregierung zu beantragen die Landbewilligung von 5 qmeilen Urwaldgebiet und die Erlaubnis zur Ansiedlung deutscher Einwanderer auf die Firma H. Blumenau und Hackradt zu uebertragen, und verblieb in Desterro den Beschluss den Beschluss erwartend.

Der Praesident der Provinz Sta. Catharina Dr. Antero, José Ferreira de Brito, der von der gesetzgebenden Koeperschaft die weitere Regelung der Koloniegruendung uebertragen erhielt, (Beschluss vom 27. April 1848.) setzte grosses Vertrauen auf Dr. Blumenau und dessen Kolonisationunternehmen, und zoegerte nicht die der Hamburger Gesellschaft bewilligten Landkonzession zur Kolonisation miteinzufuehren den Auswanderern deutscher Abkunft zu Dr. Blumenau und Ferdinand Hackradt zu uebertragen.

V o r a r b e i t e n fuer das K o l o n i s a t i o n u n t e r n e h m e n 1848/1850.

Die Teilhaber des Kolonisationunternehmens: Dr. Blumenau und Ferdinand Hackradt vereinbarten unter sich folgende Arbeitseinteilung:

F. Hackradt uebernahm am Ausgangspunkte zu den zunaechst bewilligten Laendereien flussaufwaerts gelegen, an der Muendung des Velha Flusses die Vorarbeiten fuer den Empfang und Unterbringung der ersten Einwanderer, wie den Bau einer Schneidemuehle fuer Bretter und Bauholz und die Pflanzungen und Weidanlagen zu beginnen die erforderlichen Arbeitskraefte heranzuziehen und den Kauf von Privatlaendereien in der Naeh des Flusses Itajahy und den Muedung der Nebenfluesse desselben, soweit soche dem Unternehmen nuetzlich erschienen zu betreiben, der Erwerb dieser Privatlaendereien war geboten da dieselben fuer die Anlage eines Flusshafens und Sitz der Koloniverwaltung Behoerden u. s. w. besonders wertvoll waren.

Dr. Blumenau uebernahm, nach Ordnung der Konzessionsuebertragung u. s. w. seitens der Provinzialregierung in Desterro nach Rio de Janeiro zu reisen und dort mit den kaiserlichen Behoerden ueber die Einfuhr deutscher Auswanderer, deren Unterstuetzung durch die kaiserliche und Konsulate in Hamburg u. s. w. bei der Einschiffung, Meeresfahrt

und Landung in Brasilien, zu erbitten.

In einer ausführlichen Eingabe (in bra. Sprache im Juli 1848 verfasst) an das kaiserliche Ministerium in Rio de Janeiro erläutert Dr. Blumenau das Kolonisationsprojekt und schildert die Vorteile dieser Kolonisationsbetreibung für Brasilien besonders für die Provinz Sta. Catharina und bittet die kaiserliche Regierung gestützt auf seine guten Empfehlungen seitens der kais. brasilianischen Gesandtschaft in Hamburg Sr. Visconde de Abrantes, des Gelehrten Alexander von Humboldt und anderer wichtiger Personen und in Anbetracht seiner eigenen Kapitalanlagen und übernommenen Verpflichtungen für die Gründung der Kolonie um ein Darlehen von mindestens 50:000\$, zinsfrei auf die Dauer von 10 Jahre, gegen Hypothek der gekauften Ländereien und der Verpflichtung des Darlehens nur zum Erwerb von partikularem Landbesitz im Interesse der Kolonie zu verwenden.-

Mit der Zuführung des erbetenen Darlehens, wenn auch nicht zinsfrei, mit der Rückkehr Dr. Blumenaus und dem Beginn der Ansiedlung eingeführter Kolonisten in jährlichen Raten von je 10:000\$ und der Versicherung des Wohllens der kaiserlichen Regierung reiste Dr. Blumenau im Sept. 1848 von Rio de Janeiro nach Amsterdam und von dort nach Hamburg, wo er im Nov. 1848 eintraf.

Die Vorarbeiten Ferdinand Hachrads an der Vernamungung wie der Ankauf verschiedener Privatbesitze in der Nähe der Verhammung, werden aus den von F. Hackradt geführten Abrechnungsbüchern mit den Arbeitern, Lieferanten von Lebensmitteln, Vieh, Bauholz u. s. w. während der Periode 1848 1850 ersichtlich und folgen hier Auszugsweise.- Zunächst begann die Lichtung des Urwalds von Gestrüpp, zur Erleichterung des dannfolgenden Niederschlagens der grossen Baumstämme. Dann begann das Brennen des niedergeschlagenen Waldes nach eingetretener Trockenheit des Gestrüpps u. s. w. nach Reinigung des gebrannten Waldrandes beginnt die Pflanzung von Mais, Bohnen, Zuckerrohr, Mandiok, Reis, u. s. w.; die hauptsächlichsten Bodenerzeugnisse zur Ernährung. Auch wurde die Anlage einer Viehweide, durch Einpflanzung einer bewährten Grasart (Gramma) begonnen. Nach Heranziehung einiger mit der Holzverarbeitung und Wassermühlbau vertrauten Leute aus der Nachbarschaft resp. Itajahy wurde mit dem Bau der Holzsaagemühle begonnen. Es wurde in der Nähe der Verhaflussummung in den grossen Itajahyfluss ein Mühlgraben zum Betrieb und Anbau der Mühle angelegt, leider war der erwählte Platz nicht gut hochwasserfrei und wurde die Anlage nach wenigen Jahren durch Hochwasser zerstört. Noch heute sind die Reste des Mühlgrabens sichtbar.- Wie noch später ein Artikel: werden und Fortgedeihen der Privatkolonie 1850/1860 besonders behandelt wurden die seit Jahren im Itajahytale angesiedelten deutschen Kolonisten, welche teilweise von der seit 1829 gegründeten Kolonie São Pedro de Alcantara übersiedelt waren, gute Instruktoere und Mitarbeiter bei dem ersten Siedlungsarbeiten der neuen Kolonie.

Als erste Walsschläger wurden 1848/1849 beschäftigt: die Gebrüder Kretzer und der brasilianer Francisco Oliveira; als Holzschnitter Georg Schmidt junior und Luiz Werner, als Schmiede der Deutsche José Hamden und der Belgier Villain, als Arbeiter in der Landwirtschaft u. s. w. die Deutschen Georg und Luiz Wagner, Mathias Wagner, Valentin Theiss, Peter Werner, Ferdinand Butzing, Anton Haendchen, Josef Seterhenn, Peter Lucas, und die Brasilianer Joahim Auto de Morim, Jasinho Miranda, Marcelino Dias, der Belgier Nerotan Desdamp und ausserdem einige freie Neger aus der Umgebung. Die Arbeitslöhne für Handwerker, Waldschläger, Schnitter u. s. w. variierten zwischen 1\$200 und 1\$800 pro Tag, die der Landarbeiter zw. 500-1\$200 pro Tag.

Lieferanten und Verkaeuffer von Lebensmitteln Pflanzen, Saatgut, Hu hner und auch Rinder, Kuehe und auch Arbeitsochsen aus Kolonistenkreisen geschnittene Bretter und Bohlen, zumeist mit der Hand gesaegt-waren: Nikolau Rausch, Johann Klocker, G. Schramm, Nikolau Dechamp, Silvestri Morara, Julio José de Santos, José de Chacan, Iquario Dias, Luiz Dehmann, Julio José Marthins.

Haendler und Geschaeftsleute aus Itajahy, die die neue Ansiedlung an der Velhamuendung mit ihren Flussfahrzeugen besucht waren: Pedro Palm (spaeterer Schwiegervater von Friedrich Asseburg) Pedro Mueller (Vater von dem spaeteren Dr. Lunro Mueller) und Manoel Miranda. Vom Hafen Desterros (Florianopolis) kamen mit ihren Kuestenfahrzeugen (kleinen Hiates) Nicolaus Morreira und Adolfo Guerra mit Waren zum Verkauf resp. Tausch und kauften zur Rueckladung Landesprodukte: Mandiocmehl, Mais, Bohnen, Zucker, Cachaca und geschnittene Bohlen und Bretter. So ergibt sich aus einer Abrechnung Hackradts die Lieferung von 56 Dz. Bohlen a Dz. 12.000 an Adolfo Guerra in verschiedenen Zeitraeumen (1848/49).

Landkaeufer von Privateigentuemern in der Naechen der Velhamuendung, boten sich verschiedentlich; abgeschlossen wurden durch F. Hackradt 3 Kaeufe und zwar mit Ante Iquacio de Oliveira, von dem Fazendeiro Major Henrique Floris und Major Etur (1849/1850)

Ausser dem geschaefentlichen Verkehr, verkehrte F. Hackradt in freundschaftlicher Weise mit dem Major Etur, Serganten der Militaerabteilung zum Schutze der Ansiedler (seit 1839 in der Kolonie Belchior-Itajahy stationiert) dem Ingenieur Carlos von Leede (Belgier), der seit 1845 die Kolonie Belga auf einen von dem Fazendeiro Major Henrique Flores gekauften-1/2 Quadratmeile umfassenden Gebiete unterhalb der Muendung des Nebenflusses Gaspar, gegruendet faelle und mit dem Grossgrundbesitzer Bento Malugulo.

Die Aufgabe des Teilhabers F. Hackradts waehrend der Abwesenheit seines Teilhabers Dr. Blumenau in Deutschland (2 Jahre) die Vorarbeiten fuer die nun zu gruendende Kolonie im Urwalde zu leiten passende Privatlaendereien anzukaufen, waren nicht leicht und die nicht eines willigen Arbeiter und andere Ursachen bereiteten viel Verdruss und selbst finanzielle Verluste. Hackradt fasste daher den Entschluss sich von Dr. Blumenau nach dessen Rueckkehr aus Deutschland zu trennen, um ein Angebot eines Schweizers Ullride Haerberle, dessen kleines Warengeschaef in der Provinzialhauptstadt Desterro kaeuflich zu uenernehmen anzunehmen.

Dr. Blumenau traf nach seiner Ankunft in Deutschland November 1848 seine alten Eltern noch lebend, jedoch erkannte er bald, dass die Zeit zur Foerderung seines Unternehmens schlecht gewaehlt sei. Die Nachwehen der kurz vorher beendeten politischen Unruhen, wirkten in alle Kreisen der Bevoelkerung, wie in der Regierung nachteilig auf die Entschluesse zur Ansiedlung und Foerderung wirtschaftlicher und politischer Verhaeltnisse.

Also vermehrte sich nun die Zahl der Auswanderer aus Deutschland und zugleich erhoechte sich die Zahl der Auswanderungsagenten ueberseeischer Regierungen und Kolonisationsunternehmer. Es entwickelte sich eine skrupenlose Propaganda; die betreffenden Agenten scheuten sich nicht falsche ~~XXXXXXXXXXXX~~ Darstellung der klimatischen Verhaeltnisse, der Ertragsfaehigkeit des Bodens und der Absatzfaehigkeit ihrer Erzeugnisse u. s. w. zu veroeffentlichen, um die Auswanderer fuer ihre Zwecke zu gewinnen.

Besonders stark war die Propaganda fuer die Auswanderung nach Nordamerika, den englischen Kolonien Mexico, Chile, u. s. w.,

obwohl bekannt das dort die Regierungen sich eifrig Bestreben die deutschen Ansiedler zur Aufgabe ihrer Sprache, Sitten und Gebräuche, zu bestimmen und damit den deutschen Handel und Industrie u.s.w. zu schädigen.

Dr. Blumenau, der durch und durch deutscher Patriot, verwarf jedes unehrenhafte Werben von Auswanderer fuer sein Kolonisationsprojekt. Er wollte freie, arbeitssahme, arbeitfaehige, und Ordnungliebende Deutsche, die den Erwerb eigenen Grundbesitzes zur Gruendung einer andauernden, befriedigende Existenz anstreben und die bevorzuehenden Entbehrungen gewohnter Genuesse und selbst Gefahrrn, die ihnen in den ersten Jahren der Ansiedlung entgegen treten koennten, nicht unterschaezteten, aber auch nicht fuerchteten.

Die Absichten Dr. Blumenaus brachten ihn wohl Freunde aus gelehrten Kreisen regten auch das Interesse von Kaufleuten und Industriellen Deutschlands an, konnten aber die Regierungen, besonders Preussen, Hannover, u.s.w., trotz ausfuehrlicher Gesuche und Empfehlungen, nicht bewegen, sein Kolonisationsunternehmen zu unterstuetzen.

Niederschlagend empfand Dr. Blumenau das Zuruecktreten von 250 Personen, groesstenteils Landarbeitern und Handwerker aus Preussischen Provinzen (Pommern und Preussen) von ihren Versprechen, Dr. Blumenau durch Brasilien zu begleiten und sich dort in der neuen Kolonie anzusiedeln. Diesen Leuten war von 2 Auswanderungsagenten (Kindermann und Philippi) der Chilenischen Regierung, Aussichten auf Verguenstigungen gemacht, die Dr. Blumenau als ehrlicher und mit den Verhaeltnissen vertrauter Mann als undurchfuehrbar und deshalb schwindelhaft erklart. Das ganze Werben von Auswanderer durch Agenten, das laue Interesse in Deutschland fuer die Anlage von Kolonien, denen deutsche Sitten, Sprache und Heimatbesiehung erhalten werden konnten, bewerkten Dr. Blumenau seine Rueckreise nach Brasilien vorzubereiten.

Anfang des Jahres 1850 veroeffentlichte Dr. Blumenau in Rudolfsstadt seine Ausarbeitung:

"Suedbrasilien seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation."

Nachrichten, Bemerkungen und Werke fuer Auswanderer. (siehe Anlage 1.)

In dieser Schrift gibt der Verfasser eine leicht verstaendliche Uebersicht der Vorzuege der Ansiedlung deutscher Auswanderer in Suedbrasilien besonders des Itajahytales, und berichtet eingehend ueber die seit 1824 in der Provinz Rio Grande do Sul und seit 1829 in der Provinz Sta. Catharina mit deutschen Ansiedlern gegruendeten Kolonien und deren wirtschaftliche und politische Lage (1848/50). Gestuetzt auf persoenliche Forschungsreisen gesammelte Erfahrungen empfiehlt Dr. Blumenau die Ansiedlung deutscher Auswanderer in Suedbrasilien, unterlaesst jedoch nicht, auff die den Einwanderer bevorstehende Entbehrungen und Gefahren waehrend der ersten Jahre der Einrichtung ihres Eigentums hinzuweisen.

Dr. Blumenau der wohl erkannte, dass das Gelingen seines Kolonisationsplanes zum groessten Teil von der Unterstuetzung desselben, durch die kaiserliche, Provinzialregierung Sta. Catharinas, abhaebig war, und bleiben wuerde, beeilte sich seine Reise anzutreten, ohne auf die Mitreise der wenigen Auswanderer, die sich zur Niederlassung im Itajahytales bereit erklart hatten, zu warten.

Er uebertrug seinem Neffen Reinhold Gaertner der ein teoretischer und praktischer Landwirt war, die Einschiffung der Auswanderer zu leiten und dieselben auf der Reise bis zur Landung im Koloniegebiet zu begleiten.

Dr. Blumenau reiste im Maerz 1850 nachdem er Abschied von seinen alten Eltern und Verwandten, wie Freunden genommen, von Hamburg nach Rio de Janeiro ab.

Ueber diese Reise und Ankunft in Rio de Janeiro schrieb Dr. Blumenau in einem Briefe:

Im Maez 1850 verliess ich Hamburg und erst nach 84 Tagen schlechter Reise langten wir hier mit zerbrochnen Fockmast und grosser Havaria an, eben als das gelbe Fieber etwas nachgelassen hatte. Trotz der langen Reise und der sorgfaeltigen Pflege welche ich den Pflanzen und Knollen die ich ihrer Guete verdanke, sowie von den zirka 250 Rosenstoecke die ich gekauft hatte und den uebrigen wertvollen Pflanzen von Baumfruechten u. s. w. waren wohl eine grosse Zahl verfault, vertrocknet, nachdem das Suesswasser zum begiesen zu Ende ging dennoch hoffe ich immernoch, den Rest der Pflanzen, die ich nach der Kolonie mitnehmen konnte zum Gedeihen zu bringen.

Beim Eintreffen in den Hafen lag es mir ganz gegen meine Gewohnheit wie Bleischwere auf dem Herzen - war es Ahnung dessen, was mir bevorstand, oder war es die Luft, die noch das gelbe Fieber beherbergte? Niedergeschlagen ging ich in Rio den ersten Gang nach dem Kontor meiner Freunde der Herren Schroeder und Cia., hier traf ich ein Packet Briefe die waehrend meiner Seereise fuer mich angekommen waren, einer der ersten Briefe brachte mir die traurige Nachricht von dem Ableben meines Vaters, am 2. April 1850 im Alter von 79 Jahren, ein zweiter Brief brachte mir die Mitteilung eines Verlustes, der mich fast noch tiefer ergriff und langgehegte freundliche Lebenshoffnungen zerstoerte und noch lange Zeit nicht gluecklich werden liess (es bezieht sich dieser letzte Satz auf die Mitteilung einer jungen deutschen Dame, die erklaerte die bitte Dr. Blumenaus ihn zu heiraten und nach Brasilien zu folgen nicht erfuellen zu koennen, da sie sich nicht zu einem Leben im Urwalde Brasiliens entschliessen koenne. - Dr. Blumenau heiratete erst 17 Jahre spaeter - 1867 in Hamburg 48 Jahre alt. Dr. Bl.)

Ein drittes der vorgefundenen Briefe war von F. Hackradt, dem Teilhaber dr. Blumenaus und bat denselben recht bald Geld mitzubringen, da sonst alles verloren sein koenne, ausserdem teilte er mit dass er bald um jedem Preis fort wolle und mich beeilen solle zu kommen da die erbaute Saegemuehle in Gefahr sei, ganz ruiniert zu werden; die vorraetigen Bretter finden nur zu billigen Preisen Absatz.

Im Besitz dieser Nachrichten, die ihn wohl niederdruekten aber nicht ganz entmuertigten, wandte sich Dr. Blumenau im Juli 1850 mit einem ausfuehrlichen Berichte ueber seine Beobachtungen, Erfahrungen und Enttauschungen, waehrend seines fast 2jaehrigen Aufenthaltes in Europa und ueber seine jetzigen Absichten die Gruendung und Foerderung der Kolonie im Itajahytale betreffend, freimuetig an die kaiserliche Regierung Brasiliens in Rio de Janeiro und bat um Ausstellung des definitiven Besitztitels der ihm von der Provinzialregierung Sta. Catharinas 1848 bewilligten Laendereien zur Ansiedlung deutscher Einwanderer und begruendete diese Bitte mit seiner Ueberzeugung, das die Anwerbung von Auswanderer mit dem Versprechen Landbesitz erwerben zu koennen, nur dann rechtverbindlich sein koenne wenn der Kolonisationsunternehmer rechtmassiger Besitzer des Landes sei und bei Verkauf an Kolonisten Rechtsguelte Titel auszustellen berechtigt sei; waehrend er eine unehrenhaft halte, Auswanderer zur Ansiedlung zu verleiten ohne die

Garantie eines unantastbaren Besitzes bieten zu koennen.

Ferner bat Dr. Blumenau mit Bezug auf seinen Bericht 1848, die kaiserliche Regierung um Gewaehrung eines Darlehens und um Beihilfe zu den Umkosten der Ueberfahrt und Unterkunftsbehaeltnisse u.s.w. nach Ankunft in Itajahy resp. der Kolonie.

Zunaechst wurde ihm die Zusage der kais. Regierung die Ausstellung des definitiven Besitztitels der konzessionierten Laendereien bei der Provinzialregierung Sta. Catharina 1849/50 zu befehlworten und die erbetenen, finanziellen Unterstuetzung nach Pruefung der Sachlage zu gewaehren.-

Freund in Rio de Janeiro versprochen Dr. Blumenau fuer sein Unternehmen ihren Einfluss geltend zu machen und ein Kapitalkraeftiger Koenner und Freund streckte ihm, das vorlaeufig notwendige Geld vor, um in der Kolonie die noetigsten Arbeiten vorzunehmen.

Dr. Blumenau beeilte sich dann von Rio de Janeiro abzureisen um dann die Ankunft der ersten Einwanderer im Koloniegebiet zu erwarten. Er traf dort Ende August 1850 ein und erlebte eine grosse Enttaeuschung seiner bereits in Rio geschwaechten Hoffnungen. In einem Briefe brachte er den Eindruck in folgenden Worten zum Ausdruck:

"Als ich endlich nach 2jaehriger Abwesendheit wieder an den Itajahy kam, fand ich hier fuer die 6000 Taler (derzeit 9:000\$) da ich in das Unternehmen gesteckt hatte, eine paar schlechte Huetten, die kein 300 Taler wert waren, ferner einen lahmen Neger und eine alte Negerin als Arbeitskraefte; ~~da~~ eine Saegemuehle die bei steigenden Wasser fast nicht schneiden konnte und bei Hochwasser stark gefaehrdet war, ich fand fast keine Pflanzung vor und die Weiden auf der nur eine Kuh und acht oder 10 Zugochsen weideten, in schlechten verwildeten Zustande. Kurz eine jammervolle Wirschaft, nicht die geringsten Vorbereitungen waren getroffen um die Einwanderer unterzubringen die ich erwartete.

Ferdinant Hackradt entschuldigte sich mit der Uneinigkeit und geringen Arbeitskenntniss der herangeholten Ansiedler und Neger und mit dem unguenstigen Wetterverhaeltnisse, die die Pflanzungen vernichtete haetten. Wie weit er im Recht war, muss dahin gestellt bleiben. Er verlangte von Dr. Blumenau die Rueckzahlung seines Einlagekapitals von 2000 -Taler (3:000\$) und 800 Taler fuer Entschaedigung fuer seine 2jaerige Arbeitsleistung, als Leiter der Vorarbeiten, da blieb Dr. Blumenau der Alleinbesitzer der konzessionierten und von Privatgrundbesitzer gekauften Laendereien Gebaulichkeiten, Einrichtung, Vieh, u.s.w. und die Verpflichtung die bestehenden Schulden im Betrage von..... zu bezahlen Inzwischen traf die Nachricht von der Ankunft der ersten deutschen Einwanderer im Hafen von Itajahy an, mit der Hinzufuegung, dass das kleine Kuestenschiff, welches die Einwanderer von Desterro nach Itajahy gebracht hatte, dieselben flussaufwaerts so weit bringen wuerde, als der Tiefgang der Schiffe gestatten. Ueber die Seereise und Ankunft im Koloniegebiet berichtet einer der Einwanderer, Paul Keller folgendes:

Am 21 August 1850 traf das Segelschiff "Christian Matthias Schroeder" aus Hamburg nach einer Reise von 72 Tagen in Santos an. In Santos wurden nur einige Passagiere ausgesetzt, die nach São Paulo wollten. Von Santos fuhren wir weiter nach Sta. Catharina, wo wir in Desterro auf der Alfandega einige Tage aufgehalten wurden, dann reisten wir mit einem Kuestenfahrer nach Itajahy und stromaufwaerts bis "Belchior", wo wir am 2. September ankamen. Von dort liess uns Ferdinand Hackradt mittels "balça" (2 Conoes mit Bretterbelag) an demselben Tage durch 2 Brasiliander abholen, die uns nach der Velha brachten.

Dr. Blumenau bestimmte spaeter den 2. September 1850 als den Gruendungstag seiner Privatkolonie. "Blumenau", und registrierte in seinem Einwanderungsregister als erste Einwanderer folgende, am 2. September 1850 an der Velhamuendung gelandete Deutsche:

Name:	Alter	Relg.	Stand	Profession	Heim.
-------	-------	-------	-------	------------	-------

Name:	Alter:	Relg.:	Stand:	Proff.:	Heimat:
Reinhold Gaertner	26. J.	Evan.	ledig	Ld.wirt	Braunschweig
Franz Satlenthien	24. "	"	"	"	"
Paulo Kellner	23. "	"	"	"	"
J. Ritscher	22. "	"	"	Geometer	Hannover
W. Friedenreich	27. "	"	verh.	Tierarzt	Preussen
M. " "	24. "	"	"	Ehefrau	"
K. " "	3/4 "	"	ledig	Tochter	"
K. " "	2. "	"	"	"	"
D. Pfaffendorf	26. "	"	"	Ld.wirt	Sachsen
Fr. Geier	27. "	"	"	Zimmermann	Holstein
Fr. Riemer	46. "	"	verh.	Schmied	Preussen
E. Hoffmann	22. "	"	ledig	Klempner	"
A. Kuhlmann	52. "	"	verh.	Tischler	"
J. Kuhlmann	44. "	"	"	Ehefrau	"
M. " "	20. "	"	ledig	Tochter	"
Chr. " "	17. "	"	"	"	"
A. Boittcher	22. "	"	"	Schmied	"

Bemerkt sei hier, dass Dr. Blumenau seit dem Tage der Gruendung seiner Kolonie alle Buecher und Schriftstuecke die sich auf die Kolonisation, Einwanderung, Landerwerb, Zivilregister, Arbeitslisten u. s. w. beziehen in der Landessprache fuehrte und schrieb.

Nach dem Eintreffen der 17 Einwanderer und deren Unterbringung in provisorisch hergerichteten Raeumen und der Abfindung und Abreise des seitherrigen Teilhabers Fredinand Hackradt, Ende Dez. 1850 begann Dr. Blumenau zunaechst damit, dass von seinem Teilhaber versaeumte mit Hilfe seines Neffen und der uebrigen Einwanderer, wie durch Heranziehung benachbarter Ansiedler nachzuholen.

Dr. Blumenau der das Terrain an der Velhamuendung zur Anlage eines Flusshafens und Bau eines Einwanderer Empfangshauses, Verwaltungsgebaeudes weniger geeignet fand er das Terrain der Muendung des Garciaflusses-flussabwaerts, 1 km entfernt liegend, erwaehlte das Gebiet zwischen den Muendungen des Garcia und Velhafusses, zu der Anlage eines Stadtplatzes mit Sitz der Verwaltungsbehoerdenu. s. w. Zu diesem Zwecke erwarb er die an und unliegenden Laendereien am rechten und linken Ufer (scharfe Ecke) des grossen Itajahyflusses.

Die Provinzialregierung bewilligte Dr. Blumenau zu dem im Juni 1848 konzessionierten Squadrat Meilen devolute Laendereien und weitere 8 quadrat Meilen landangrenzend an die erste Konzession. Im Hafenbezirk Itajahy erwarb Dr. Blumenau, teils von der Regierung, t teils von Privatbesitzern das erforderliche Land an der Muendung des Itajahy-Mirim (kleine Itajahyfluss) in den grossen Itajahyfluss, unweit des Meeres, zum Bau eines Empfangshauses und Niederlagsraeumen fuer Bagage und Frachtgut, u. s. w.

Der detaillierte Nachweis der erworbenen Laendereien zur Anlage und Erweiterung der Kolonie in der Periode der Privatkolonie erfolgt spaeter uebersichtlich in einem von Dr. Blumenau aufgestellten Inventar.

Sorge und Arbeit ueberhaeuften den Unternehmer, besonders war es jetzt die Geldfrage, das er bisher von Deutschland vergeblich auf die Regelung des Nachlasses seines Vaters wartete und von der Regierung in Rio de Janeiro keine Nachricht ueber die Bewilligung eines Darlehens erhalten hatte.-

In dieser Zeit der Not liessen ihn jedoch seine Freunde in Rio de Janeiro nicht im Stich. Er erhielt Hilfe zugesagt mit der Aufforderung schnell nach Rio zu kommen. Er ordnete schnell die Angelegenheiten zur Fortsetzung des Unternehmens und liess die Acker

wieder bestellen. Die Leitung der Koloniarbeiten uebertrug er seinen Neffen Reinhold Gaertner.

Im Januar 1851 traf Dr. Blumenau in Rio de Janeiro ein; hier half ihn zunaechst ein wackerer und trefflicher Landsmann mit Geld und er wurde von seiner Majestaet dem Kaiser D. Pedro den 2. und einigen hochstehenden Persoenlichkeiten freundlichst empfangen, die seine Kolonisationsplaene einer naecheren Einsicht wuerdigten, und Sorge trugen, dass das erbetene Dalehen von 10:000\$000 ausgezahlt wurde.

Es fehlte dann nicht an allerlei Schikanen und Indrigien von neidischen und missguenstigen Personen, die die Interessen anderer Kolonisationsunternehmer in Rio vertraten. Auch trafen Dr. Blumenau neue materielle Verluste, er kaufte in Rio de Janeiro zu der Anlage einer Zuckerrohrmuehle und Verarbeitung des Saftes zu Zucker und Zuckerrohrbranntwein, Spiritus u. s. w. Aparate und Geraete, ferner eine Anzahl Bienenstoecke, 75 Pflanzen vorzueglicher Obstarten aus Suedfrankreich und einige fuer die Kolonie notwendigen Waren. Im gesamt-wert von etwas ueber 3:000\$000 aller erwaehte schickte Dr. Blumenau mit einer Brigg (Segelschiff) nach dem Hafen Sta. Catharina waehrend er selbst in kraenklichen Zustand einen Kuestendampfer benutzte. In Desterro wartete er vergeblich auf Ankunft der Brigg. Das Schiff war kurz vor der Einfuhr im Hafen von Sta. Catharina von einem englischen Kriegsschiff, als des Sklavenhandel resp. Transport verdaechtigt, angehalten und untersucht. Das Schiff hatte 6 Mann Besatzung, 3 Passagiere, darunter ein Freund Dr. Blumenaus, Herr Pfaff, und brachte ausser der in Rio gekauften Waren u. s. w. Dr. Blumenaus einen groesseren Posten Waren in Werte von zirca 20:000\$000 fuer einen deutschen Kaufmann in Desterro. Der Kapitaen des englischen Schiffes, dem Genuss alkoholischer Getraenke derartig ergeben, dass er bald nachher auf der selben Reise in Zwangshacke und Eisen gelegt gelandet werden musste und dort starb, erklaerte die Passagiere des Schiffes, als nicht in Ordnung, bezichtete Besatzung der ungebuehrlichen Behandlung des englischen Schiffes, nannte sie Piraten und bestimmte die Brigg nach Sta. Helena zu schlaeppen- trotz energischer Reklametionen, wurde von England nach Untergang der Brigg, keinerlei Entschaedigung gezahlt; Dr. Blumenau erhielt durch seinen Freund Pfaff nur 2 Bienenstoecke und eine Kiste Pflanzen, die beim Untergang der Brigg auf das englische Schiff gerettet waren.

Der Verlust traf Dr. Blumenau, nachdem er kurzvorher Nachricht von dem am 19. Mai 1851 erfolgten Tode seiner Mutter im Alter von 76 Jahren erhalten hatte. Zu diesen schweren Verlusten, fand er nach etwa halbjaehriger Abwesenhaeit von seiner Kolonie Januar-Juli 1851 - auch dort Verluste, die ihn empfindlich trafen; Viehverluste, die Zerstoeerung der Saegemuehle durch Hochwasser welches auch die Pflanzenwelt beschaedigt hatte, verursachten neue Geldopfer, neue Arbeit.-

Erst nach und nach erholte sich Dr. Blumenau wieder von den verschiedenen schweren Verlusten, er nahm wieder regen Anteil der von seinen Neffen geleiteten Arbeiten und griff bald wieder taetig ein.

Waehrend seiner Abwesendheit hatte sein Helfer Reinhold Gaertner ein Tagebuch gefuehrt, das mit dem ersten Januar 1851 begann und indem die Witterungsverhaeltnisse, Tagesereignisse taeglich notiert waren.

Im selben Verhältniß, wie der Lauf des Flusses schneller, wird auch der Wald an den Ufern gewölbter. Herrliche Waldkuppen treten an einzelnen Stellen bis dicht an den Strom und gewähren wundervolle Ansichten. Eher als man es erwartet, legt das Canot an, man steigt den Barranco des Flusses hinauf und steht vor der Stadt Blumenau.

Da muß ich aber vor allen Dingen eine Anmerkung machen, um meine Leser nicht zu täuschen. Es geht mit manchen Dingen und Namen, wie es mit jenem Löwen im Sommernachtstraum geht: er ist kein rechter Löwe und das Publikum braucht nicht vor ihm zu erschrecken. Und so ist auch manche Wand keine wirkliche Wand, und hundert mal ersetzt eine Laterne auf der Bühne des Lebens den Mondschein. Von Stimmung und gutem Willen hängt zuletzt alles ab. Kaum brauche ich an Heine's Brockenjüngling zu erinnern, der die gelbe lederne Hose im Glasschrank als umnebelten Mond apostrophirt und in einen Ossianischen Hymnus ausbricht.

Stadt Blumenau! Geneigter Leser! Wenn du, wie ich, einige Stunden des Morgens und den ganzen vorhergehenden Tag im Prokrustesbett eines Itajahycanots eingezwängt gewesen wärest, du würdest mit unendlicher Liebe und Nachsicht dem vor dir liegenden Etablissement die Qualität einer Stadt und der Stadt den Namen Blumenau von Herzen geschenkt haben.

Die Stadt Blumenau hat den besten Willen, eine Stadt zu werden. Vorläufig fehlt ihr aber alles, was eine Stadt constituirt. Von Kirche, Administrationshaus und sonstigen öffentlichen Bauten ist noch keine Spur zu sehen, auch stehen so wenig Häuser am Wege, daß man unwillkürlich fragt: Wo ist nun aber die Stadt?

Ein Empfangsschuppen gleich links ist in seiner einen Hälfte fertig, die andere ist ein von Pfeilern getragenes Dach. In der ersten Hälfte ist ein Raum für eine provisorische Schule und für einen provisorischen Betsaal, und einige Abteilungen für etwaige Neuankommende, welche unbedingt nicht freundlich impressionirt werden.

Sehr hübsch ist dagegen das Wirtshaus des Herrn Friedenreich, wo Dr. Blumenau wohnt und wir uns ebenfalls einquartierten. Herr Friedenreich ist ein mit sehr guten Kenntnissen ausgerüsteter und vollkommen wohlerzogener Veterinär, dessen freundliche, gutgesinnte junge Frau ihr Haus wohl regiert; doch wollen wir von meinen lieben guten Emigranten in Blumenau nachher noch einiges erzählen.

Zu beiden Seiten des ziemlich schlecht gehaltenen Wegs stehen nun einige ganz hübsche Häuschen bis gegen eine Höhe hinwärts, wo ein sehr gutes Pastorenhaus gebaut wird und eine Kirche projektiert ist; irgendwelche Spur ist noch nicht davon zu sehen. Das Ganze macht immerhin einen recht freundlichen Eindruck, besonders wenn sich der Neuankommende erst an den Euphemismus "Stadt" Blumenau gewöhnt hat.

Neben dem Eindrücke des Freundlichen und Friedlichen macht das Etablissement aber auch einen Wehmütigen Eindruck. Wohin man blickt, wohin man geht, wo man steht, überall sieht man, daß es absolut an Geldmitteln fehlt, um dem Gemeindewesen fortzuhelfen und die Colonie als eine Gesamtheit zum Blühen zu bringen. Kaum hier und dort ein Stückchen Weg, kaum hin und

wieder ein Steg, nichts hat den Ausdruck einer Abrundung oder auch nur eines Fortschreitens zu einer solchen Abrundung. Was an Wegen und Stegen gut gewesen sein soll, ist von der Überschwemmung vernichtet worden. Seitdem fehlen die Geldmittel. Dr. Blumenau war, wie ich schon ersthin sagte, eben von Rio zurückgekommen, ohne dort neue Unterstützung gefunden zu haben. Seinen mit der Regierung gemachten Contract kann der gute Doktor nicht erfüllen, und ich kann mich nicht überzeugen, daß eine weitere Entwicklung seines Unternehmens möglich ist.

Diese negative Überzeugung liegt nicht allein im Mangel an Geldmitteln begründet. Wollte ich meine Ansichten hier entwickeln, warum ich der Colonie Blumenau, wie sie jetzt steht und liegt, keine gute Prognose stellen kann und stellen darf, so müßte ich gar manches darstellen, was wegen seines Specialcharakters kein Interesse für die Öffentlichkeit haben kann. Mein guter lieber Blumenau und ich haben uns in der Zeit meines Aufenthalts am Itajahy halb tot disputiert, ohne uns in gar manchen Meinungsverschiedenheiten auch nur um einen Zoll zu nähern. Wenn mich nicht alles täuscht, so ist Blumenau's Colonieunternehmen ein schlagender Beweis, daß das Privatunternehmen eines einzelnen in Colonisationsangelegenheiten nicht rein und frei von mancherlei Einwendungen zu halten ist, Einwendungen, die sich hier und da selbst zu gerechten Vorwürfen steigern lassen.

Werfen wir nun einen Blick auf diejenigen, welche als Einwanderer sich am Itajahy niedergelassen haben, so finden wir zu unserer Freude, daß die Hand der Vorsehung auch hier den deutschen Fleiß reichlich segnet. Das Land am Itajahy ist ausgezeichnet, alles gedeiht in reichlicher Fülle, namentlich ist der Zuckerrohrbau in ~~den Nordprovinzen aus Mangel an arbeitenden Sklavenkräften~~ schönsten Beginnen und verheißt eine glänzende Zukunft im selben Verhältnis, wie der Zuckerrohrbau in den Nordprovinzen aus Mangel an arbeitenden Sklavenkräften abnimmt.

Gleich am folgenden Tage nach meiner Ankunft machten wir einen hübschen Spaziergang durch den größeren Teil der Colonie, welcher sich an dem kleinen Flüßchen Garcia hin erstreckt. Herr Friedenreich und Herr von Gilza, früher Artillerieoffizier, der jetzt Lehrer der Colonie ist, und wacker und gewissenhaft seinen Posten ausfüllt, begleiteten uns.

Auch hier am Itajahy und an der Garcia überkam mich jenes Gefühl von Staunen, Achtung und Bewunderung beim Anblick der Riesenarbeit, die der deutsche Arm durchsetzt. Da reiht sich, gerade wie in Rio-Grande und seinen Colonien, ein Schlachtfeld an das andere an; tief hinein in den Wald hat sich die Axt gehauen, weit um sich hat das Feuer gefressen und das verzehrt, was nicht feuerfest war; aber die echten Waldriesen sind feuerfest: Zweige und Äste sind verbrannt, aber die Stämme sind nicht verkohlt, kaum etwas angebrannt, und mögen noch manches Decenium liegen, ehe sie vermodert sind. Und zwischen diesem Wirrwarr schwankt das dichte Zuckerrohr hin und her, und mancher hübsche Weideplatz ist dem Urwald längst abgewonnen. Man vergesse nicht, daß ich im sogenannten Winter, im Juli, am Itajahy war, und deswegen weniger von dem lebhaften Colorit des Waldes und des Landbaues rede.

Geht man nun von einem Coloniehäuschen ins andere, so findet man mehr oder minder zufriedene Menschen.

Am glücklichsten sind diejenigen, die in Europa allein auf ihre tüchtigen Fäuste angewiesen waren. Ehemalige Tagelöhner, Knechte, Gärtner usw. gedeihen glänzend, zumal dann, wenn sie mit einer gesunden Frau verheiratet sind und alle Jahr ein Kind bekommen. Sie erinnern mich lebhaft an ganze Gruppen in S.-Leopoldo und Sta.-Cruz in Rio-Grande. Wirklich köstliche Familien trifft man dort und hier. Leute, die mit nichts anfangen, haben sich trotz vieler Schwierigkeiten herausgearbeitet und sind glücklich geworden, ja viele haben manche nicht ganz unbedeutende Schulden abarbeiten können.

Weniger günstig, ja zum Teil recht ungünstig sind die gestellt, welche in Europa den Übergang vom Land zur Stadt bildeten und vielleicht nicht aus dringender Not auswanderten. Namentlich sind die Frauen und Töchter in solchen Familien zu bedauern. Die Männer finden in der harten Urwaldarbeit und in dem Gelingen des Werks immer noch Trost, sehr häufig selbst Freude. Die Frauen aber, die in der schlechten Hütte oder dem Colonistenhäuschen wohnen, gedenken mit heißer Sehnsucht der kleinen, freilich armseligen, aber dennoch saubern Heimat, in der ihnen dieser und jener Lebensgenuß, manche Freude und immer die Hoffnung auf ein Besserwerden gegönnt war. Nicht so in den entlegernen Picaden an der Garcia! Ich traf eine Familie aus Hamburg inmitten einer eben sich entwickelnden Colonie. Der Mann war leidlich zufrieden und mutig. Die Frau aber war gedrückt! Das Haus ist noch gewaltig offen an allen Ecken und Enden; zwischen den schlanken Palmenstämmen, die meistens noch die Wände bilden, weht der Wind noch recht lebhaft durch, und der Verschlag, worin die Frau mit ihren drei Töchtern wohnt, ist noch lange, lange keine Wohnstube, wie mancher europäische Hausrat, der letzte Rest einer sauberen Aussteuer, auch an den Pseudowänden umherstehen mag. Am allerwenigsten aber passen die Kinder, wie sie jetzt noch aussehen, da hinein. Ein hübsches erwachsenes Mädchen von sauberm Ansehen zeigt Zoll für Zoll, daß sie nicht für Axt und Hacke aufgewachsen ist. Eine zweite Tochter von etwa zwölf Jahren, die infolge der Seereise am Schiffstyphus gelitten hat, aber bereits wieder rüstig umhergeht, strahlt in wirklich lieblichen Farben und einer reizenden kindlichen Verschämtheit, die dem großgewachsenen Kinde so schön steht. Und nun noch ein drittes kleines Mädchen, eine kleine wilde Hummel von hübschem Ansehen: was will das im Urwald? Alle leben in einer Art von Verbannung! Ja, wenn die Mädchen tüchtige Bauernmädchen wären und die Axt schwingen könnten! Da bekämen sie nach der Reihe bald einen derben Mann, und das lebensfrische Ehepaar wäre im Stande, die Waldbäume mit der Wurzel auszureißen. So aber wie sie beschaffen sind, leiden sie tief an der Auswanderung nach Blumenau, von dem man in deutschen Zeitungen so viel Schönes gesagt hat. Und kann man es am Ende einer Mutter verdenken, wenn sie, ohne einmal an sich selbst zu denken, beim Anblick ihrer Töchter und der Urwaldwirklichkeit in tiefes Heimweh versinkt?

Auch Krankheit schlägt haft hinein in das Colonistenleben. Das Leben ist nur für gesunde Leute, nicht für Kranke. Im Hause des Anbauers ist ein Krankenlager, auch fehlt es an einem wirklichen Arzt. Da aber im Colonistenleben ein jeder seine Bedeutung hat und selbst zehnjährige Kinder mit ihrer Arbeit wichtig sind, so ist jedes Kranksein immer ein Rückschritt, ein Ausbleiben der Arbeit, auf die man rechnet. Ich habe Kinder von zehn Jahren gesehen, die sich zu kleinen Arbeiten vermießt hatten, und außer dem Essen und Trinken täglich vier Silbergroschen verdienten. Erkranken sie, so bleibt den Eltern eine bedeutende Hilfe aus, was in Europa nicht so allgemein gesagt werden kann

nun Und wenn ~~nun~~ solche Kranke an den letzten Enden wohnen! Tief im Walde trafen wir eine eben gehauene Roça. Zwischen den umgeschlagenen Bäumen stand ein sehr armseliges Häuschen, eine echte Palmitenhütte. In ihr saß eine eben vom Typhus aufgestandene Frau, die sich einen Waldvogel zum Essen abrufte; ein kleines Kind spielte um sie. Der Mann war abwesend. Das Ganze machte einen düstern Eindruck auf mich. Wer nur von der Romantik des Urwalds und des Colonistenlebens träumte, mag sich solche Szenerie einmal recht ausmalen. Besonders sollten diejenigen sie sich recht ausmalen, welche im Begriff sind leichtsinnig auszuwandern.

So findet man denn beim Durchsuchen des Colonistenlebens zwischen Fluß und Wald viel Frendiges, viel Betrübendes. Ich glaube bestimmt; daß alles auch am Itajahy sich vielmehr regeln und zum vollkommenern Guten wenden wird, ja ich denke, daß das schon in wenig Jahren geschehen wird, wo es einer verständigen Verwaltung mit reichlichen Mitteln gelingt allen Anforderungen der Billigkeit und Menschlichkeit vollkommen nachzukommen, wenn je im Menschenleben etwas vollkommen genannt werden kann.

So war denn bei meinem ersten Besuche einzelner Colonistenwohnungen in Blumenau mir ein im allgemeinen günstiger Eindruck geworden. Wer aber einzelne Glanzpunkte im Colonistenleben am Itajahy, oder vielmehr in Blumenau kennen lernen will, dem rate ich eine kleine Strecke weiter den Fluß hinauf zu fahren und beim Mecklenburger Landmann Prestien einzukehren. Dort findet er einen ganz ausgezeichneten, biedern und wohlerzogenen Landwirt, der aus seiner großen Colonie ein nettes, sauberes Gehöft gemacht hat, wie ich in deutschen Colonien auf brasilianischem Boden kein besseres gesehen habe. Prestien aber ist auch ein Mann, der mit Kopf, Herz und Faust gleich mächtig schafft, und den sich alle, die in Sta.-Catharina sich anbauen wollen, erst einmal ansehen soliten und ihn um Rat fragen. Jammerschade, daß solch eine Persönlichkeit nicht weiter ausgreift und einen Wirkungskreis hat, der über die eigene Zuckerrohrpflanzung hinausgeht. Ich hörte am Itajahy, Prestien hätte eine Arbeit über den Landbau am Itajahy zum Druck nach Deutschland gesandt. Falls dem so ist, so muß ich auf alle Weise darauf aufmerksam machen: Besseres möchte in den nächsten Zeiten unbedingt nicht zu erwarten sein, und es sollte jeder, der nach dem Itajahy auswandern will, sich jene Arbeit recht zu eigen machen. Übrigens soll Prestien fortwährend nicht unbedeutende jährliche Subsidien von Europa beziehen.

Außer Prestien muß aber auch Herr Herbst besucht werden, gewöhnlich der "Alte Herbst" genannt. Ich besonders nenne ihn hier so, um ihn von seinem wackern Sohn und meinem botanischen Freund Herbst in Rio de Janeiro zu unterscheiden, der kürzlich höchst rühmlich eine botanisch-gartenkünstlerische Sendung nach Mauritius für die kaiserliche Regierung ausgeführt hat, und im Begriff ist einen Kunstgarten in Rio anzulegen.

Der alte Herbst ist aber gar nicht alt, sondern von einer unverwüstlichen Jugendfrische. So wie er, als ehemaliger preußischer Beamter, eine sehr gute Erziehung mit frischer, tüchtiger Arbeitskraft vereint, so ist auf seinem Grundstück die anmutigste Gartenromantik mit prächtigem Feldbau vereint. Sein Haus liegt auf einem ziemlich hohen Vorsprung über dem Flusse, welcher Vorsprung sich in einer Felsmasse in die Flut hineinsenkt. Das Haus ist allerliebste; der Vorsprung bildet einen kleinen schwebenden Garten von nettem Geschmack mit wunderhübschen Pflanzenformen. Dorthängt hoch über dem Flusse eine natürliche Steinbank, die wirklich reizend liegt oder hängt, wie man das gerade nennen will. Wer so griesgrämig an den Itajahy kommen sollte, daß ihn der lebensfrische alte Herbst nicht gleich beim ersten Begegnen auftaute, der setze sich einen Augenblick auf die Loreleibank eines Felsens über dem Flusse und gestehe sich, daß es doch viel Wundervolles in der Welt gibt, oder er werfe sich von oben hinunter, denn er taugt nichts mehr für das Leben und ist unverbesserlich.

Übrigens wohnt Herr Herbst nicht auf dem eigentlichen Gebiet der Colonie Blumenau, sondern außerhalb derselben, gerade so wie manche andere und zwar höchst tüchtige Anbauer am Itajahy. Es hat das seinen tiefen Grund in einigen Mißverhältnissen, welche von eigentümlichen Ansichten des Dr. Blumenau über den zweckmäßigsten Verkauf seines Colonielandes herrühren, und die ich absolut nicht teilen kann.

Beim Rückweg von Herrn Herbst besuchten wir auch eine große Ziegelei, wo eine recht liebe Familie wohnt, die mir freilich nicht zum Ziegelbacken am Itajahy geboren und erzogen zu sein scheint. Dennoch arbeitet der Familienvater Schäfer aus Pommern unverwüstlich mit seinen heranwachsenden Söhnen, und seine lebhaft und wohlerzogene Frau bewahrt bei allen Entbehrungen und vieler Arbeit ihren jugendlichen Lebensmut mit einer seltenen Elastizität. Man weiß schon gern eine Stunde in einer so freundlichen Familie, wenn man auch mit einem leisen Bedauern weiter zieht und sich nicht verhehlen kann, daß derjenige einen tiefen Blick in das menschliche Gemüt geworfen habe, der als eine ernste Strafe die Exportation übers Meer ins ferne Land vorschlug.

Orde?

✓

x

pois hoch
scheffer!

Selbst wo die Exportation aus freien Stücken, die Auswanderung mit lebensfrischem Mut geschieht, sinkt manchmal die Fassung auch des stärksten Gemüts auf Augenblicke, Tage, Jahre, und mehr als einer mag vergebens noch am Grabe neben dem Urwald die Hoffnung, die alte Heimat wiederzusehen, aufpflanzen. Ich kenne sogenannte starke Gemüter, die lauten Tadel aussprechen über jene schwachen Seelen, welche an einer europäischen, vaterländischen, heimatlichen Scholle haften, und nicht am „großen Ganzen“, an dem wirklichen „weiten Vaterland, der Welt“ mit helfen wollen. Zu diesen Starken gehören namentlich die Agenten der Auswanderung, die per Kopf 30-40 Taler bekommen und recht eigentlich des Krebschaden der Welt bilden. Mögen sich aber die schwachen Seelen, die nun einmal ausgewandert sind, ihrer lebhaften Heimatserinnerungen nicht schämen, sondern recht eifrig sich ihre neue kleine Heimat im fremden Lande herausbauen nach Muster der ältern, lieberr! Das wünsche ich besonders den Auswanderern von besserer Gesittung und Gesinnung.

Der kosmopolitisierende Reisende wird aus seinen weltanschaulichen Betrachtungen oft durch Kleinigkeiten herausgerissen. Oft ist's ein Stein, den er aufhebt, oft findet er eine Euphorbiacee, die ihn anzieht, oder ein Schmetterling flattert vorüber und die Freude des Reisenden an der ganzen Welt konzentriert sich im kleinsten Rahmen. Bei Schäfer's war es ein süßes Kind von sieben Jahren, was mich vor allem begeisterte. Es gibt nun einmal nichts Wonnigeres als solch ein Kindergesicht, und es läßt sich auch gar nicht singen, sagen und beschreiben: besonders nicht denen, die eine Beschreibung vom Itajahy haben wollen und sich gar nicht um das liebe flachköpfige Kindergesindel am Ufer des Flusses kümmern mögen.

An einem folgenden Tage machten wir eine gar herrliche Fahrt den Itajahy hinauf, um weiter durch den Wald bis zum Salto, dem Wasserfall des Itajahy zu gelangen. Je höher man den Fluß hinauf kommt, desto heftiger braust er, und wer nicht ganz besonders geschickte Canoeiros, Canotführer hat, nehme sich recht in Acht. Herrlich gestalten sich zwischen dem Anbau oben auf den Ufern einzelne schroffere Waldpartien und Felsbildungen, um welche trotz der ausruhenden Jahreszeit oft ein ganzer Frühling zu blühen scheint. Wie herrlich muß der Itajahy um Fastnacht sein, wenn der Wald seine vollen Blütenreichtümer ausgestreut hat und tausend bunte Schmetterlinge um die luftigen und duftigen Kelche umherflattern und aus ihnen den Himmelstau schlürfen.

Bei einer der letzten Ansiedlungen hielten wir mit unserm Canot still und stiegen aus, da ein Befahren des Flusses höher hinauf leicht zu einer unfreiwilligen Badepartie Anlaß gibt. Hier trafen Burkart und ich unsere beiden treuen Begleiter Friedenreich und von Gilza.

Ein köstliches junges Ehepaar wohnt hier, Auswanderer, wie sie womöglich alle sein sollten; beide blutjung, gesund bis zum Platzen und gewiß unendlich ineinander verliebt. Sie haben sich aus Palmstämmen das Häuschen ungemein zierlich zurechtgezimmert; die Wohnzimmerteilung ist hübsch geschmückt mit kleinen Bildchen, bunten Tukanfellen und andern farbigen Waldgeschichten. Hinter dem festen Tisch ist eine feste Bank aus kleinen Palmstämmen, mit einer eben solchen Fußbank gemacht; man kann keinen gemütlicheren Winkel für zwei Personen sehen. Ein kleines Gärtchen vor dem Hause hat nicht nur einige hübsche Blumen, sondern sogar höchst zierliche Schneckenhausverzierungen und Muscheleinfassungen. Das ist die provisorische Spielerei der jungen Frau, Faute de mieux, denn sie ist noch nicht lange verheiratet. Dazu ist das Feld hinter dem Hause köstlich bestellt, und das Zuckerrohr wuchert hoch auf. Es ist eine helle Freude, so jungem Ehevolk ins Gesicht, ins Haus, ins Feld zu schauen! Da ist alles Zufriedenheit, Glückseligkeit, fröhlicher Lebensübermut, da trifft man die r e c h t e n Einwanderer, die r i c h t i g e Menschenklasse, die beim Colonisieren den Nagel auf den Kopf trifft. Und, das muß oft offen gestehen, von diesem Schlage trifft man die meisten in solcher Colonie, selbst da noch, wo eine vorhergehende europäische Erziehung ihnen die Feldarbeit, die ihnen unter dem Drucke der Heimats-

etikette verboten war, nicht eben zu erleichtern scheint. Wie ist es denn am Ende mit den meisten jungen Ehepaaren in einer neuen Colonie? Das junge Volk wandert aus, weil es heiraten möchte und unter dem Drucke der Verhältnisse nicht heiraten darf. Oder sie verlieben sich unterwegs; auf einem so engen Schiffe kann man sich nicht ausweichen. Ist gerade ein Pastor an Bord, so kommen unterwegs Trauungen genug vor. Wo nicht, so müssen sie Huon und Rezia spielen. Glücklicherweise geht aber das Schiff nicht deswegen zu Grunde: wie viel Colonisten-schiffe würden sonst ankommen? Angekommen, übernimmt das junge Paar ein Stück Land; beide machen sich eine provisorische Hütte, beide schlagen ihre Roça; der Mann geht tageweise auf Tagelohn, damit sie etwas zu essen haben, und so dauert es gar nicht lange, bis sie ihr Palmenhäuschen fertig haben und ihre kleine Colonie in Ordnung ist, gerade wie bei jenem jungen Ehepaar, wo wir anlegten. Und da sie nun alle gern heiraten wollen, alle, welche jung nach dem Itajahy, oder sonst wohin wandern, so ist selbst bei jungen Leuten, namentlich bei jungen Mädchen, die Partie bald gewonnen. Sie packen die Axt beim Stiel und heiraten ganz getrost und unbefangen, man kann keinen köstlichen Communismus sehen.

Wir gingen in den Wald hinein und kletterten meistens längs des Flusses über alle Hindernisse hinweg, welche die Natur dem Wanderer im Urwald entgegenstellt. Baumstämme sind umgeworfen und liegen zu den bizarrsten Barrikaden umher, Schlingpflanzen versperren den Weg, Felsblöcke müssen umklettert werden, oder man voltigirt mit Händen und Füßen längs einer jungen Palme, die gerade über einen Bach hinüberhängt. Es ist eine rechte Turnfahrt solch Wandern. Dazu knallt wohl die Jagdbüchse dazwischen, und oben aus dem Gipfel des schlanken Araçabaumes stürzt ein prachtvoller Tukan herab, der eine ebenso ausgezeichnete Suppe wie einen leckern Braten abgibt.

Dann braust der Strom heftiger. Man steigt aus dem Walde heraus ans Flußbett. Die ganze Flußbreite ist von schwarzen Felsen durchsetzt, zwischen welchen in einer Menge von kleinen Wasserfällen der Itajahy hindurchbraust. Eine herrliche, wilde Urwaldszenerie, an der man sich, am stillen Ufer auf dem überschatteten Gestein lagernd, nicht satt sehen kann!

Unterdeß haben sich die Canoeiros mit ihrem leichten Fahrzeug den Fluß hinaufgearbeitet, nicht ohne tüchtig durchnäßt zu sein bei so mancher Gelegenheit, wo eine brausende Cachoeira, eine Stromschnelle zu besiegen war. Um aber den eigentlichen Salto zu sehen, muß man ans jenseitige Ufer fahren.

Wir schifften uns ein. Die Fahrt schien mir höchst riskant zu sein. Hart neben den kleinen Wasserfällen ward das Canot zwischen Felsen durch die schäumende und wirbelnde Flut gegen den brausenden Strom angetrieben, der fast unbesiegbar schien. Kaum gewannen die Canoeiros einen Fuß breit nach dem andern und gelangten so ans jenseitige Ufer, wo das Wasser ruhiger war. Wir stiegen aus und begannen eine keineswegs gefahrlose Kletterei.

Unmittelbar am tobenden Fluß erstrecken sich ganz nackt die Felswände in zyklischen Massen aufwärts. Von Block zu Block muß man längs der schroffen Wand hinklettern, ja manchmal hängt man im eigentlichsten Sinne des Worts über dem Wasser und muß sich mit den Händen aufwärts ziehen. So gelangt man an den eigentlichen Salto.

Hier hat das Wassergewalt eine mächtige Bresche gerissen durch die hemmenden Felsmassen. Mit rasender Gewalt stürzt der Strom gegen das schwarze Tor und tobt hinab in den Abgrund. In wilden Wirbeln legt er dann vollends den Weg zurück zwischen den zerhackten Wänden des Kanals und tritt endlich heraus aus der wilden Sturzpartie.

Burkart verglich den Fall mit dem Rheinfall bei Schaffhausen. Wild genug ist er schon und allerdings herrlich und großartig, obgleich er mit dem Fall von Caveiras bei Lages an Massenhaftigkeit gar nicht zu vergleichen ist.

Auf dem kahlen Felsen des Salto hielten wir unser Frühstück. Hoch über uns hingen die schweigenden Waldkronen, neben uns donnerte der Strom hinunter; keine Menschenspur, kein Kulturversuch hatte hier die wilde Natur beleidigt.

Unsere Canoeiros hieben mit ihren Waldmessern eine Picade oben durch den Wald, um uns das Klettern über den Felsen zum Canot hin zu ersparen. So kamen wir zwar langsamer, aber auch ohne alle Gefahr zum Canot zurück und schifften uns wieder ein. Pfeilschnell schoß der ausgehöhlte Baumstamm im brausenden Wasser dahin, aber eben nur eine Strecke. Es war geratener für uns, uns zu Fuß weiter durch den Wald zu schlagen und das Canot weiter unten warten zu lassen am kleinen Gehöft des jungen Ehepaares, wo wir uns am Morgen getroffen hatten.

Da hatte die junge Frau sich denn ganz hübsch angezogen und uns ein Mittagessen gemacht, so gut eine beginnende Colonie das erlaubt.

Mit herzlichem Danke schieden wir von den guten Leuten und fuhren den Fluß abwärts. Bei vielen kleinen Ansiedelungen, unter deren Flußrand wir durchfuhren, standen die Männer auf der Lauer, um uns als Ehrensalve ihre Flinten loszuschießen. Das gab ein lustiges Knallfeuer, was wir mit der Artillerie unserer Fregatte, mit Büchsen und Pistolen nach Kräften erwiderten, bis wir unten am „Stadtplatz“ anlegten.

Unmöglich kann ich in der Erinnerung an Blumenau an den Stadtplatz anlegen, unmöglich von ihm Abschied nehmen, ohne mit der herzlichsten Dankbarkeit und wirklicher Rührung an eine Gruppe guter, lieber Menschen zu denken, die daselbst wohnen, und mir in so ununterbrochener gütiger Weise die lieben Asyle ihrer Häuser geöffnet haben.

Um den einsam stehenden Dr. Blumenau hat sich eine Schar lieber Menschen versammelt, zum Teil mit ihm verwandt, die eigentümlicherweise zum großen Teil von braunschweigischen Pastoren herstammt. Ich war kaum in Blumenau angelangt, als alle den ihnen ganz fremden Reisenden, der ihnen am Ende ja ganz gleichgültig sein mußte, unter sich aufnahmen in jener zwanglosen und dennoch vollkommen europäisch gesitteten Weise, die immer das Wohltuendste ist, was der europäische Reisende treffen kann. Wenn die Wanderung des Tages durch wilde Naturszenarien hindurch, das Aufsuchen von halbkultivierten Roças, das leidenschaftliche Diskutieren über Colonisation zu Ende war: dann war es mir eine seltsame Wohltat, von den kaum aufgefundenen Freunden in ihre Wohnungen geführt zu werden, wo über aller wilden Naturszenarie, aller halbkultivierten Roça und jeglichem leidenschaftlichen Diskutieren erhaben und selbst erhebend, liebe Frauenhände und Frauensitte das Zimmer geordnet hatten, und zuletzt noch ein deutsches Lied aus deutschem Frauenmunde seinen orphischen Klang verbreitete.

Kaum darf ich hier einzelne Namen nennen. Ein liebes Pastorenehepaar habe ich am Itajahy kennen gelernt, den Pastor Herrn Hesse und dessen freundliche, edle Gattin. Sie wohnten damals oben im Hause des Herrn Friedenreich, bis ihr freundliches Haus fertig gebaut sein wird.

Je mehr ich beide achten und verehren gelernt habe, desto höher ist auch mein Unwille gestiegen über die ganze Art und Weise, wie man gegen den arglosen und biedern Mann gehandelt hat, als man ihn in Europa engagierte. Er ward zum 18. Nov. nach Hamburg zur Einschiffung bestellt, und legte am 14. Nov. sein Pfarramt nieder. Mit Frau und Kindern kam er nach Hamburg. Aber es lag kein Schiff segelfertig, wie sehr auch Hühn & Comp. ihn zum Kommen aufgefordert hatten. Erst am 6. Mai konnte er in See gehen. Unterdeß hat man ihm per Tag neun Silbergroschen bezahlt, womit der Betrogene nicht auskommen konnte. Für sonstige Anleihen hat man ihm Wucherzinsen abgefordert. Auch in Hinsicht der freien Passage nach Blumenau sind schlechte Geschichten mit dem arglosen Manne vorgekommen, ja man hat ihm nicht einmal vom Tage seiner Einschiffung an, sondern erst vom Tage seiner Ankunft in Blumenau an seinen Gehalt festgesetzt. Kurz man hat den Mann in solche Bedrängnis gebracht, daß er eine für seine Besoldung bedeutende Schuldenlast nach Blumenau mitgebracht hat, an deren Deckung er, so wie diese Deckung stipuliert ist, fünf bis sieben Jahre arbeiten muß, - ein freudiges Beginnen eines schweren Wirkungskreises im fremden Weltteil, zumal wenn man dafür eine liebe Heimat und eine Berufsstellung aufgegeben hat.

Auch die Zuerteilung eines Urwaldgrundstücks scheint mir eine schiefe Geschichte zu sein. Ein Pastor soll nicht selbst seine Roça schlagen, und die Frau Pastorin Hesse soll es auch nicht. Tagelöhnerarbeit ist zu teuer, was soll also der Pastor mit seinem Grundstück? Ich habe den Pfarrkindern vorgeschlagen, freiwillig das Land ihres Pastor zu bearbeiten, und ich hoffe, sie werden es tun.

Aber mein lieber geistlicher Freund am Itajahy läßt sein Gottvertrauen keinen Augenblick fahren, und es hilft ihm aller Wege. So hat seine Sorge, wie gewissenhaft er sie auch nimmt, uns in den Stunden unseres Beisammenseins keineswegs gestört, und ich möchte von Herzen, daß es ihm mit diesen Stunden ginge, wie mir selbst; sie sind mir keine verlorenen Stunden gewesen und werden es auch nie werden.

Am 25. Juli, dem letzten Tage meines Aufenthalts in Blumenau, war Gottesdienst. Ein Teil des Empfangsschuppens ist für den Gottesdienst eingerichtet worden; der kleine Raum war stärker besucht, als die Kirche in Rio zu sein pflegt. Die Rede des Pastors war ernst und gewaltig. Der Gesang der Gemeinde war von keiner Orgel begleitet, aber ging vollkommen gut seinen Gang. Aber wie erbärmlich war das Lokal, zumal im Vergleich mit dem Hotel.

Der 25. Juli am Itajahy! Der Tag ist mein Geburtstag, er ist der Geburtstag meines lieben jüngsten Töchterchens! Und nun war er gar ein Sonntag! Ja er endete, gerade als ob er am Itajahy recht mein Festtag werden sollte, mit einem Festabend, den uns allen ein freundliches Ehepaar bereitete, Herr Gärtner, der Neffe und Stellvertreter des Dr. Blumenau und dessen liebliche Gemahlin, das einzige Kind eines braunschweigischen Landpredigers. Ein Seitenhaus des hübschen und sauberen Wohnhauses war von Feenhand zu einer Festhalle umgewandelt, deren Wände von allem, was der Urwald an herrlichen Pflanzenformen nur immer liefern kann, dicht bedeckt und versteckt waren. Der Anblick war selbst für einen abgehärteten Reisenden, wie ich bin, entzückend: was würde ein Europäer, der nie an die Tropenzone hinanstreift, von der Pracht solcher Halle zu sagen gehabt haben?

Alle Güte und Liebe aber, die mir an jenem Abende zu Teil ward, verschweige ich hier, ich werde sie nie vergessen. Die allgemeine Fröhlichkeit hielt uns bis tief in die Nacht hinein zusammen, ja fast hätte uns das erste Morgengrauen des 26. Juli noch auf unserm Feste vom 25. ertappt.

Kaum einige Stunden darauf saß ich mit Dr. Burkart im Canot. Oben am Rande des Flusses standen meine lieben Blumenauer, zum letzten Male winkten wir uns zu; die Männer schossen ihre Flinten ab, unser Fahrzeug glitt um die nächste Waldecke und die Colonie war vor meinen Augen verschwunden.

Wie oft nun auch auf der weiten Reise ich mich namentlich von deutschen Landsleuten ungern trennte, so erfüllte mich dennoch diesmal mein Scheiden von den guten Menschen hinter dem Walde mit Wehmut.

Was könnte aus dem Itajahy werden! Welche Segensfülle kann sich an seinen Ufern entwickeln zum Heil und Gedeihen des brasilianischen Kaiserreiches und der Einwanderer! Wie mächtig und frisch zieht der schöne, breite und meistens auch tiefe Strom seine Bahn durch die dichten Waldungen! Wie köstlich ist nicht das Land auf seinen Ufern, wie gesegnet die deutsche Arbeit in seinen Feldern!

Und wie kommt es, daß, nachdem von Dr. Blumenau eine lebhaftere Anregung zur Bebauung der herrlichen Stromufer in gewissen Grenzen getan und eine rüstige Bebauung wirklich angefangen und zur ersten Entwicklung gebracht ist, augenblicklich eine gewisse Stockung, ein Schwanken, ein Siechen des jungen Unternehmens eingetreten ist? Wie kommt es, daß man von oben herab, nachdem man dem Blumenau'schen Colonisationsplan volles Gehör, willigen Vorschub und schöne Geldmittel ohne alle Prozente gegeben hatte, nun erst abwarten will, ob der Unternehmer auch seine kontraktlichen Verpflichtungen gegen die Regierung erfüllen kann und - was noch viel wichtiger ist - gegen alle diejenigen, die da voll Vertrauen allein oder mit Weib und Kind und dem letzten Reste ihrer Habe über Meer kommen?

Ich glaube keinen übereilten Ausspruch zu tun, wenn ich behaupte, daß es der Regierung viel weniger, ja kaum etwas darum zu tun ist, ob stricke Verpflichtungen gegen sie selbst erfüllt werden, wenn nur die Einwanderer zufriedengestellt werden und zur vollen Entwicklung ihrer Kräfte und Tätigkeit und damit zu einer festen Ansiedelung gelangen. Die Regierung hat eben nur ein einziges Interesse: das Aufblühen der Einwanderung und das Gedeihen der jungen Colonien. Dafür möchte sie alle nur möglichen Opfer bringen. Bei jeglichem Privatunternehmen aber wird aus diesem einen einzigen Interesse ein dreifaches. Die Regierung will ihr Interesse gegen den Coloniegründer behaupten und ihre Gelder nicht nutzlos verloren gehen sehen. Der Unternehmer will, und mag er sein, wer er auch will, aus der angeregten Einwanderung baren Geldnutzen ziehen, sie wird ihm zu einer Handelsspekulation, zu einem Geschäft und gerät so himmelweit ab von der Bahn eines h u m a n e n Unternehmens, daß es nicht ohne harte Verstöße gegen Billigkeit und Schicklichkeit durchzuführen ist, wenn auch immerhin ein gewisser Rechtsboden, ein vorher stipulierter Rechtsvertrag eingehalten wird.

Gelingt nun eine solche auf Menschenübersiedelung beruhende Geschäftsspekulation nicht, wie ja manchmal die besten Handelsspekulationen nicht gelingen, so soll die Regierung von ihrem Interesse, ihrem Rechtsboden abtreten und Indulgenzen eintreten lassen. Sie tut es ganz bestimmt, wenn sie die volle Überzeugung gewinnt, daß nun den dritten Interessierten, den Einwanderern, außer dem vollen Rechte auch volle Billigkeit, Nachsicht, Indulgenz usw. von seiten des vermittelnden Unternehmers geschehe. Möglich ist es, daß beim Blumenau'schen Unternehmen der Regierung diese volle Überzeugung nicht geworden ist, einer Menge von andern Umständen gar nicht zu gedenken, die einem nur einigermaßen aufmerksamen Beobachter beim Besuch der Colonie in die Augen fallen müssen.

Eine Diskussion darüber gehört nicht hierher. Wenn ich aber den ganzen Ernst der Frage, ob unter Blumenau's Leitung die Colonie Blumenau in einer a l l e n gerechten und genehmen Weise sich fortentwickeln könne, mir vor die Seele stelle, und ich mir dabei nicht verhehle, daß vielleicht der eine oder andere je nach meiner Beantwortung nach dem Itajahy wandern möchte, so kann ich die von mir aufgestellte Frage n i c h t mit Ja beantworten, kann mir nicht denken, daß die Colonie, so wie sie jetzt steht, weiter gehen kann.

Diese volle, klare, lebendige Überzeugung war es, die mich beim Abfahren der Colonie mit Wehmut erfüllte. Gerade all die freundlichen, wackern Menschen, mit denen ich zusammenkam, die mir so harmlos und gütig ihre Häuser öfneten, stehen dem Dr. Blumenau zunächst ja ganz nahe und verdanken gerade ihm und seiner Güte die Gestaltung des traulichen Asyls, was sie sich am Itajahy eingerichtet haben. Es würde ein hartes Eingreifen sein in die freundlichen Lebensverhältnisse am S t a d t - p l a z von Blumenau, wenn die Stellung des Doktors eine andere werden sollte.

Wenn aber einmal der Grund weggefallen ist, warum man jetzt mit abwartender Rücksicht und Zögerung die Geldquellen zur Belegung der Colonie sparsam fließen läßt, wenn einmal und zwar bald, so Gott will, die Regierung in vollster Freigebigkeit Mittel und Wege öffnet zur kräftigen Entwicklung der Anlagen am Itajahy: so wird die Colonie Blumenau zu einem Gedeihen, zu einer Kraftentwicklung gelangen, wie kaum irgendwo eine Colonie gedeihen kann. Menschen und Geld, beide von einer tüchtigen Persönlichkeit in Bewegung gesetzt, können und werden dort Wunder tun und aus der Einsamkeit der Gegend das lebendigste Treiben produzierender Kräfte hervorrufen. Dahin muß mit allem Eifer, mit aller Anstrengung und Beharrlichkeit gewirkt werden, und ich halte es recht eigentlich für Pflicht und Gewissenssache eines jeden, der den Strom besucht, darauf zu hoffen! Geld und Menschen, Menschen und Geld! Möchten beide doch bald im vollsten Maße dem Itajahy entgegenströmen in kräftiger Springflut! Menschen, nicht beschwätzt durch Agenten und lügenhafte Ankündigungen in den Zeitungen, sondern geleitet von

sicherer Überzeugung zur eigenen Kraft und deren freier, ungehemmtester Entwicklung; Geld, nicht in sparsamer, ängstlicher Verwendung und dem Rückhaltsgedanken, daß jeder einzelne auch dabei verdient, sondern in reichlichem Maße und zur vollsten Bestreitung des Notwendigen und Nützlichen, damit die Auswanderer gedeihen und kräftig aufwachsen, ohne unter der Ängstlichkeit eines Privatunternehmers zu leiden!

Nur keine Privatspekulanten wieder! Wie oft, ja wie ununterbrochen möchte ich das ausrufen, wenn vom Coloniesieren die Rede ist. Sie sind aber alle, auch die besten, wenn sie überhaupt gut sein können, Spekulanten; ich kann ihnen den Ausdruck nimmermehr ersparen, Spekulanten von verdächtiger ~~Frühung~~ Färbung und unklarem Charakter. Wenn sich noch ferner Unternehmer zu solchem Colonieunternehmen finden sollten, so lasse man sich nicht wieder darauf ein. Wenn ihre Sache auf nur einigermaßen guten Prinzipien beruhen will, so kommen sie nicht zu Stande und fallen auf halbem Wege zusammen, wie am Itajahy schon zwei derartige Beispiele existieren. Und statt der Auswanderungsfrage genutzt zu haben, tun sie ihr den größten Schaden. In ihrer eigenen Unzulänglichkeit desacreditieren sie das Land und finden die Schuld nie in sich, sondern in der Landesregierung, und salvieren sich durch eine gutgeschriebene Publikation in Europa.

Einen Augenblick führen wir bei den guten Schramm's vor, um uns von den biedern Leuten zu verabschieden. Auch zu einigen andern Anwohnern des Flusses, die außerhalb des Blumenau'schen Colonieverbandes wohnen, gingen wir, um möglich vieles zur Kenntnis des Itajahylebens einzusammeln, wobei ich vielfach Gelegenheit hatte, mich immermehr zu überzeugen, wie bedeutend der schöne Fluß zur Entwicklung eines kräftigen Colonielebens unter spezieller und direkter Pflege und Leitung der Regierung geeignet ist.

Am längsten verweilten wir beim Kapitän Floreß, einem der bedeutendsten Anwohner des Itajahy, der mir einige interessante Auskunft über Wege und Brücken gab, die von der Barre des Flusses zur Colonie angelegt worden waren. Es scheint alles wieder eingefallen und verkommen zu sein, und die ganze Arbeit muß von sachverständigen Leuten unter Verwendung hinreichender Geldmittel von neuem beginnen. Bis jetzt ist alles nur kümmerlich gewesen, manches vielleicht nur Scheinarbeit.